

GEOGRAFICIDADES BACHELARDIANAS:

DA VIVÊNCIA DO ESPAÇO À POÉTICA DO IMAGINÁRIO,
ENSAIOS E POSSIBILIDADES

Organizadores
Gustavo Abreu
Josué da Costa Silva



Temática
EDITORA

GEOGRAFICIDADES BACHELARDIANAS:

**DA VIVÊNCIA DO ESPAÇO À POÉTICA DO IMAGINÁRIO,
ENSAIOS E POSSIBILIDADES**

Organizadores

Gustavo Abreu

Josué da Costa Silva

1ª Edição

Temática Editora
Porto Velho - Rondônia, 2022

© Gustavo Abreu; Josué da Costa Silva *et al.*



Temática Editora | CNPJ: 07.835.363/0001-96
Rua Prudente de Moraes, 2421 Centro Porto Velho-RO

☎ (69) 9 9246-7839 | info@tematicaeditora.com.br

Comissão técnica

Abel Sidney

Preparação de originais e normalização

Rogério Mota

Diagramação e capa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

G345 Geograficidades bachelardianas : da vivência do espaço à poética do imaginário, ensaios e possibilidades / Organizadores: Gustavo Abreu, Josué da Costa Silva. - Porto Velho: Temática Editora, 2022.
3900 Kilobytes

ISBN 978-65-87350-71-4 (Livro Digital)

1. Geografia - filosofia. 2. Cultura - identidade. 3. Razão - sentimento. I. Abreu, Gustavo, org. II. Silva, Josué da Costa, org. III. Título.

CDD 142.910

CDU 165.62:316.35

Comitê Científico

Antonella Gasbarri – Università degli Studi dell’Aquila

Carlos Alberto Bezerra Tomaz – Universidade Ceuma

Maria Clotilde Henriques Tavares – Universidade de Brasília

Carlos Alberto Paraguassú-Chaves – Instituto Superior de Ciências da Saúde e
Ambiente da Amazônia

Comitê Editorial

Anselmo Alencar Colares – Universidade Federal do Oeste do Pará

Eder Cassola Molina – Universidade de São Paulo

Geraldo Roger Normando Junior – Universidade Federal do Pará

João Carlos Vicente Sarmiento – Universidade do Minho, Portugal

Júlio César Barreto Rocha – Universidade Federal de Rondônia

Miguel Nenevé – Universidade Federal de Rondônia

Nair Ferreira do Amaral Gurgel – Universidade Federal de Rondônia

Salete Kozel Teixeira – Universidade Federal do Paraná

Valdir Vegini – Universidade Federal de Rondônia

APRESENTAÇÃO

A ideia desse livro nasceu mediante diálogos e reflexões suscitados através da disciplina Fenomenologia bachelardiana e aspectos do bem viver na abordagem geográfica, ofertada pelo programa de pós-graduação mestrado e doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, ministrada pelos professores: Gustavo Abreu e Josué da Costa Silva.

Esse livro, apesar de nascido no ambiente universitário, não se propõe a ser estritamente acadêmico. Ele inova e desafia, explorando em especial novas possibilidades de interpretação e linguagem. A proposta, em linhas gerais, é pensar possibilidades da fenomenologia bachelardiana em análises geográficas. Para tanto, optamos por nos permitir a imersão fenomenológica, ou seja, nos permitir “devanear”, no melhor sentido bachelardiano da palavra. Abrimos assim, para os textos que compõe os capítulos dessa obra, a possibilidade de uma escrita simultaneamente científica e poética; não apenas argumentativa e preocupada com dados e método, mas também emotiva e estética.

Portanto, nos propomos a desenvolver ensaios; ensaios esses nascidos da realidade cotidiana e vivência científica de cada pesquisadora e pesquisador que compõe esse livro. Enquanto um programa de pós-graduação pertencente a região amazônica, consideramos

relevante exaltar nossa identidade, culturalidade, brasilidade e regionalidade. Nesse sentido, não quisemos pensar um Bachelard apenas “europeu”, mas um Bachelard universal; um bachelardismo amazônico capaz de dialogar com nossos problemas e inquietações locais e regionais.

A efemeridade nas relações e o individualismo são características que marcam o nosso tempo presente. Carecemos – enquanto sociedade humana – de mais sensibilidade e empatia, confiança e criatividade. Bachelard pode nos ensinar sobre isso, sobre uma maneira mais humana e sensível de ver o mundo, de se relacionar com as coisas e pessoas. Pela fenomenologia descobrimos que não precisamos apenas “saber entender”, mas também “saber sentir”, e que o sentir também faz parte do mundo do entendimento. Entender demais e racionalizar tudo, pode, inclusive, em alguns aspectos prejudicar nossa capacidade de percepção. Devemos assim, aprender – para além dos muros acadêmicos – com as crianças, com os poetas, com a vida e a natureza.

O presente livro, através de seus capítulos, abordará temas diversos, tais como: aspectos teóricos de conceitos fundamentais do bachelardismo, redes sociais, dimensões do sagrado em religiões afro-brasileiras, poesia brasileira, relações de gênero, decolonialidade, cinema, memórias da infância e questões agrárias. Essa pluralidade de temas convergem com a pluralidade de pesquisadoras e pesquisadores, que participaram ativamente da disciplina ofertada pelo programa de pós-graduação.

No primeiro capítulo “Fenomenologia e geografia: a imaginação dinâmica de Bachelard em tempos de redes sociais”, o autor, Gustavo Abreu, reflete sobre a potencialidade da imaginação, frente

à novas realidades sociais permeadas pelo excesso de informações e tecnologias, caracterizadas em especial pelas redes sociais. Trata da imaginação sob a ótica bachelardiana, onde imaginação é movimento e núcleo propulsor da criatividade, inteligência e sensibilidade, ou seja, instância poética. O autor se pergunta: estaria a imaginação sendo prejudicada pelo excesso e efemeridade linguística das redes sociais? Para responder a essa pergunta adentra nos conceitos bachelardianos de devaneio e imaginação da matéria e dinâmica. Considerando ainda abordagens da geografia humanista e cultural, em especial através do geógrafo francês Eric Dardel, delinea relações que podem ser estabelecidas entre imaginação e geografia. E, por fim, aponta aspectos dessa abordagem com vistas a uma geografia fenomenológica.

No segundo capítulo “A fenomenologia do agora; aproximações epistemológicas”, o autor, Rogério Nogueira de Mesquita, buscando nos apresentar a metodologia fenomenológica, (antes mesmo de quaisquer proposições teóricas, descritivas ou racionais), nos apresenta um poema de sua autoria. Ao fazer essa imersão no mundo poético o autor pretende, através das propostas bachelardianas, pensar o seu próprio tema de pesquisa de maneira fenomenológica, ou seja, de maneira aberta, livre, espontânea e corajosa. Após o poema, o autor nos presenteia com uma bela análise reflexiva sobre as possibilidades fenomenológicas de se pensar questões tão atuais e relevantes, como das relações de gênero. Apontando para problemas de ordem colonialistas e culturais, Rogério tece sua crítica ética e estética contra o machismo, sexismo, eurocentrismo, LGBTfobia e o patriarcado.

No terceiro capítulo “Entre o quintal de Manoel de Barros e a fenomenologia de Bachelard: devaneando geografias”, a autora,

Leide Joice Pontes Portela, interlaça de forma fluida e bela: geografia, fenomenologia bachelardiana e a poesia do profícuo poeta Manuel de Barros. A autora, partindo da ideia de devaneio particular, propõe o quintal como a localização do espaço de intimidade. Ao desenvolver sua argumentação resgata a ideia de que o “eu-criança” acessado pelo devaneio poético concede ao indivíduo (e inclusive ao pesquisador, geógrafo ou geógrafa) um imaginário abundante que erradia criatividade e autenticidade. Trata, portanto, em seu capítulo, do estado de ingenuidade e liberdade presente na infância do referido poeta e, assim, demonstra alguns dos possíveis caminhos da obra bachelardiana no campo das análises geográficas.

No quarto capítulo intitulado “A voz poética de Bachelard e a africanidade do eu contando o sagrado”, a autora, Ádria Fabíola Pinheiro de Sousa, para além dos cânones acadêmicos, nos apresenta com um belo texto elaborado em linguagem simultaneamente poética e científica. Escrito em primeira pessoa e utilizando sua própria experiência fenomenológica no Tambor de Mina (religião afro-brasileira), a crença e a fé, os significados e os sentimentos, são analisados sob o olhar da geografia através de abordagens bachelardianas. Aqui, o devaneio se torna uma possibilidade de pensar e sentir um espaço que vai além da materialidade. A imaterialidade da experiência religiosa, do contato com o sagrado, é explicada por uma das linguagens mais adequadas e poderosas para se tratar das questões subjetivas: a linguagem poética. A autora se apropria da ideia bachelardiana de “imaginação poética” para se libertar e, assim, delinear sua própria concepção de imaginação poética dentro de seu espaço sagrado.

No quinto capítulo “O espaço nada poético para os corpos femininos e feminizados na América Latina”, Danúbia Zanotelli

Soares, a autora, considerando o livro *A poética do espaço*, faz um contraponto a Gaston Bachelard no que tange as possibilidades de um “espaço poético” para as mulheres e pessoas trans na América Latina. Como sabemos, Bachelard apresenta na introdução de seu livro *A poética do espaço*, o conceito de “topofilia” que significa – de maneira geral – amor pelos lugares. Neste capítulo, a autora e doutoranda no programa de pós-graduação, ao considerar sua própria experiência com a temática em tela, se questiona sobre as reais possibilidades de uma espacialidade feliz considerando os dados apresentados. O texto trata, portanto, sobre violência, relações de gênero, colonialidade e patriarcado.

No sexto capítulo “Percepção onto-fenomenológica bachelardiana: análise espacial do filme *La Maison en Petit Cubes*”, Éder Rodrigues dos Santos, o autor, utiliza a linguagem cinematográfica para refletir sobre as possibilidades espaciais do devaneio poético. A capacidade de criar mundos e interpretar sentimentos através da memória e imaginação são articuladas com a experiência dos espaços de intimidade. Analisando fenomenologicamente a relação do personagem com sua casa (a qual vai sendo paulatinamente submersa pela água, elemento esse bastante valorizado na obra de Bachelard), o autor adentra em conceitos bachelardianos utilizando como principal suporte teórico o livro *A poética do espaço*. Este capítulo, portanto, nos permite pensar a obra bachelardiana frente a outras linguagens, tais como a cinematográfica; e refletir como essas proposições – memória, imaginação, espacialidade – estão presentes em nossa vida cotidiana e nos diversos aspectos culturais que nos envolvem enquanto sociedade.

No sétimo capítulo “Memória e imaginação: um fazer poético em Bachelard”, a autora, Simone Rodrigues dos Santos Gomes,

nos apresenta uma bela reflexão poética através dos caminhos da memória e da narrativa. Mais disposta a vivenciar poeticamente as lembranças de seu passado do que dar-lhes significados simplesmente através da razão, Simone utiliza concepções bachelardianas, tais como o “devaneio”, para mergulhar e reviver, recordar e imaginar. Nesse sentido, acompanhando a narrativa da autora podemos perceber o método fenomenológico de Bachelard em ação: dando vida e significados poéticos a um mundo que é próprio do ser imaginante a autora nos apresenta a temática da infância através de seu próprio mundo infantil. É um texto sensível e profícuo com capacidade de fazer o leitor/leitora refletir sobre suas próprias espacialidades infantis.

Já no oitavo e último capítulo, “Fenomenologia do espaço: a poética no Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-Terra (MST) em Porto Velho-Rondônia”, Jéssica Ferreira Costa, a autora, relaciona abordagens fenomenológicas com o conceito de memória coletiva e analisa a significação que determinados espaços rondonienses tiveram e têm para a construção identitária de uma militância camponesa, que lutou e luta em prol de direitos fundamentais e justiça social. Trata-se das condições culturais e simbólicas atreladas às reivindicações por reforma agrária, e pelo direito de sobrevivência digna da agricultura familiar. Nesse ínterim, dialoga com autores importantes na construção de uma geografia fenomenológica, tais como: Eric Dardel e Edward Relph.

Esperamos que esse livro possa despertar ideias e fortalecer os interesses sobre as possibilidades da fenomenologia bachelardiana em pesquisas e produções geográficas. Os textos aqui presentes tratam de reflexões com um certo grau de liberdade epistemológica. No entanto, buscam contribuir no aspecto da criatividade do

pensamento acadêmico e suas linguagens. Esse livro é incipiente e apresenta apenas o começo de uma reflexão prospectiva, para pensar e refletir as possibilidades de um mundo mais poético e estético, mais empático e sensível; mundos em transição que aceitam o desafio de dialogar entre o material e o imaterial, entre o real e os sonhos, entre as burocracias da vida cotidiana e os espaços poéticos dos momentos de prazer.

De maneira geral, busca-se nessas páginas transcender os muros acadêmicos e pensar possibilidades geográficas alternativas. Por que não pensar em uma epistemologia tupiniquim? Em possibilidades epistemológicas e metodológicas mais alinhadas com nossa diversidade cultural, étnica e identitária. A imaginação bachelardiana não é apenas uma ficção, no sentido do irreal, ela é uma força pulsante da mente e do espírito humano, a qual podemos direcioná-la para sonhar novas e melhores possibilidades ambientais, sociais e políticas. Antes da construção de novas realidades, sempre existirão os sonhos delineando os caminhos.

Os organizadores

SUMÁRIO

- 1 FENOMENOLOGIA E GEOGRAFIA: A IMAGINAÇÃO DINÂMICA DE BACHELARD EM TEMPOS DE REDES SOCIAIS 15**
Gustavo Henrique de Abreu Silva
 - 2 A FENOMENOLOGIA DO AGORA: APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS 43**
Rogério Nogueira de Mesquita
 - 3 ENTRE O QUINTAL DE MANOEL BARROS E A FENOMENOLOGIA DE BACHELARD: DEVANEANDO GEOGRAFIAS 53**
Leide Joice Pontes Portela
 - 4 A VOZ POÉTICA DE BACHELARD E A AFRICANIDADE DO EU CONTANDO O SAGRADO 65**
Ádria Fabíola Pinheiro de Sousa
 - 5 O ESPAÇO NADA POÉTICO PARA OS CORPOS FEMININOS E FEMINIZADOS NA AMÉRICA LATINA 75**
Danúbia Zanotelli Soares
 - 6 PERCEPÇÃO ONTO-FENOMENOLÓGICA BACHELARDIANA: ANÁLISE ESPACIAL DO FILME *LA MAISON EN PETIT CUBES* 91**
Éder Rodrigues dos Santos
 - 7 MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO: UM FAZER POÉTICO EM BACHELARD 107**
Simone Rodrigues dos Santos Gomes
 - 8 FENOMENOLOGIA DO ESPAÇO: A POÉTICA NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS SEM-TERRA (MST) EM PORTO VELHO-RONDÔNIA 125**
Jéssica Ferreira Costa
- SOBRE OS AUTORES E AUTORAS 147**

FENOMENOLOGIA E GEOGRAFIA: A IMAGINAÇÃO DINÂMICA DE BACHELARD EM TEMPOS DE REDES SOCIAIS

Gustavo Henrique de Abreu Silva

Introdução

Bachelard é um desafio, sua filosofia é aberta, menos preocupada com a construção de métodos fixos e mais disposta a mostrar que epistemologicamente estamos sempre em movimento, descobrindo, criando, aprendendo. Um autor que inicialmente estudou matemática, física e química, notavelmente tornou-se um filósofo da ciência e primeiro professor de epistemologia da Sorbonne, por conseguinte, um pensador extremamente versátil e respeitado, capaz de discutir com profundidade tanto aspectos fundamentais da ciência cartesiana; quanto questões poéticas e metafísicas.

Os historiadores e estudiosos de Bachelard o classificam sob dois aspectos: o Bachelard diurno e o Bachelard noturno¹. O diurno

¹ Vincent Bontems, filósofo francês estudioso de Bachelard, nos lembra que: “O dia e a noite” é uma expressão que se entende metaforicamente como a oposição radical de uma coisa e de seu contrário, mas que designa *cientificamente* a alternância de fases complementares da rotação terrestre. Dito de outra forma, ela conjuga em

é o filósofo da história da ciência e da epistemologia; o noturno é o filósofo da alma e da subjetividade humana, da imaginação e da fenomenologia.

Em vistas de desenvolver sua filosofia da imaginação, Bachelard adentra na relação íntima que existe entre o ser humano e os elementos primordiais do planeta: terra, água, fogo e ar. Nesse sentido, a geografia fenomenológica de Eric Dardel se aproxima da filosofia bachelardiana. Dardel nos ensina que a relação do ser humano com a Terra é íntima, profunda, em suas palavras: “visceral”. Não é uma metáfora, nem fictícia, é fisiológica e maternal. Os mares e os rios, campos e estradas, portos e cidades, eles não estão simplesmente lá como símbolos ou metáforas; eles nos abraçam, ativam nossas memórias e percepções, movimentam a nossa vida psíquica e sentimental. Ideias e lugares, espaços e pensamentos são amantes velados, forças pujantes que se retroalimentam.

Na verdade, o processo pelo qual sentimos e pensamos é complexo, nele se misturam imagens, palavras e percepções. Sem o mundo material por base como construiríamos o mundo dos pensamentos, das palavras e das ideias? A linguagem é uma extensão das coisas, e as coisas alimentam a visão, o toque e a imaginação; fertilizando assim as palavras.

si mesma a interpretação poética e a significação objetiva, e sugere uma “dupla leitura”. Metaforicamente, a noite compreende essas horas escuras que escapam à consciência racional, uma substância obscura. Se, ao contrário, a referimos à rotação do planeta, ela não é mais que uma fase do ritmo universal da consciência, na qual dominam tanto o espírito científico, fortemente socializado, quanto o devaneio solitário; é preciso medir seu contraste para extrair novas variáveis do dinamismo do espírito (2017, p. 126).

Bachelard é um filósofo que vai a fundo na relação do imaginário com o real. “De fato, a maneira pela qual escapamos do real designa claramente a nossa realidade íntima. Um ser privado da *função do irreal* é um neurótico, tanto como o ser privado da *função do real*.” (Bachelard, 2001, p. 7) Em Bachelard, real e imaginário não são instâncias separadas, mas que se retroalimentam. De certa forma, a ideia bachelardiana é a de que quem não sabe “sonhar” não sabe percorrer todas as possibilidades do “real”. Quem de nós sabe sonhar em sua plenitude? Sonhar aqui não é o sonho do sono, mas o sonho da possibilidade e abertura das múltiplas viagens do pensamento. O que seria da ciência sem o pensamento livre, aberto e questionador? “O sonho não é um produto da vida acordada. É o estado subjetivo fundamental” (Bachelard, 2001, p. 101).

Lembremos que Bachelard antes de ser o filósofo do imaginário e dos sonhos, do devaneio e da poética, iniciou o seu percurso acadêmico como professor de matemática. Contudo, definitivamente nunca se limitou aos modelos cartesianos. Sempre lutou por uma razão aberta capaz de se autoquestionar e autorrenovar. Com uma forte inclinação para a literatura e linguagem poética, desenvolveu uma filosofia da imaginação que culminou em uma fenomenológica do espaço que percorre, em especial, o mundo psicológico e sua relação com os elementos: terra e água, fogo e ar. Os títulos de algumas de suas obras são bem sugestivos sobre a natureza do seu trabalho: *A psicanálise do fogo*, *A água e os sonhos*, *O ar e os sonhos*, *A terra e os devaneios da vontade*, *A poética do espaço*, *A poética do devaneio*, *A chama de uma vela...*

Bachelard nos mostra, portanto, que cada palavra pode ser uma porta, para a abertura de um novo mundo. Mas nos mostra também que cada palavra nasce de uma imagem e essas, por sua vez,

especialmente quando carregadas de força poética, têm ressonância nos elementos mais profundos oriundos do seio do próprio planeta.

Mas que lentidão de meditação precisaríamos adquirir para viver a poesia interior da palavra, a imensidão interior de uma palavra. Todas as grandes palavras, todas as palavras convocadas para a grandeza por um poeta, são chaves do universo, do duplo universo do Cosmos e das profundezas da alma humana (Bachelard, 1993, p. 203).

Bachelard é um dos poucos filósofos que convida o leitor à meditação, que ensina que existem níveis de percepção criativa além dos estados objetivos de racionalidade. Aqui não há nada de religioso ou místico, e sim mental e transcendental, “a imensidão interior de uma palavra”. Uma palavra pode despertar uma imagem, um teor psíquico, uma memória. Uma palavra não é só uma palavra, mas a possibilidade de uma experiência. “Pela simples lembrança, longe das imensidões do mar e da planície, podemos, na meditação, renovar em nós mesmos as ressonâncias dessa contemplação da grandeza” (Bachelard, 1993, p. 189).

É nesse sentido que caminha a fenomenologia bachelardiana, entender que a psique humana se alimenta da materialidade do próprio planeta. As matérias básicas: terra, água, fogo e ar, as quais já no séc. V a.C. Empédocles de Agrigento considerava as raízes da realidade, nos dão uma força psíquica fundamental. O ar nos expande, as forças psíquicas de liberdade e ascensão estão todas ligadas ao ar. O fogo nos aquece, nos conforta com o seu calor moderado ou nos destrói com a sua chama incontrolável; todo o psiquismo do desejo e do sexo se relaciona ao fogo. A água nos sacia, toda a ideia de pureza e maternidade é ligada a imagem de uma água limpa, todo psiquismo do sentimento e da melancolia é ligado à água. A terra

nos dá o suporte para a vida, nos dá o alimento, nos dá a textura, o toque e a profundidade; todo o sentimento de segurança e estabilidade é ligado ao psiquismo da terra.

Dito isso, percebemos que em Bachelard a imaginação é uma força muito profunda. Não é apenas um abstrato ou um irreal, mas é algo vivo, condição *sine qua non* da própria sinestesia humana, amarrada ao psíquico e inclusive ao fisiológico. A imaginação se nutre dos elementos primitivos fundamentais; por isso imaginação material, tema esse, trabalhado no livro *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*.

Além disso, a imaginação não é apenas passiva, não mora apenas no olhar; ela pode ser também ativa, construtora; assim ela se transforma na imaginação das mãos, na imaginação que molda, cria e que se movimenta: a imaginação dinâmica.

Na ordem da imaginação dinâmica, todas as formas são providas de um movimento: não se pode imaginar uma esfera sem fazê-la girar, uma flecha sem fazê-la voar [...] Como toda esfera, o enorme globo da Terra tem para a imaginação dinâmica a delicada mobilidade da rotação (Bachelard, 2001, p. 46-47).

A imaginação dinâmica é a imaginação capaz de construir movimentos, ou seja, não se trata apenas de imagens fixas (formas), mas de situações mentais articuladas em contextos psíquicos específicos, poderíamos até mesmo falar em “paisagens mentais”. Considerando esse poder da imaginação da matéria e dinâmica – poder esse que nos dá mais sensibilidade e percepção – podemos nos perguntar sobre que relações podem ser estabelecidas entre imaginação e geografia. E ainda, se realmente estamos utilizando todo o potencial imaginativo que temos, considerando a efemeridade e agitação pós-moderna em que vivemos.

Imagens fixas e imagens móveis: desafios nas redes sociais

Vivemos um momento histórico-social em que tudo se fragmenta numa velocidade muito rápida, “tempos líquidos” como diria o pensador e sociólogo Zygmunt Bauman (2000). As tecnologias mudaram e com elas as maneiras de se perceber o mundo em diversas áreas: cultural, ambiental, política, ética, estética... as informações são muitas e efêmeras. Há toda uma lógica comercial feita para encantar, captar e, poderíamos mesmo dizer, prender. A exposição nas redes sociais cresce, e o tempo gasto com elas aumenta substancialmente. Por quê? Narcisismo? Que tipo de necessidade, de vontade nos faz ficar tão ligados, tão magnetizados por essas redes?

Muitas pessoas sentem dificuldades de diminuir o tempo gasto em redes sociais. Muitas inclusive, afirmam perceber que o excesso do uso dessas redes não lhes faz bem (Del Castillo, 2014). A questão que colocamos aqui é se essas redes sociais estariam, de alguma maneira, inibindo a capacidade imaginante inerente ao próprio cerne da força psíquica humana². Para responder essa questão convém entender o funcionamento e potencialidade da imaginação dinâmica e, ao mesmo tempo, o funcionamento do pensamento conduzido pelo fluxo das imagens oriundas do mundo das redes sociais. Outro ponto importante se refere ao devaneio, esse instante

² “Podemos acrescentar que o problema não são as redes sociais, mas sim o uso que se faz destas, um axioma tão universal que serviria para inúmeras questões e situações. [...] Os escritos de Carr (2013) acerca dos malefícios das novas tecnologias deviam ser recordados. Alteram-se esquemas básicos na forma de pensar, no vocabulário, na concentração, entre muitos outros, passando a ser muito mais superficiais” (Del Castillo, 2014, p. 203).

de desprendimento e abertura onde possibilidades imaginativas surgem de maneira totalmente nova.

Pois bem, as imagens das redes sociais são imagens carregadas de cores e virtualidades, poderíamos mesmo dizer esteticamente exageradas; são bonitas e convidativas, claro; mas é importante entender: são imagens prontas. Não que a mente criativa não possa trabalhar com imagens oriundas das redes sociais de forma dinâmica, é claro que sim. Mas a imaginação dinâmica não é jamais uma espectadora passiva, ela é ativa, pois sua própria essência é o movimento. Contudo muitas das imagens virtuais das redes sociais são articuladas no sentido do espectador passivo, e não do ser imaginante. Imagens já tão formatadas pela cultura, que se tornam excessivamente simples, ou simplistas. A exemplo dessa questão, Bachelard observa que “A imagem aprendida nos livros, vigiada e criticada pelos professores, bloqueia a imaginação” (2001, p. 12).

A efemeridade dessas imagens, e seu fluxo amontoado, não incentiva o sujeito a formar conexões profundas, ao ponto de se tornar um ser imaginante, ou seja, de projetar o seu poder de modelador e transformador de imagens. A imagem, se não estiver vinculada a forças profundas do ser, de maneira geral, será simplesmente uma forma; o poder de movimento e transformação nesse caso não está na imagem, mas no imaginar.

Temos visto modelos metodológicos baseados no que chamam de pirâmide de aprendizagem afirmando que – de forma bem quantitativa, portanto, um tanto estranha – aprendemos apenas 10% quando lemos; 20% quando ouvimos e vemos (por exemplo, vídeos); 50% quando discutimos com outros; 75% quando fazemos e 90% quando ensinamos aos outros.

Claro que não negamos que discutir, demonstrar e ensinar, nos coloca em situações que são excelentes ao aprendizado. Mas o que questionamos é que essa afirmação de que “só aprendemos 10% ao ler”, simplesmente desconhece ou desconsidera completamente o poder imaginante do leitor. O leitor que tem um poder imaginante (e, diga-se de passagem, esse não é nenhum poder fora do comum, todos o temos, em menor ou maior grau) não será de maneira alguma um leitor passivo, um mero espectador. Pelo contrário, ele dialogará com o texto, criará pontes com outros textos e ideias, outras formas e possibilidades. É assim que se forma o pensamento imaginante, imaginante significa aqui amplo, diversificado, novo, criativo, aberto. Ele se forma pelas múltiplas portas que se abrem por sua própria capacidade de se conectar e transformar, multiplicar e dividir. A falta de conhecimento do funcionamento desse tipo de pensamento é que faz nascerem afirmações tão pobres como essa, de que aprendemos somente 10% ao ler. Se assim fosse, esse seria, a nosso ver, um péssimo leitor. Poderíamos, a título de comparação, dizer que um bom leitor que tenha lido um livro tem mais argumentos que um mau leitor que tenha lido 10, 15 ou 20.

As imagens das redes sociais são muitas, mas sem ramificações profundas, sem raízes; isso porque elas chegam antes aos olhos do que ao coração. Em Bachelard o imaginar não é apenas visual, ele se produz por um movimento do pensamento e da linguagem, movimento esse íntimo, profundo; feito de toques, sensações, olfatos, memórias, experiências. Rompe-se aqui com a lógica ocidental-cartesiana que privilegia o olhar, a imaginação bachelardiana não é ficção ou abstração, é força espiritual em movimento, é energia psíquica viva e ativa. Não estamos falando do observador passivo

que privilegia os olhos, estamos falando do trabalhador ativo que constrói com as mãos e com o sentimento.

Nas redes, sociais como diria o sociólogo Zygmunt Bauman (2000, 2004), nos conectamos e desconectamos muito facilmente, é tudo muito rápido e fluido. As coisas vêm e vão de forma tão rápida que não temos tempo de experienciar o fenômeno; não mergulhamos, apenas experimentamos a superfície. Na superfície não esforçamos o “fôlego”, não desenvolvemos a capacidade pulmonar. O pulmão na medicina chinesa é o órgão do elemento ar, o elemento do movimento e da liberdade na filosofia bachelardiana; o elemento primordial da imaginação dinâmica.

Talvez seja uma boa metáfora afirmar que nas redes sociais já não temos mais fôlego, nos tornamos preguiçosos. Já não pensamos de forma a devanear, evocar paisagens mentais, viajar pelo pensamento. E por isso não refletimos, por isso não filosofamos. Apenas repetimos, reproduzimos, imitamos, mas quase não criamos. Estamos dormindo, mas não “sonhamos”. Lembrando a forma poética da linguagem bachelardiana poderíamos dizer: como é triste um sono sem sonhos.

Nós entramos nos *chats* e temos “camaradas” que conversam conosco. Os camaradas, como bem sabe todo viciado em *chat*, vêm e vão, entram e saem do circuito, mas sempre há na linha alguns deles se coçando para inundar o silêncio com “mensagens”. No relacionamento “camarada/camarada”, não são as mensagens em si, mas seu ir e vir, sua *circulação*, que constitui a *mensagem* - não importa o conteúdo. Nós pertencemos ao fluxo constante de palavras e sentenças inconclusas (abreviadas, truncadas para acelerar a circulação). Pertencemos à conversa, não àquilo sobre o que se conversa (Bauman, 2004, p. 52).

Segundo Bauman, criamos através das redes sociais uma linguagem truncada, fragmentada; ansiosa por natureza e impaciente pela própria estrutura na qual se fundamenta. Queremos as notícias e mensagens o mais compactas possível; acreditamos que quanto mais sintetizadas forem, mais ganharemos tempo. Mas por outro lado, por paradoxal que seja, o efeito é contrário, já não temos tempo (ou não nos damos o tempo) de entender o conteúdo psíquico das mensagens e fazer as conexões mentais necessárias para criar processos mentais criativos e imaginativos.

A imaginação da matéria e imaginação dinâmica

Bachelard nos ensina que “uma matéria fielmente contemplada produz sonhos.” (1997, p. 55) No livro *A água e os sonhos* o filósofo trata sobre a íntima relação que existe entre o homem e a matéria. Bachelard vai fundo nessa relação, transcendendo a clássica dicotomia sujeito e objeto, ou, objetividade e subjetividade.

Para Bachelard, as matérias fundamentais, primordiais ou primitivas, ou seja, o “ar”, a “água”, a “terra” e o “fogo” inspiram o nível de imaginação mais profunda do ser humano. Essas matérias não são simplesmente “matérias”, elas são “substâncias” originais que alimentam a nossa força mental e emocional. É nesse sentido que o bachelardismo nos apresenta uma fenomenologia profunda, os elementos transcendem a simples materialidade e se tornam uma espécie de ponte entre o ser e o mundo. Eles fazem parte do humano no sentido de que lhe permite sentir e entender o mundo e a si mesmo.

Nesse livro em especial, um dos intuitos de Bachelard é dar uma contribuição à literatura e à poesia. Segundo o autor, numa linguagem que nos conduz a investigar o teor semântico das palavras,

as verdadeiras imagens poéticas brotam do inconsciente do ser; esse inconsciente está ligado por um magnetismo natural aos elementos do planeta. O “ser” e o “mundo” – esse par ontológico – encontrado em outras abordagens fenomenológicas, na linguagem poético-filosófica bachelardiana se transforma nos “elementos materiais” e na “imaginação poética”. Todos nós temos a capacidade da imaginação poética, essa é uma imaginação aberta, que tem por característica um silêncio sensível, uma sensibilidade ativa capaz de absorver, criar, interpretar, mover... Nesse sentido, as verdadeiras poesias e obras, as que nos comovem, que tocam realmente em nossa alma, são aquelas que de uma forma ou de outra, buscam sua força em algum desses elementos materiais.

Para defender essa tese, Bachelard percorre diversos autores e demonstra a força onírica de suas produções. Assim, o sonho, o devaneio e a poesia, são pontes de encontro com o lado “noturno” da alma, com o inconsciente do ser. A realidade da força psíquica dos elementos se revela nessas produções literárias e artísticas. Por isso Bachelard fala em imaginação da matéria, o que ele quer dizer não é que a matéria tenha uma imaginação, mas que ela propicia um substrato fundamental ao sentido imaginante do ser. Sob esse olhar, a objetividade positivista dos elementos se transmuta em uma subjetividade significativa, altamente abrangente e, ainda por cima, profundamente real sob o ponto de vista psicoemocional.

“Imagem” e “devaneio” são duas palavras importantes para a compreensão das reflexões bachelardianas. A imagem em Bachelard não é simplesmente ou exclusivamente visual, tanto é

que Bachelard fala em “imagens visuais”⁵, o que nos mostra que, sob a ótica desse autor, é verídica a existência de imagens não necessariamente visuais.

Sendo assim, o que é então uma imagem? Ela é um nome dado para referir-se a um nível específico de concentração do pensamento. Um nódulo, uma condensação de forças psíquicas capaz de fazer brotar um algo específico, no caso: uma “imagem”. Bachelard compara, por exemplo, a imagem a uma árvore, que precisa ao mesmo tempo de terra e ar, ou seja, “forma” e “substância”.

Mas convém reforçar que não existe um só tipo de imagem. Temos, por exemplo, as imagens apreendidas nos bancos escolares, já sacralizadas e cristalizadas pela cultura; e temos as imagens primitivas, imagens provenientes dos elementos materiais e que tem ressonâncias diretas com o âmago do ser. Dito de outra forma: “imagens formais” e “imagens poéticas”.

Bachelard fala em um “complexo de cultura”, ou seja, conhecimentos, “imagens” apreendidas nos bancos escolares; algo comum, de fácil entendimento e de pouca profundidade. Diferente da poesia que nasce do verdadeiro devaneio, e que se nutre das substâncias fundamentais oriundas da imaginação da matéria (terra, água, fogo e ar). Há, portanto, um complexo de cultura – amplificado pelas redes sociais – que propaga, muitas vezes, imagens superficiais; que tem como propriedade muito mais a forma do que o conteúdo. E há

⁵ “Mesmo que imagens visuais surgissem da imaginação e dessem uma forma ‘aos membros do adversário’, seria preciso reconhecer que essas imagens visuais vêm em segundo lugar, em subordem, pela necessidade de exprimir para o leitor uma imagem essencialmente dinâmica que é primordial e direta, que deriva, portanto, da imaginação dinâmica, da imaginação de um movimento corajoso” (1997, p. 174).

um mundo das “imagens primordiais”, a “imaginação da matéria” que alimenta os traços mais íntimos do ser, seja em que tempo ou em que espaço for.

Portanto, podemos concluir que a categoria imagem em Bachelard é uma força do pensamento. Já a imagem poética, especificamente, é uma força viva e vivificante proveniente do encontro de uma psique que sonha com uma matéria que nutre e alimenta.

O tema da imaginação é central na análise da obra bachelardiana, porque é através dele que entenderemos como Bachelard desenvolve a sua fenomenologia. Em outras palavras, a imaginação é um fenômeno próprio da concepção fenomenológica de Bachelard. Em seu livro *A poética do espaço*, no capítulo “O ninho”, Bachelard utiliza um exemplo esclarecedor para explicar a função da fenomenologia:

É uma nova oportunidade de desfazer um mal-entendido sobre a função principal da fenomenologia filosófica. A tarefa dessa fenomenologia não é descrever os ninhos encontrados na natureza, tarefa positiva reservada ao ornitólogo. A fenomenologia filosófica do ninho começaria se pudéssemos elucidar o interesse que sentimos ao folhear um álbum de ninhos ou, mais radicalmente ainda, se pudéssemos reviver a ingênua admiração com que outrora descobríamos um ninho. Essa admiração não se desgasta. Descobrir um ninho leva-nos de volta à nossa infância, a uma infância. A infância que deveríamos ter tido (1993, p. 106).

Há, portanto, uma diferença entre catalogar e vivenciar. Sobre o exemplo dos “ninhos”, veja como é suave e sutil a ideia de recordar da criança que encontra um ninho, os seus sentimentos, as suas emoções e expectativas. Falamos aqui da capacidade de sentirmos

em profundidade os pequenos, ou grandes, momentos. O adulto ao deixar a infância perde muito do encantamento com a vida, este relegado a segundo plano como coisas pueris. A fenomenologia, a qual não busca apenas o fato, mas também o sentido do fato; não se dá ao luxo de descartar o valor dessas percepções: temperos e cores da experiência.

Fenomenologia é, portanto, o estudo de um encontro, da relação do ser que vive com o que é vivido. É o interesse por avaliar seriamente a percepção de uma experiência profunda, que não quer dizer complexa ou pomposa; mas significativa, mesmo que simples, mesmo que singela, mas verdadeira para quem vive.

A base fenomenológica de Bachelard nasce, inicialmente, de uma filosofia da imaginação; essa muito ligada a uma relação profunda com os elementos materiais. É nesse sentido, que a Terra pode ser nossa mãe, o planeta nossa casa, a água um condutor, o ar é expansão e o fogo transformação. Perceber e entender essa ressonância do planeta em nós, não deixa também de estar na base do que seria uma geografia fenomenológica. Mas como despertar e viver essa percepção de uma familiaridade tão grande com a materialidade terrestre? O “devaneio” pode despertar essa percepção e entendimento, assim como o “sonho” ou a “poesia”.

Aberturas geográficas: o devaneio

O espaço geográfico difere do espaço geométrico, essa é uma tese defendida por Dardel. O que quer dizer isso? Significa que temos aí ontologias diferentes: enquanto o espaço geométrico é pautado na mensuração, sendo um espaço neutro e quantificável, o espaço geográfico é existencial e fundado na relação entre o ser e a Terra.

Nesse sentido, a Geografia – na condição de ontologia – transcende o *status* de disciplina científica e se apresenta, ela mesma, como característica humana de habitar a Terra.

Ora, se a essência da Geografia não é apenas neutra e pragmática, mas também subjetiva e poética, como captar toda essa dimensão imagética e sonora, odorífera e emocional, que surge no âmago da experiência terrestre? Se tenho na Geografia uma ontologia que só me pode ser explicada por caminhos fenomenológicos, o devaneio surge, então, como uma possibilidade de abertura para descobertas e investigações sobre a natureza do espaço.

Sobre o devaneio, podemos considerar que ele é uma espécie de pensamento aberto, um estado espiritual de abertura para novos pensamentos e percepções. É uma espécie de “sonhar acordado”, é se permitir ser invadido por pensamentos de uma forma livre, sem censuras e sem esquemas lógicos ou preconcebidos.

É interessante observar que ele acontece em um momento de transição entre a “lógica diurna” e o “sono noturno”; é um instante de não atenção e de relaxamento, mas, ao mesmo tempo, de entendimento (mesmo que esse entendimento se dê em um nível diferente de consciência). Ninguém devaneia tenso, ninguém devaneia preocupado com o futuro; seria extremamente difícil, talvez impossível, para alguém em um momento de estresse devanear. Talvez por isso, nos dias de hoje, o devaneio torna-se algo cada vez mais raro. A *Sociedade do cansaço*⁴, como bem definiu Byung-Chul Han

⁴ “A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, [como bem definiu Michel Foucault] mas uma sociedade do desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos de obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. [...] A sociedade disciplinar ainda está

(2019), a qual nos coloca como escravos da eficiência, não nos permite parar ou relaxar. Não é só o patrão que nos cobra, nós estamos sendo treinados a sermos cobradores compulsivos de nós mesmos.

Já o devaneio nasce do “instante”, é um momento sem amarras e sem defesas, o ser ali está aberto e muitas coisas podem acontecer. Não deixa de ser um “viajar”. Nesse estado as imagens poéticas, oníricas, inconscientes ou íntimas podem surgir. Ao surgir, justamente por serem íntimas ou primordiais, elas vivificam o ser, lhe fortalecem; dando-lhe ideias, prospectivas, propósitos... imaginação. Sempre que o lado noturno da alma fala, esferas superiores do pensamento são magnetizadas.

O devaneio, portanto, abre possibilidades para surgir algo novo: pensamentos, sentimentos, sensações, intuições... pelo devaneio “portas” são abertas. Na diferença entre prosa e poesia encontramos justamente a liberdade do devanear. Para além do sono e da vigília há uma possibilidade, um intervalo, uma fresta, uma rota de fuga dessa lógica frenética do relógio que insistentemente nos aprisiona: o devaneio.

O que seria habitar a Terra sem a capacidade do devaneio? Quanto perderíamos da nossa capacidade de contemplar as belezas: os campos e os rios, as obras de arte e arquiteturas, sem essa capacidade humana tão sutil de se perder por um momento em si mesmo e na paisagem. O devaneio nos transporta para além, ao mesmo tempo, que nos faz adentrarmos em nós mesmos. É, por-

dominada pelo *não*. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados” (Han, 2019).

tanto, uma chave para conhecermos dimensões subjetivas da nossa íntima relação com a Terra.

Em busca de uma fenomenologia geográfica: a imaginação dinâmica

A história da Geografia é longa, enquanto conhecimento formal inicia-se com os gregos associada à Astronomia, depois terá profundas ligações com a Cartografia (Claval, 2006). Na modernidade ramifica-se em diferentes escolas e correntes: geografia teórica ou positivista, geografia crítica ou social, geografia humanista e geografia cultural (Gomes, 2007). Muitos debates foram e são travados entre essas correntes, mas alguns autores consideram que a Geografia é plural, havendo, portanto, espaço para todas as perspectivas (Amorim Filho, 2007).

Seja como for, a argumentação mais peremptória é a de que o fenômeno humano não pode ser abarcado apenas pela visão da ciência “dura”, racionalista. O ser humano não é apenas razão e pragmatismo, mas também emoção e poesia. Edgar Morin (1997) argumenta que a existência humana é um misto de prosa e poesia. Segundo Morin, o ser humano tem duas maneiras de habitar a Terra: de maneira “prosaica” e de maneira “poética”. Prosa e poesia, não se referem exclusivamente ao aspecto literário, vai muito além dele, refere-se a tipos de qualidade de existência, a maneiras de perceber, entender e agir.

Essa temática é pertinente em Geografia, justamente porque essa ciência trata das maneiras em que o ser humano habita a Terra. As relações que se estabelecem entre os seres humanos e seus espaços, os tipos e significados dessas relações. O espaço influencia o

homem, ao mesmo tempo em que o homem molda o espaço, gerando uma relação retroalimentar e dialética. Terra e homem são dois polos de uma mesma ontologia. Nesse sentido, entender as formas prosaica e poética de habitar a Terra é um passo interessante para compreender a dimensão fenomenológica da Geografia.

Enquanto o prosaico é a nossa vida regida pelo relógio, pelos compromissos e obrigações: pagar contas, consertar o carro, levar o filho à escola... uma série de coisas que fazemos e que, de uma maneira ou de outra, se tornam atividades “mecânicas”, atividades para a sobrevivência. O poético nasce da “sensibilidade do instante”. Não existe o poético desconectado do agora, e também não existe o poético alheio e indiferente; o poético é sempre “sincero”. Portanto, o estado poético de existência, seja ele de longa ou curta duração, é sempre um mergulho na percepção profunda da experiência qualitativa.

Um bom filme que se assiste e te faz entrar na história, um vinho que se bebe sem pressa, um culto religioso onde o devoto ao sair se sente com a alma leve, um encontro com a pessoa amada, ou com os entes queridos... Todos os momentos em que nos entregamos ao instante, e que de alguma maneira esquecemos as preocupações: a dança, a festa, a música, a arte, o amor... todas essas vivências que nos transcendem podem ser chamadas de “poéticas”.

Dito isso, passemos a uma breve análise da obra de Eric Dardel. O geógrafo francês tinha interesse por diversos temas: filosofia, artes, história, poesia... era um pesquisador de refinada sensibilidade

quanto a percepção das experiências proporcionadas pela natureza⁵. Nesse sentido, ele escreve a sua principal obra: *O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, publicada em 1952. Neste livro, Dardel propõe nada menos do que uma abordagem fenomenológica para a geografia. Ele fala que a experiência humana no planeta Terra, é carregada de sentidos e possui uma profundidade ontológica que não pode ser descartada. Publicada em um momento histórico de empolgação com as abordagens possibilistas na geografia, o livro de Dardel passa praticamente despercebido da comunidade geográfica. É na década de 70, que geógrafos da geografia humanista vão redescobri-lo, com destaque especial a Edward Relph, o qual publica um significativo artigo intitulado: *As bases fenomenológicas da Geografia*. Paul Claval reconhece a importância da contribuição de Dardel, segundo ele:

Dardel enfocou uma ideia central: a geografia tinha de explorar o sentido da presença humana na superfície da Terra. [...] Os geógrafos franceses dos anos cinquenta ignoraram completamente o livro de Eric Dardel. Ele foi redescoberto no começo dos anos setenta pelo geógrafo canadense Edward Relph, e influenciou muito na nova corrente da geografia humanista, nos países de língua inglesa (Claval, 2002, p. 156-7).

⁵ “A reflexão de Eric Dardel se opõe a redução da geografia a uma ‘simples’ disciplina científica. A diversidade de seus interesses, que conduzem Dardel a prestar atenção às produções ‘positivas’ da geografia, mas também às problemáticas mais recentes da filosofia, da história das religiões, assim como dos problemas éticos de seu tempo, a da leitura assídua de poetas, o convidariam sobretudo a ver a geografia do ponto de vista geral de uma reflexão sobre as atitudes humanas no mundo. A geografia viria então a ilustrar, de maneira decisiva, o fato de que um certo número de elementos da existência humana não pode ser objetivado pela ciência, e, conseqüentemente, exige um outro tipo de abordagem” (Besse, 2011, p. 112).

Fica claro que a visão geográfica de Eric Dardel divergia das concepções positivistas dominantes na época. Dardel já trabalhava uma geografia que buscava significados e que valorizava aspectos subjetivos da natureza humana na construção de suas paisagens e lugares. A abordagem unicamente cartesiana e o espaço geométrico não eram suficientes para ele. “O espaço puro do geógrafo não é o espaço abstrato do geômetra: é o azul do céu, fronteira entre o visível e o invisível [...] Esse espaço material não é, de forma alguma, uma ‘coisa’ indiferente, fechado sobre ele mesmo, de que se dispõe ou que se pode descartar.” (Dardel, 2011, p. 8)

Eric Dardel (1899-1967) é contemporâneo do também francês Gaston Bachelard (1884-1962). Ao ler a obra dardeliana não é difícil perceber traços da influência do “filósofo dos elementos”⁶. Dardel chega a citar diretamente Bachelard: “A experiência telúrica coloca em jogo, ao mesmo tempo, como nos mostra bem Bachelard, uma estética do sólido ou do pastoso e uma certa forma da vontade ou do sonho” (2011, p. 15). Mais importante do que a citação direta, contudo, é a consonância de ideias entre os dois autores. Dardel acolhe em sua abordagem geográfica a dimensão bachelardiana de uma realidade fenomenológica da experiência terrena. Segundo Dardel:

A geografia não é, de início, um conhecimento [acadêmico]; a realidade geográfica não é, então, um “objeto”; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido. A ciência geográfica pressu-

⁶ Bachelard é também conhecido no meio filosófico como o “filósofo dos elementos”, isso porque ele trabalhou em desenvolver uma filosofia da imaginação que teve como tema o que ele chamou de “os elementos primordiais”: terra, água, fogo e ar. Aqui temos caracterizado, justamente, o *Bachelard noturno*, em contraste dialético ao *Bachelard diurno*: o filósofo das ciências”.

põe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre. [...] A cor, o modelado, os odores do solo, o arranjo vegetal se misturam com as lembranças, com todos os estados afetivos, com as ideias, mesmo com aquelas que acreditamos serem as mais independentes. Mas essa realidade não toma forma senão em uma irrealidade (*irréalité*) que a ultrapassa e a simboliza. Sua “objetividade” se estabelece em uma subjetividade, que não é pura fantasia (2011, p. 33-4).

“A cor, o modelado, os odores do solo, o arranjo vegetal se misturam com as lembranças, com todos os estados afetivos, com as ideias [...]” Observem que aqui, os traços da experiência corporal, ou seja, todo o processo sinestésico com o mundo físico, se misturam com componentes dos atos mentais e espirituais propostos pela fenomenologia: percepções e memória, imaginação e análise são alguns dos atos que se articulam mediante a construção de sentidos na experiência corporal. Dardel entende isso claramente, e argumenta a favor de uma compreensão dessa dinâmica no seio da ciência geográfica. A esses complexos e profundos processos da relação dos indivíduos com a Terra, Dardel denomina: *geograficidade* (*géographicité*).

Nesse sentido, Dardel defende que essa subjetividade humana não é pura “fantasia”, e mais ainda, que a subjetividade faz parte da dinâmica dialética da própria objetividade, e vice-versa. Na verdade, em síntese, não é diferente do que Bachelard propõe, mas com terminologias e propostas diferentes. Bachelard nos convida a refletir que a Terra em seus elementos primitivos alimenta a nossa imaginação, em outras palavras, o nosso pensamento, criatividade, ideias. A nossa relação com a Terra é física, mas também mental e emocional.

Dardel afirma que a Geografia não é, de início, um conhecimento (em seu sentido científico e acadêmico) mas uma experiência. Justamente por isso a Geografia é, antes de mais nada, fenomenológica. Como diria o geógrafo humanista David Lowenthal (1982), toda pessoa tem algo de geógrafo. A geografia, em seu sentido ontológico, não é restrita aos bancos escolares. Ela nasce do olhar, do toque, do pensamento, da memória e da imaginação. A análise geográfica se desenvolve a partir da reflexão, mas a experiência geográfica nasce na profundidade do ser, na vivência, na relação entre o ser e a Terra.

Convém ressaltar que a proposta fenomenológica de Bachelard não visa estabelecer uma dicotomia entre real e imaginário, muito pelo contrário, segundo ele “o que queremos examinar nesta obra é na verdade a imanência do imaginário no real, é o trajeto *contínuo* do real ao imaginário.” (2001, p. 5) Ou seja, trabalhamos mediante a ótica de que real e imaginário são instâncias humanas que se retroalimentam. Partir do real ao imaginário e do imaginário ao real é o movimento vivido que nos permitirá entender as bases de uma geografia fenomenológica. Assim, o fenômeno psíquico não é “simplesmente subjetivo”, mas atrelado aos próprios processos da realidade. A vida não se passa apenas na materialidade, mas nos fluxos das percepções e interpretações do real. Geografia não é, portanto, nem apenas física, nem apenas subjetiva, mas um misto, um híbrido; por isso, sem dúvidas, uma disciplina de relação.

Se essa íntima relação entre os seres humanos e a Terra, ou entre os seres humanos e seus espaços, está no cerne do que chamamos Geografia; é lícito nos debruçarmos com maior atenção sobre a natureza desses processos. Sendo assim, observamos que para sentirmos a influência orgânica e profunda de uma música, uma leitura ou uma

paisagem, precisamos vivenciar essa experiência de forma fenomenológica. Nesse sentido, o conhecimento do funcionamento da imaginação dinâmica nos auxilia – enquanto geógrafos – a entender o funcionamento dos próprios processos das experiências espaciais.

A fenomenologia nos ensina que o fato é importante, mas além do fato em si, nos alerta para a relevância epistemológica do “sentido” do fato. Portanto, não basta apenas observar o fenômeno de maneira fria e imparcial, precisamos também observar o que motiva o fenômeno; ou seja, que sentidos, narrativas e interpretações podem estar associadas à dinâmica própria do fenômeno.

Além disso, pela fenomenologia, também entendemos que tudo que observamos está, ao mesmo tempo, fora e dentro de nós. Ao observarmos algo com atenção, (e isso aqui não é dito apenas sob a perspectiva da visão, mas também do tato, audição e outros) esse também passa a estar dentro de nós através dos mecanismos de percepção e entendimento, próprios da subjetividade psíquica e espiritual do sujeito.

Ou seja, o objeto em si está fora, mas o que eu entendo e apreendo do objeto está dentro. Dentro de quem? Dentro do sujeito que vivência a experiência. Sob essa ótica, se queremos entender plenamente um objeto tal ou qual, não basta estudarmos somente ele, precisamos também estudar o sujeito que o apreende.

Portanto, defendemos que em uma pesquisa geográfica torna-se relevante investigar não apenas o objeto, mas também como o próprio pesquisador reage a este objeto; que dimensões do pesquisador fazem eco a esse objeto e quais o repelem. Não é apenas uma pesquisa sobre o outro, é uma pesquisa sobre o outro referente a mim e, aos outros. Não basta apenas investigar o objeto – ou o fenômeno

– é preciso investigar a si próprio inserido em uma dinâmica contextualizada simultaneamente por subjetividades e objetividades.

Muitos dos problemas ligados a interpretações errôneas de fenômenos sociais estão relacionados a interpretações alheias aos aspectos subjetivos, ou seja, interpretações frias e, por vezes, unilaterais. Assim, compreender algo do poder da imaginação dinâmica nos processos fenomenológicos dá ao pesquisador subsídios para adentrar no fenômeno estudado de maneira mais ampla, profunda e íntima.

Outro ponto a ser reflexionado é sobre a questão da cultura. Se estudamos, por exemplo, sobre um fenômeno como o das *fake news*, não podemos nos ater simplesmente aos fatos, ou seja, as *fake news* em si. É preciso investigar os sentidos por trás das *fake news*, o que as motiva, o porquê de sua existência; o porquê de um público que as acolhe e as propaga com tanta facilidade.

Nessa dinâmica pós-moderna, de um fluxo enorme e efêmero de informações, os processos de apreensão do que chamamos de “real”, continuam acontecendo tanto de forma objetiva quanto subjetiva. E passam ainda por uma dinâmica historicamente nova que é a da espacialidade virtual. Virtual não é a antítese de real, os espaços virtuais são reais enquanto espaços de sociabilidades, propulsão de ideias, negócios, serviços... toda uma gama de atividades que se concretiza empiricamente. Contudo como funciona a nossa apreensão e percepção nesse novo espaço de relações? Até onde podemos estabelecer uma geograficidade considerando as experiências espaciais na virtualidade?

O que sabemos, considerando as propostas bachelardianas, é que a mente precisa de um certo espaço para devanear e amadurecer

suas ideias e percepções. O conceito de devaneio bachelardiano é, como dito acima, justamente isso: uma pausa no movimento frenético do fluxo de informações, a qual nos permitirá relaxar, e assim poder assimilar novas ideias que surgem não pelo pragmatismo do turbilhão social, mas pela sensibilidade nascida de uma espontaneidade mental.

A imaginação dinâmica é, portanto, uma das características da experiência fenomenológica; característica essa que possivelmente não tem no campo efêmero das redes sociais sua melhor matriz de funcionamento. Jean-Marc Besse, filósofo francês interessado na epistemologia da Geografia, falando sobre a proposta dardeliana em um artigo intitulado “*Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel*”, afirma que:

Com efeito, no momento em que o progresso tecnocientífico nos permite percorrer a Terra em todos os sentidos e agenciá-la, a humanidade perdeu a inteligência nativa com a Terra que era, nos diz Dardel, sua vocação primordial. A ciência objetiva os fenômenos terrestres, mas ao destacá-los do instante em que emergem do horizonte concreto do mundo, nesse momento ela perde o significado vívido sob o olhar (Besse, 2011, p. 123).

É ilustrativo falar na perda da inteligência nativa com a Terra. Os povos autóctones – a exemplo dos ribeirinhos na região amazônica e dos povos indígenas – nos mostram essa inteligência. Segundo Dardel, e também Bachelard, somos inevitavelmente ligados a Terra; a Terra nos alimenta de variadas formas, tanto físicas quanto espirituais. Os meios tecnológicos não nos dão as sinestésicas vivências face-a-face que as paisagens nos proporcionam. O cheiro e o tato, os

sons e as sensações, a poética e o devaneio, não devem ser negligenciados nas análises das experiências humanas do espaço.

Considerações finais

Entender, enquanto pesquisador, as diferenças dos atos de percepção, memória, imaginação, análise, atenção, entre outros, nos capacita para investigarmos melhor as dinâmicas espaciais considerando suas dimensões objetivas e subjetivas.

Nesse contexto, diante de fenômenos sociais, políticos, ambientais e culturais tão complexos, que mecanismos de apreensão psicológica e emocional temos diante de espacialidades tão abrangentes (inclusive espacialidades virtuais)? As contradições espaciais do nosso tempo são um fato. As possíveis interpretações, posturas e ações frente a essas contradições são outros fatos. Ou seja, não devemos pensar apenas no fenômeno em si, mas no sentido e no significado do olhar em relação ao fenômeno.

A percepção dos fenômenos perpassa por uma dimensão subjetiva e espiritual da imaginação. A problemática não deve estar centrada apenas em identificar os fatos em si, mas também em entender o sentido destes, ou poeticamente falando, o sentido “por trás dos fatos”, o sentido subjacente aos fatos. Como a imaginação molda e constrói será também como entendemos e criamos a realidade que nos rodeia. Saber imaginar talvez seja saber criar realidades mais viáveis, possibilidades mais efetivas. E por que essas possibilidades não poderiam ser mais humanas, mais gentis e mais poéticas? Acreditamos que uma geografia fenomenológica pode ser um conhecimento útil no que tange o arcabouço necessário para

entendermos melhor algumas das contradições das espacialidades do tempo presente.

Referências

- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A Pluralidade da Geografia e a Necessidade das Abordagens Culturais. *In*: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.) **Da percepção e cognição a representação**: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007.
- BAUMAN, Zigmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zigmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **La poétique de la rêverie**. Paris: Quadrige; PUF, 1960.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência: a partir da obra de Eric Dardel. *In*: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BONTEMPS, Vincent. **Bachelard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

BRUM, Eliane. É possível morrer depois da internet? Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/26/opinion/1401110703_354594.html. Acesso em: 6 jan. 2021.

CLAVAL, Paul. Campo e perspectivas da geografia cultural. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.) **Geografia cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002 [1992].

CLAVAL, Paul. **História da geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEBORD, GUY. **A sociedade do espetáculo**. 2003. Disponível em: www.cisc.org.br/portal/jdownloads/DEBORD%20Guy/socespetaculo.pdf. Acesso em: 6 jan. 2021.

DEL CASTILLO, Jose Antonio García. **As redes sociais: vício ou progresso tecnológico?** 2014. Disponível em: www.researchgate.net/publication/277710116_As_redes_sociais_vicio_ou_progresso_tecnologico. Acesso em: 6 jan. 2021.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. ampl. Petrópolis: Vozes, 2019.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. *In*: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982 [1961].

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**. Rio Claro, v. 4, n 7, p. 1-25, abr. 1979.

A FENOMENOLOGIA DO AGORA: APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

Rogério Nogueira de Mesquita

Sinto-me substância
Com estrutura elementar
Aquecida dia a dia com o calor humano
Divago nas entranhas de um ser, que se deleita, enquanto me expulsa!

Sinto-me usado...
Não sei que dia é hoje
Da semana,
Do mês,
Do ano...
Ou que horas são,
Nem sei mesmo quem sou,
Meu corpo nem tem forma ainda
Pareço um girino perdido sobre as águas turbulentas de um rio
Ou sobre as lavas liquefeitas de um vulcão.

É tudo escuro aqui dentro,
Mexs irmanes, também, estão agitadx,
Com medo de ficar sem AR, quando formos expulsxs
Já ouvimos balbucios de que poucos sobrevivem, ao saírem daqui
Agora, ouvimos um barulho...
Parece que tem alguém caminhando
Há duas vozes distintas lá fora
Vozes que dizem: vamos fazer um bebê!

A outra voz diz: só se for um menino!
 A voz anterior exclama: não, vai ser uma menina!
 Mas o que é um menino ou uma menina?
 Não temos noção do que seja isso!
 Eles dizem que, se for menino, o quarto será azul!
 Jogará futebol!
 Fará luta de boxe,
 Será um garanhão
 E se for menina...
 O enxoval inteiro será rosa.
 Brincará de boneca!
 De casinha!
 Que será uma boa esposa e mãe,
 Aprenderá na escola várias coisas...
 Como pedir a palavra
 Quando ficar em silêncio
 Sentar-se corretamente

Não sei o que significam essas coisas,
 Mas parece ser algo bem meticuloso,
 E se for eu x vencedor/x da disputa com xs mexs irmanes aqui dentro?
 Darei conta de atender a tantas expectativas?
 O que é o azul?
 E o rosa?

Aqui dentro não há cores, odores, sabores, sexo ou gênero
 Só existe escuridão...
 Ah, mas também há sentimentos...
 Sensações,
 Medo,
 Angústia,
 Amor,
 Imaginação,
 Devaneios bobos,
 Utopias
 Através destes posso imaginar a vida e o mundo que eu quiser
 Posso imaginar, por exemplo,
 Que ganharei a corrida contra xs mexs irmanes
 Assim serei feto
 Crescerei dia após dia

Ganharei forma
Criarei olhos
Pés
Mãos
Cabeça
Boca
Orelhas
Ouvidos
Que tomarei forma humana!

E após aproximadamente 40 semanas
Desbravarei o íntimo do seu ser,
Que me acolheu e me nutriu
Quando fui expulso da minha casa primeira
Farei movimentos tão bruscos
Que a casa que me acolheu estremecerá
Gritará de dor
Sangrará
E ainda assim, me amará!

Não pareço justo
Foi ela quem me acolheu
Deu-me abrigo
Calor
Alimento...
Agora, culpo a mim mesmo
Mas também me pergunto
Talvez nunca conseguirei respostas
Mas como fui capaz de causar tanto sofrimento
Dor
Desespero
Medo
E esperança a alguém
Sem ao menos saber quem eu era de verdade?
Quem decide?

Não me lembro de haver decidido algo em lugar algum...
Mas já nasci...

A minha casa agora é outra
Mas a dona da minha casa primeira
Continua a me cuidar...
Dá-me banho...
Alimenta-me!
Zela-me e
Faz-me dormir...

Cresço com muita rapidez
Mas só consigo enxergar o preto e o branco
Onde se encontram, camuflados, o azul e o rosa?
Ah, agora já consigo enxergar a cor vermelha!
É, parece que elas vão surgindo aos poucos...
Mas consigo gostar de todas elas!
Parecem tão vivas e brilhantes...
No meu oitavo mês já consigo ver todas elas...!
São todas lindas:
A cor branca,
Amarela,
Azul,
Rosa,
Verde....

E, combinadas, abrem muito mais possibilidades de colorir a vida
Juntas, podem colorir o arco-íris
A aurora boreal
Ou mesmo um jardim de margaridas e girassóis
Todas combinadas ao perfume das rosas e orquídeas
Ao barulho da chuva que cai sobre as folhas e pétalas das flores
Ao cantar dos pássaros, enquanto se alimentam de frutos frescos e suculentos
Ao esplendor do sol, ao alvorecer que aquece a epiderme das vidas pulsantes
Dão um tom especial à vida
Um tom de esperança...

Eu...
Ainda
Sou
Era

Serei
 Esper
 mato
 zoi
 de... !?

Na
 Fenomenologia
 Agora...

A poesia que você termina de ler, é fruto de algumas inquietações construídas ao longo da disciplina “Fenomenologia bachelardiana e aspectos do bem viver na abordagem geográfica”, ofertada pelo programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, ministrada pelo Professor Dr. Gustavo Henrique de Abreu Silva e o Professor Dr. Josué da Costa Silva.

Em um movimento de ensino e aprendizagem significativos, esses docentes buscaram nos instigar para uma fenomenologia da imaginação, ao apresentar os espaços como fonte propulsora de percepção, sensibilidade e criatividade, procurando apontar descentramentos de práticas cartesianas e coloniais, de forma a nos reconectar ao humano, através de elementos tais como água, fogo, terra e ar e articular os conceitos de devaneio, poesia, imaginação, representação e fenomenologia, para compreender o mundo em expansão.

Após ter sido seduzido a mergulhar nesse universo imagético, reflexivo e encantador da poesia bachelardiana, busquei, através de uma análise espacial inclusiva, realizar algumas tessituras epistemológicas baseadas nas investigações que venho realizando sob a perspectiva de gênero e sexualidades na análise geográfica.

Assim, através da fenomenologia da imaginação, busco uma aproximação da “[...] imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser tomado na sua atualidade” (Bachelard, 1993, p. 184). No entanto, cumpre destacar que ela não está desconectada da realidade socioespacial, visto que essa imaginação enxerga múltiplas possibilidades de transformação social.

Na linha de raciocínio estabelecida no decorrer da escrita do poema, que abre este capítulo, a perspectiva de espaço ultrapassa as definições de um espaço geométrico a espera de ser colorida como diria Relph (1970). Inclusive, é preciso não perder de vista que se trata de um espaço estruturado pela projeção da imaginação, espaço esse sem início, meio ou fim, se importando com os processos subjetivos e com todas as vivências espaciais.

A partir da noção de espaço, onde todos os mundos são possíveis, buscamos “escre-ver” essa poesia, isto é, viver o escrever como potência imaginativa e criativa, afinal, “escreviver” é praticar um devir-saber, no qual as linguagens tocam-se e as fronteiras ruem para acolher o espanto e devaneio da palavra.

Em tal direção, construímos um espaço não onde apenas estejamos inseridos como mais um elemento entre tantos outros, mas inscritos em uma perspectiva onde o ser constitua o próprio espaço, considerando as suas bases cognitivas, psicológicas, sensoriais e sociais. Esse é, claro, um exercício de imaginação, que movimenta percepções, afetos e sinestésias para as quais poetizar e teorizar são práticas epistemológicas cujas fronteiras estariam diluídas, a ponto de não haver liames entre ler, agir e pensar, fenomenologicamente o espaço do desejo.

Quando rabiscamos o texto de cunho poético, não tínhamos a intenção de explicá-lo posteriormente, mas deixá-lo livre a interpretações do leitor. No entanto, alguns rigores acadêmicos nos instigam a sintetizar a ideia central do texto, como que em um ato de procurar traduzir o intraduzível.

Assim, no decorrer da escrita poética, buscamos promover um diálogo entre um espermatozoide e a imaginação dinâmica que, em sua constituição distanciada da colonialidade humana, expressa sensações e percepções enquanto ainda se constitui substância nas entranhas do humano. Essa ideia é trazida com o intuito de refletirmos sobre nosso processo de concepção, pois neste ainda não temos noção do que convençamos chamar de gênero ou o que venha a ser masculino ou feminino. Essa é uma carga ideológica construída pela sociedade, na qual antes mesmo de nascermos, já trazemos expectativas do que devemos ser ou não ser de acordo com as características anatômicas que apresentamos.

A esse respeito, Butler defende que o gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história assoberbante do patriarcado. “O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer” (Butler, 2011, p. 87). A escrita de Butler nos deixa claro que o gênero constitui uma construção impositiva antes mesmo do nascimento.

A questão fica mais evidente, quando, em nosso cotidiano, realizamos práticas aparentemente simples como os chás de revelação do sexo do bebê, nos quais são presenteados itens na cor azul para meninos e na cor rosa para as meninas, ou mesmo nas brincadeiras promovidas nas escolas, onde meninas equilibram um bambolê na

cintura e os meninos jogam futebol, separa-se a fila a qual pertencem, e o banheiro ao qual devem frequentar.

Assim, o “masculino e o feminino, como princípios, significam um jogo de relações que constroem o humano como homem e mulher” (Muraro; Boff, 2002, p. 73). Pelo que se observa, são forças construtoras e organizadoras de vida, forças estas muito bem estruturadas em suas dimensões conceituais e simbólicas, que já estão enraizadas e resistem a abrir-se dialogicamente à pluralidade, produzindo colonialidade e opressão às diferenças.

Entrelaçados por essa via de interpretação, somos movidos pela curiosidade epistemológica de questionar, desestabilizar e afrontar os tentáculos do poder e as estratégias do discurso patriarcal, machista, sexista, eurocêntrico e LGBTfóbico, incrustado na sociedade contemporânea com suas verdades preestabelecidas.

Mediante as construções sociais deturpadas do humano, que insistentemente desconsideram as múltiplas vivências espaciais, buscamos construir caminhos de fuga e a construção imagética e espacial de um mundo que olhe para a diferença não como um defeito, mas como uma virtude. Essa é uma postura que, se posta em prática, evitaria a subordinação do feminino em detrimento do masculino e as demais relações dissimétricas, injustas e desumanizadoras.

Nessa perspectiva, Relph (1970), inspirado em Bachelard, escreveu que a “nossa imaginação conhece lugares seguros, como espaços, espaços miniatura, espaços de imensidade íntima que são transmitidos dentro de formas físicas” (Relph, 1970, p. 9). É interessante também analisar que esses mesmos espaços, que podem em um dado momento nos trazer segurança e estabilidade, podem

também nos proporcionar traumas, paisagens topofóbicas e paisagens do medo para alguns indivíduos. Esse é o caso das mulheres que sofrem violência doméstica, e dos grupos que sofrem com a LGBTfobia (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais), que são agredidos/as e expulsos/as desses espaços que aparentemente só nos trazem segurança e estabilidade.

Em linhas gerais, o que as paisagens da imaginação e o poema parecem nos apontar é a urgência de fomentar a produção de espaços de fuga para esses corpos aprisionados fisicamente. Ou seja, esperar devaneios para tecer mundos possíveis onde o afeto, a imaginação e o bem viver, estejam em diálogo com a trama humana da vida, transformadora, reflexiva e cidadã.

Com isso, talvez, possamos aprender a voar através da escrita poética, e inscrever um movimento fenomenológico da errância imagética, sensorial e de devaneios, ainda por cartografar no mundo acadêmico, escolar e humano do agora. Enfim, e provisoriamente, aprender a “escrever” aproximações epistemológicas, sem amarras para o pensamento em trânsito da vida agora!

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *In*: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). **Gênero, cultura visual e performance**. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr. 1979.

SENA, Dalila Maite Rosa; FRAGA, Jaíne Teixeira da; MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues. Menino veste azul, menina veste rosa: uma reflexão sobre as relações de gênero reforçadas na educação infantil. **Revista Diversidade e Educação**, v. 8, n. 2, p. 576-594, Jul/Dez, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/download/11569/8492/39234>. Acesso em: 25 mar. 2022.

TOSTA, André Luiz Zanao; DALTIO, Darcy Anderson. O corpo educado e os corpos abandonados: gênero, educação, currículo e exclusão dos corpos sem consistência. *In*: RODRIGUES, Alexsandro; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa. **Currículos, gêneros e sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas**. Vitória: Edufes, 2013.

**ENTRE O QUINTAL DE MANOEL DE BARROS
E A FENOMENOLOGIA DE BACHELARD:
DEVANEANDO GEOGRAFIAS**

Leide Joice Pontes Portela

A fenomenologia poética e onírica, elaborada por Gaston Bachelard, ressoa de forma profunda na Geografia, pois inquieta a geógrafa e o geógrafo a explorar o espaço, os lugares e as imagens sob o aspecto da desrazão. A fenomenologia da imaginação de Bachelard reivindica o sonho e o devaneio poético na geografia, subvertendo a dureza, a lógica e a insensibilidade tão comumente praticada na ciência.

Ao falarmos de Bachelard, é necessário distinguirmos qual período do dia estaremos nos referindo em suas obras. A parte diurna e a parte noturna são as duas partes fundamentais que contemplam as obras do autor.

Segundo Vincent Bontems, em seu livro sobre Bachelard, no capítulo “O Ritmo das noites”, a parte diurna seria dedicada a consciência desperta da pesquisadora e do pesquisador, sendo o espírito científico fortemente socializado (representado pelo dia) e a parte noturna dedicada a imaginação poética e o devaneio

solitário (representado pela noite). Essa divisão questiona a ideia de uma totalidade humana que quase sempre é limitada ao ritmo circadiano, ou seja, somente em torno do dia, estagnando e resumindo o humano às ações racionalistas e objetivas.

Bachelard acentua que é necessário pensar e discutir primeiramente o humano da noite, pois à noite nós não somos racionalistas e não dormimos com equações na cabeça. A noite permite o sonho e o devaneio. É na noite que imaginamos com profundidade; é onde se cria o espaço para retornarmos a nossa primeira casa e as experiências primeiras. Voltamos à infância e ressignificamos as memórias. A noite é como se fosse protetora da nossa imaginação. Assim, o noturno para Bachelard representa o momento e o espaço do eu-livre.

De forma metafórica, a noite e o noturno das obras de Bachelard surgem para abarcar tudo aquilo que foge da consciência racional. O dia e a noite são opostos, mas se complementam no movimento rotacional da terra, proporcionando uma dupla leitura da condição humana em um viés fenomenológico. O ritmo diurno (científico) e o noturno (devaneio) ocasionam o dinamismo do espírito, o qual Vincent Bontems chama de “funções da realidade”, que são usadas no raciocínio científico, e “funções da irrealidade”, onde a imaginação vivifica a criação poética, criando assim o humano das 24 horas.

Bachelard relata que aprendeu a ler de forma profunda somente quando percebeu a vida própria e autônoma das imagens literárias. Para que isso aconteça, é necessário retornar às obras que já foram lidas e realizar uma segunda leitura. Essa dupla leitura proposta por Bachelard deve ser feita com o espírito claro e a imaginação sensível, tornando-a noturna. A obra *A poética do espaço* é uma das obras

noturnas mais marcantes do autor, pois apresenta uma fenomenologia que tensiona fortemente as fronteiras do pensamento racional.

No Bachelard noturno se cria e mantém de forma intensa a imagem da casa e seu arquétipo de proteção que varia de acordo com a memória e a experiência de quem está devaneando. Para Bachelard, nos estudos fenomenológicos dos valores da intimidade do espaço, a casa é privilegiada em conseguir integrar e representar a complexidade, a particularidade e a unidade de valores e emoções humanas a partir da imaginação poética. A casa nos fornece imagens que provocam a imaginação, e a imaginação aumenta e altera os valores da realidade. Bachelard nos diz que:

É preciso dizer como habitamos nosso espaço de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”. Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo (1993, p. 200).

Partindo da ideia bachelardiana de que todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa, percebemos a imaginação onírica enquanto construtora de casas, sonhos e refúgios. A casa abriga o devaneio e protege o sonhador e a sonhadora, permitindo-nos/nas sonhar em remanso e em graus mais profundos, tocando o espaço poético da casa. Bachelard pauta a casa como um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, lembranças e sonhos das pessoas, sendo o devaneio o princípio que promove a ligação dessa integração.

A casa seria um corpo de imagens e ao distingui-las se revelaria a alma da casa, desenvolvendo assim uma verdadeira psicologia da habitação. Bachelard traz a casa imaginada como um ser

vertical. Essa verticalidade seria assegurada pela polaridade do porão e do sótão. Essa polaridade seria tão aguda que abriria, de alguma forma, duas perspectivas muito distintas para uma fenomenologia da imaginação.

Bachelard utiliza a psicanálise de Jung que se serve de uma dupla imagem composta pelo porão e o sótão para analisar os medos que vivem na casa, a fim de afirmar que pode existir uma cooperação entre psicanálise e a fenomenologia. Segundo Jung, o porão é uma representação do ser obscuro da casa, é o “ser que participa das potências subterrâneas. Sonhando com ele, concordamos com a irracionalidade das profundezas” (p. 209), e o sótão como o andar mais alto da casa expressa a racionalização dos medos, uma vez que a claridade do dia e a altitude em que o sótão se encontra, se torna um lugar de álibi para a coragem e sonhos menos profundos. Bachelard sobressai ao afirmar que ao contrário dos/as psicanalistas que frequentemente se limitam a superficialidade das metáforas e comparações, como a dupla imagem do porão e do sótão, os/as fenomenólogos/as devem prosseguir e ir até o âmago das imagens.

A casa onírica enquanto espaço íntimo de habitação e instrumento poético da topoanálise nos revela muito da condição humana e sua função de habitar. Habitamos o ventre, casas, quartos, quintais; habitamos memórias e sentimentos. Devanear sobre a habitação que criamos e sonhamos é produzir imagens de imensidão. Aqui falaremos da noite e do devaneio íntimo da poesia.

Na tentativa desprendida e sossegada de lentamente cavar a profundidade do meu devaneio geográfico, segui o conselho de Bachelard para realizar a dupla leitura. Ao retornar à algumas leituras, reencontrei fenomenologicamente alguns escritos do poeta

Manoel de Barros. Assim, ao invés de falar dos cômodos da casa onírica proposta por Bachelard ou da dupla imagem do porão e do sótão observada por Jung, me propus a devanear sobre a parte da casa que mais me interessa a habitação: o quintal.

O devir onírico que a habitação do quintal, do mato e dos bichos causam, me inclinaram a habitar imagética, poética e geograficamente esse espaço. Aqui pretende-se apontar elementos fenomenológicos criadores do devaneio e da imaginação poética em algumas poesias da obra antológica *Meu quintal é maior do que o mundo*⁷ de Manoel de Barros. Partindo da ideia de devaneio particular, proponho o quintal como a localização do espaço de intimidade.

Manoel de Barros, diz que, o quintal que ele brincava é maior do que a cidade e só veio descobrir isso depois de grande, uma vez que “a gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas”, sendo justamente a intimidade que temos com algo que fornece sentido, tamanho, valores e sentimentos. Para ele, as pedrinhas do seu quintal eram maiores do que as outras pedras do mundo. Cavar no nosso quintal é (re) encontrar vestígios das crianças que fomos.

A composição poética do autor é a sua própria experiência espacial, o viver e a obra de Manoel se retroalimentam a partir do

⁷ *Manoel por Manoel. Poemas concebidos sem pecado* (1937). *Face imóvel* (1942). *Poesias* (1947). *Compêndio para uso dos pássaros* (1960). *Gramática expositiva do chão* (1966). *Matéria de poesia* (1974). *Arranjos para assobio* (1980). *Livro da pré-coisas* (1985). *O guardador de águas* (1989). *Concerto a céu aberto para solos de ave* (1991). *O livro das ignoranças* (1993). *Livro sobre nada* (1996). *Retrato do artista quando coisa* (1998). *Ensaio fotográficos* (2000). *Tratado geral das grandezas do infimo* (2001). *Poemas rupestres* (2004). *Menino do mato* (2010). *Memórias inventadas* (2003).

recurso imagético criado pelo poeta, possibilitando romper as fronteiras do real e racional, oferecendo devaneios que só a poesia pode aprofundar.

O poeta vai além do dizível e privilegia a criação de imagens, tendo uma bonita ligação com a fenomenologia de Bachelard, Manoel de Barros abre espaço para reverberar a imagem poética na alma do poeta e da poetisa, e do/a leitor/a, produzindo ressonâncias sentimentais e íntimas, principalmente a partir do espaço onírico do quintal, antologia aqui lida e devaneada.

Manoel na sua mais íntima sensibilidade retorna as suas experiências primeiras e fala da sua “criancês” adulta. Ele não retorna à infância como imagem travada em cenários, mas sim como uma potente vivência em estado de ressignificação com os seres humanos e o mundo. A criancês para ele representa muito mais do que uma etapa biológica, a infância é o momento em que a liberdade e a criação se manifestam em sua mais pura profundidade. É onde o devaneio é permitido e aceitado sem questionamentos racionais, por isso, a infância é uma imagem que se molda a partir de seus escritos. Ele nos concede a criancês e o direito de criar em liberdade:

[...] Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e uma árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. [...] Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era menino e os bichinhos. Era menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores (Barros, *Memórias inventadas*, p. 15, 2003).

A relação de comunhão e transfusão da natureza com a criança é um aspecto atraente para se pensar o bem-viver, tão bem experienciado pelo eu-criança de Manoel. Crescido no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios, o autor demonstra em seu ‘sotaque’ de escrita o sentimento de pertencimento com o Pantanal, onde reflete a profundidade da sua relação com a terra pantaneira que reluz em sua poética. O menino se tornando parte do sol, do rio e das árvores, é um recurso imagético que me leva ao lugar mais desprendido, criativo e libertário da casa, representado pelo quintal.

O quintal de Manoel de Barros é o lugar escolhido pelo poeta para expressar seu devaneio. O quintal barreano, tal qual a topofilia de Yi-Fu Tuan, apresenta uma relação afetiva entre o meio e o autor. Por ter sido criado no mato e gostar das coisinhas do chão, Manoel de Barros se comunica a partir do delírio da natureza contida em seu quintal. As imagens criadas por suas palavras sempre remetem aos elementos da natureza. O mato, os bichos, as águas e o céu são essenciais para seu devaneio. Estar no quintal é estar no lugar íntimo da infância em comunhão com a natureza.

Para Manoel “as palavras eram livres de gramáticas e podiam ficar em qualquer posição”, o poeta subverte a limitação linguística e gramatical a partir do ato de ser criança. Na voz do eu-criança, o poeta consegue transgredir as ideias e a gramática sem se confiar nas exigências do racionalismo. O próprio poeta afirma “[...] E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela. Como se fosse infância da língua.”

A criação da palavra, do devaneio e do universo da criança se reflete na sua radical lógica gramatical que se norteia pelo delírio.

Para Manoel, o “poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina”. A insanidade das palavras rompe com os limites atribuídos à língua, possibilitando que se crie em sua maior liberdade e originalidade, pois para o poeta “o verbo tem que pegar delírio”.

O poeta revoluciona a palavra e cria novas possibilidades de interpretação e significação. A língua da infância abre margem para a agitação das imagens poéticas que são alimentadas por sua experiência espacial “lugarizada” no Pantanal. Seus poemas se rastejam no chão e brincam com os bichos da terra, com as árvores e os pássaros.

Bachelard diz que a leitura dos poetas é essencialmente devaneio. O cotidiano e as coisas desinteressantes do dia a dia são reinventados a partir da desrazão das palavras e das imagens poéticas no quintal de Manoel. A potência onírica e poética das imagens do poeta instigam e ampliam o devaneio do leitor e da leitora.

Na poesia abaixo, o poeta vivifica uma cosmovisão de interação e integração dos elementos da natureza que o eu-criança de Manoel criou:

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa. Passou um homem depois e disse: essa volta que o rio faz por trás da sua casa se chama enseada. Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa. Era uma enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem (Barros, *O livro das ignorâncias*, p. 85, 1993).

Esse trecho torna claro o quanto o surrealismo presente nas obras do poeta é condicionado à infância, referindo-se ao adulto como “um homem” que com seu racionalismo arruinou a imagem

dos arredores da casa que ele nutria. Ao substituir “a cobra de vidro mole que dava a volta atrás da casa” por “enseada” se destruiu o onirismo e a poética da imagem. A razão do adulto cortou o estado de poesia e devaneio próprio da criança. Ao se libertar da razão que orienta o mundo, se abre as portas para a diversidade linguística e poética tão bem usada por Manoel. A dialética da palavra que é destruída e recriada pelo poeta, extrapola a realidade lógica e objetiva com o intuito de instigar o leitor e a leitora a mergulhar na cosmovisão poética.

O poeta fala por imagens. A comunicação com o leitor e a leitora a partir do devaneio e da imagem, ocasionadas pela combinação poética e surrealista das palavras de Manoel, nos arrebatam para longe; nos afasta dos cômodos e das paredes da casa e nos arrasta para o chão do quintal. O quintal é todo o mundo.

A partir da sua visão oblíqua e aproximada da terra, Manoel de Barros consegue abrir e escavar um mundo de possibilidades e criações. Através da sua linguagem tematizada no pantanal e na natureza, se cede espaço ao exagero profundo das imagens criadas pelas suas poesias, como bem expressado em: “Olha, mãe, eu só queria inventar uma poesia. Eu não preciso de fazer razão”. A desrazão da poesia e da imagem poética inquieta e engrandece o espírito científico. Manoel narra seu interior e sua intimidade a partir do seu quintal; transforma as miudezas existentes no quintal em exorbitantes imagens.

Bachelard considera que a poesia antes de ser uma fenomenologia do espírito é uma fenomenologia da alma, e que no domínio da criação da imagem poética pelo poeta, a fenomenologia é, se assim podemos dizer, uma fenomenologia microscópica. Das coisas miúdas e desimportantes se cria grandes e profundas imagens.

Na microscopia do mundo, o quintal barreano ressoa a imagem da intimidade e proteção para se aventurar e sonhar. Nesse quintal se encontram o dinamismo das imagens e suas múltiplas metamorfoses, pois a imagem poética, como anuncia Bachelard, é essencialmente variacional.

Sobre habitação, Bachelard expressa que hábito é uma palavra usada para explicar a ligação apaixonada do nosso corpo que não esquece a casa inolvidável. Habitar o quintal onírico, tal qual faz Manoel, é um exercício para que olhemos as pequenezas e as desimportâncias que compõe grandes e importantes espacialidades. Se os espaços de intimidade se caracterizam por uma atração, o quintal pode ser habitado profundamente quando se tem uma conexão com a lembrança e/ou com a invenção do mesmo. Manoel de Barros escreve e devaneia a partir de seu corpo em contato com a natureza que reside no seu quintal, tornando-a infinita e íntima. Para fazer nascer a imagem criada a partir do mundo que cabe no quintal, foi preciso que Manoel se arrastasse no chão, cheirasse, lambesse e tocasse o quintal, para que assim expressasse toda a força poética e imagética de seus escritos. A palavra, a poesia, a imagem e a geografia roçam nos corpos.

O eu-criança acessado pelo devaneio poético pode conceder ao geógrafo e a geógrafa um imaginário abundante que erradia criatividade. O estado de ingenuidade e liberdade de forma não verticalizada é inerente à infância porque existe o brilho nos olhos e a curiosidade em descobrir a vida. Acessando as memórias, retornando ao eu-criança do quintal, se produz um devir poético que se relaciona com o espaço e com o meio de forma harmoniosa. A fenomenologia da imaginação é uma árvore onde a Geografia pousa para gorjear.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BONTEMPS, Vincent. **Bachelard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

A VOZ POÉTICA DE BACHELARD E A AFRICANIDADE DO EU CONTANDO O SAGRADO⁸

Ádria Fabíola Pinheiro de Sousa

*“Se minha mãe é Oxum, ora ieieo,
rainha do nosso terreiro. A deusa da beleza é
minha mãe Oxum, o orixá da natureza. Aí vem
mãe Oxum passeando, passeando no clarão
da lua, ai como é linda, ai como é bela, mamãe
Uxum passeando no clarão da lua”.*⁹

Introdução

Antes de iniciar este texto, peço licença a todas as minhas ancestrais. Peço a bênção as mais velhas e as mais novas. Peço a bênção a minha mãe Oxum e a minha mãe Mariana. Motumbá axé motumbá¹⁰ a todes!

⁸ Este texto foi escrito de forma poética, pois a autora acredita que não se faz ciência sem sonhos e Gaston Bachelard ampara e incentiva este tipo de escrita.

⁹ Todos os pontos utilizados no texto são cantados no terreiro onde cultuo, de saber empírico, por isso não têm referências de autoria.

¹⁰ Pedido de bênção na língua iorubá.

Este texto é um ensaio que parte das observações e perspectivas de Gaston Bachelard, que dão liberdade para a construção de uma escrita mais subjetiva. Ele traz a minha vivência, enquanto autora, com o tipo textual que é a poesia; um universo onde habita os mais diversos conteúdos, acontecimentos e emoções que tem como primazia a inspiração, o pensamento e o estado da arte. Assim como Bachelard, acredito que a poesia traz sutileza ao texto e não foge do mundo vivido e real de nossas experiências. Amparada na fé em minha religiosidade afro-brasileira/afroamazônida do Tambor de Mina¹¹, juntamente com a crença em um mundo justo e amoroso, é que trago a poesia para o espaço acadêmico, a fim de demonstrar que sim, podemos fazer ciência e a ciência pode revolucionar.

Ciência, fé e poesia

A memória das minhas ancestrais, seja ela contada por outras, ou mesmo imaginada em meus mais desejados devaneios, me fazem retornar a um passado de presença marcante, de mulheres guerreiras que derramaram sangue, sacrificaram suas vidas por mim para que eu tivesse a capacidade, serenidade e força para continuar a luta, pois elas, as minhas guerreiras ancestrais sabiam que o futuro não seria fácil; que teria sempre que lutar pela “Consciência” Negra. Temos consciência que somos Pretas. Temos consciência que somos Negras. Ou Pretinhas, ou Neguinhas, ou Negão. Somos Pretas no corpo, na alma e no coração! Ah, quem nos dera se todos tomassem ciência da importância dessa cor. Quanto grito, quanto clamor,

¹¹ Religião Afro-brasileira, difundida no Maranhão, Região Nordeste do Brasil, que também se territorializou na Região Norte, especialmente, Belém-PA.

quanto gemido, quanta dor! Quanto suor, quanto horror! Vivemos na esperança de uma consciência melhor! Mulher negra guerreira. Eu, tu, ela, sem querela. A querela é só pela discriminação. Para esses nós não damos razão. Para esses, só evasão. É ela que põe o turbante e a roupa branca rendada. Quem é essa negra que não tem medo de nada? É ela que entra na gira e vive sua fé, mulher da umbanda e do candomblé! A mulher afro faz um desabafo: fora preconceito, fora discriminação! Chega de humilhação, somos uma só nação. Me dê sua mão. Cantemos uma só canção. O canto negro é sossego, arvoredo. É intensidade, capacidade, felicidade!

Essa é a minha teoria da imaginação. São as minhas imagens de devaneios que se desprendem do universo imaginário para o real. É isso que eu quero, faço do meu devaneio a minha lei, o meu reino, a minha própria imagem e a imagem dos outros. Vejo no espelho do tempo o reflexo das minhas escolhas e das minhas ações. Esse é o papo reto da nega. Quando a essência toca a minha alma, arranca um pedaço da minha carne e me sinto mais eu, mais viva, mais inteira. Não é besteira dizer que o sistema tá bagunçado, a minha carne negra tem que fazer a bagunça. Eu quero ser jagunça do meu sertão do Norte, mostrar que meu santo é forte. Não quero carnificina pras manas da periferia de nenhum canto do Brasil. Será que é varonil? Cabeça erguida, palavra na boca para atirar como metralhadora e fazer denúncia, pronunciar palavras de boa ação, ação do bem, sem olhar a quem, sem escolher ninguém. Minha arma é minha mente, minha linguagem usa papo reto pra defender minha gente.

Um passo atrás tenho que dar para beber da fonte das que vieram antes de mim. Um passo atrás tenho que dar, não como retrocesso, mas como respeito e reverência àquelas que abriram o caminho para que eu passasse.

Os espaços poéticos que Bachelard apresenta, não são necessariamente espaços de ilusão, mas são também espaços de força, espaços conquistados e amados, são espaços transformados, espaços de poder.

Uma mulher negra pode, e deve, conquistar seus espaços, transformá-los e amá-los. Mais que isso, ela pode transformar esse espaço em uma gira¹². É ela que põe o turbante e a roupa branca rendada. Quem é essa negra que não tem medo de nada? É ela que entra na gira e vive sua fé. Mulher da umbanda e do candomblé! De troca com outras manas, pode transformá-lo em uma encruza, lugar por onde todas passam e deixam algo de si, trocam afetos e medos. Chega de humilhação. Somos uma só nação. Me dê sua mão. Cantemos uma só canção. O canto negro é sossego, arvoredos, é intensidade, capacidade, felicidade! Elas deixam um pouco de si, e levam um pouco de mim, de todas.

Eu abro a nossa gira com Deus e Nossa Senhora, eu abro a nossa gira sambolê, pemba de Angola. Gira, gira, gira os caboclos, sem sua gira eu não posso trabalhar, nasci, assim, na fé de Ogum, meu pai, sem gira eu não posso trabalhar.

Como afirma Bachelard, a imagem poética emerge na consciência. Fenomenologia da imaginação. “A poesia é uma alma inaugurando uma forma” (p. 187).

Eu transmito e vivo a minha poética do imaginário, por meio da poesia, ela alimenta a minha alma e comunica os meus sentimentos.

¹² Culto afro que é feito em formato circular, por isso é chamado de gira – momento em que as entidades/caboclos são chamados para que ocorra a incorporação.

A poesia me faz enxergar todos os espaços de forma diferente, mas principalmente, o espaço do terreiro, que é o lugar onde sinto e vivo com mais intensidade a minha ancestralidade, das que já vieram e das que virão.

No terreiro, experiencio a transmutação da alma e me aproximo de Deus, dos meus orixás e das minhas entidades. O meu corpo se transforma no terreiro, ele está em mim e eu estou nele. No terreiro eu durmo e acordo com a certeza que estou protegida, pois é um lugar que amo e que me aproxima do bem, que recarrega as minhas energias.

Ocupar esse espaço que tem o chão sagrado me dá a certeza de que vale a pena enfrentar todas as adversidades que a vida coloca diante de mim.

Cada elemento, símbolo, cada canto, cada fundamento, cada imagem, são a representação da minha crença e da minha força ancestral.

O Tambor de Mina, que é a minha religião afro-brasileira, afroamazônida, me leva a fazer um resgate do meu eu e afirma a minha identidade. Não só o chão é sagrado, mas cada elemento que nele contém. A fé no sagrado, na religião de matriz africana, em uma vela que queima, em uma mão que abençoa e bate paô¹⁵, em uma guia colocada no pescoço, em um turbante na cabeça, em um pano da costa, em um adjá¹⁴, em uma doutrina cantada, em uma reza falada,

¹⁵ Palmas

¹⁴ É uma sineta de metal utilizada por mãe e pais de santo nos momentos de gira/culto afro ou em oferendas, com a finalidade de chamar os Orixás, ou provocar o transe.

em uma saia que gira no congá¹⁵, no toque do tambor. Todos esses elementos me descrevem e me representam. Esse espaço sagrado é a extensão de mim, é a minha casa sagrada, a minha casa de axé, é o meu grito de “liberdade”. Curvada às dobras da decisa¹⁶ o corpo acompanha as ondas sonoras do tambor. O beijo nas mãos ou o gesto de motumbá ao longe são sinais da ancestralidade em tom de branco misturado à essência de alfazema. Da vela branca no altar de Oxalá ao Ogum Xoroquê¹⁷ plantado na porteira do congá. São marcas de uma herança ancestral que não será diluída pelo caminho das folhas secas. Cheiro de defumação e pipoca no chão, são sinais de renovação, de fé, esperança e de respeito, como se mamãe Oxum falasse de dentro do peito. Peito que bate no compasso do paô, do giro do yaô¹⁸. Das palmas dos pés esticadas no chão do barracão; do ori que se curva aos pés da mãe e do pai humano ou orixá, caboclo, ou não. O mau presságio da escravidão se desfaz debaixo da guma¹⁹ sagrada, no centro do peji²⁰, sob o olhar erguido para o alto e a boca cantando doutrinas de paz; pelo suor escorrendo do rosto da preta e do preto, anunciando que não é mais da senzala. Agora é afagado pelos braços de Nanã e abençoado por Iansã, como sempre havia de ter sido, sem que precisasse ter se escondido para cultivar a sua fé, que agora também é nossa: Umbanda, Tambor de Mina, Candomblé.

¹⁵ O mesmo que casa de santo.

¹⁶ É uma esteira, feita de palha que se usa dentro de uma casa de santo para obrigações, especialmente para fundamentos de iniciação.

¹⁷ Ogum (orixá) que se aproxima de Exu. Significa corta (Xoro) feroz (quê).

¹⁸ Filhos de santo que já passaram pela iniciação no candomblé ou que tiveram caboclos assentados no Tambor de Mina ou na Umbanda.

¹⁹ Guma ou guna éfica no centro do terreiro/barracão e recebe um fundamento essencial para a casa.

²⁰ Lugar que recebe um fundamento no chão do terreiro, que fica embaixo da guma.

Mina Terê Terê

Ô mina terê terê
Missáina saiô saiô
Boboromim saíla vodum
Ié cum aiê
Ié cum aiá
Laicô ia made ô
Oi kiri elé ia made ô
Laicô ia made ô
Kiri elé ia made ô

É nesse espaço, conhecendo a essência de cada elemento simbólico, que chego à minha fenomenologia da imaginação, embebida pela transmutação da poesia, que só revela a existência de quem sou. O terreiro é o meu abrigo primordial. Nele acontece a entrega total do meu corpo, da minha mente, do meu espírito, que dá lugar a um ser de outro universo, mas isso só acontece porque antes de tudo eu confiei. Nesse momento eu durmo, entro em estado de hibernação e não sou mais eu, resta somente a matéria; é o ato da incorporação, o encontro de outro espírito com o meu corpo, e mais uma vez eu repito, nele eu confiei para que pudesse entrar nesse transe de cura, de libertação. Abri o meu ori²¹ para que esse outro ser pudesse habitar em mim, emprestei a ele a minha matéria como instrumento de paz, de alegria, de amor e de fé.

Estar disponível para essa entrega é uma escolha, mas antes de tudo, é um chamado. Eu fui chamada pelo meu orixá para fazer parte dessa magia, dessa fé e desse axé.

²¹ Sinônimo de cabeça, em ioruba.

Mas antes de tudo isso, não deixo de dizer que nessa casa – terreiro – não existia penumbras; elas eram os meus medos, a minha ignorância. Ninguém nasce sabendo, havia muitos segredos ocultos, muitos mistérios, e muitos ainda existem. E nesse momento de aprender, muitas vezes frágil e incapaz, minha mente está cheia de incertezas e de questionamentos. Mas eu fui e sou ensinada pela mãe e pelo pai de santo, pelas minhas entidades, até onde eu fui e sou merecedora. A vida apresenta limites, o espaço do terreiro não é diferente. A partir do momento em que eu aprendo o que posso e o que não posso; o terreiro passa a ser uma casa de proteção, porque nesse momento eu me desfazo dos meus medos.

E pra me ajudar na perda desses medos, na verdade, é mais como um afago, uma proteção, um acalanto, me apego e me entrego à mamãe “Oxum”, tão doce, tão bela, tão anil, é assim a mamãe Oxum das cachoeiras, sentada na beira do rio. Quão boa tu és minha Mãe, quão carinhosa tu és minha Mãe. A senhora que aconselha e acalanta. A senhora que embala e que encanta. Não consigo mais me ver sem os cuidados da Mamãe Oxum. Não saberia mais viver sem ela, de jeito nenhum! Suas águas são doces como mel. Suas águas que curam, são vindas do céu. Minha mãe, pra senhora eu bato cabeça, para que minha vida não pereça, não enfraqueça. À senhora eu confio o meu caminho, o meu destino. Acendo uma vela amarela e uma prece eu faço, pois com a senhora eu sei que não tem laço. Assim eu vou levando, perante as dificuldades, não esmoreço. À senhora minha Mãe, eu sempre agradeço. Com o clarão do teu luar a me guiar, assim como colhes lírios para o seu congá, nas suas águas eu vou sempre me renovar e lutar na vida sem medo algum. Afiderioman, Ora yeye o Mamãe Oxum!

É como coloca Vincent Bontems, ao analisar os estudos de Bachelard, o dia e a noite são inseparáveis, assim eu sou, incompletude sem a mamãe Oxum. A voz poética-noturna de Bachelard é como a lua de mamãe Oxum que saúda a noite, e se despede do dia em uma reverência de agradecimento, mas ao mesmo tempo, se alimenta dessa “claridão”. No momento dessa troca acontece a simbiose de energias naturais, no tempo, no templo do universo. A lua cheia representa esta orixá, como se fosse Yin-Yang, duas energias opostas, mas que se complementam, a lua e o sol, a escuridão e a “claridão”. A lua cheia representa o momento em que ela recebe a maior quantidade dos raios do sol e se enche de beleza, momento em que ela usa todo o seu poder de sedução. Eu vejo nela Oxum e consigo ver Oxum vestida de lua, lua cheia, que clareia, que reluz como o seu ouro. Olhando aqui de baixo para o céu, eu não resisto aos seus encantos e a saúdo, e canto para a lua cheia, que é Oxum, e canto para Oxum que é a lua, e, ao mesmo tempo, é o astro sol, é a noite, mas também o dia, por isso Oxum está comigo em todos os momentos dessa vida e de outras que puderem existir, é a Oxum das 24 horas.

Além disso, Oxum é a orixá do amor, da prosperidade e da fertilidade, ela cuida de suas filhas e seus filhos desde o seu nascimento e quer o melhor para elas e eles. As filhas e filhos de Oxum sofrem e choram com facilidade, mas é Ela que as/os levanta na mesma velocidade que a lágrima cai do rosto para continuar guerreando. O que existe entre mim e Oxum é respeito e reciprocidade.

Considerações finais

A razão e a imaginação de Bachelard e a lua de mamãe Oxum nos mostram que é possível unir a noite e o dia, a epistemologia e

a poesia, e a Geografia pode fazer isso com excelência, buscando a formação do espírito humano e dar vasão a sua melhor essência. A dualidade em Bachelard se faz a unidade do ser humano, se faz unidade em nós.

“Eu fecho a nossa gira com Deus e Nossa Senhora, eu fecho a nossa gira sambolê, pemba de Angola. Gira, gira, gira os caboclos, sem sua gira eu não posso trabalhar, nasci, assim, na fé de Ogum, meu pai, sem gira eu não posso trabalhar”.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2008.

BONTEMS, Vincent. **Bachelard**. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

POESIAS DA NEGA. Disponível em: www.facebook.com/poesiasda-nega/.

O ESPAÇO NADA POÉTICO PARA OS CORPOS FEMININOS E FEMINIZADOS NA AMÉRICA LATINA

Danúbia Zanotelli Soares

Introdução

Este estudo tem como objetivo refletir sobre a vida das mulheres e os corpos feminizados na América Latina. Propõe-se uma análise sobre a condição do “ser” mulher neste espaço territorial, marcado por mortes violentas de mulheres por pertencerem ao gênero feminino, com a obra *A poética do espaço* do autor Gaston Bachelard e com autores que permitem importantes reflexões filosóficas, humanistas e geográficas acerca da relação dos indivíduos com os espaços onde estão inseridos, a exemplo dos geógrafos Yi-Fu Tuan e Edward Relph. Compreende-se que o contexto vivido por Gaston Bachelard e que conseqüentemente possibilitou a materialização da obra difere das espacialidades propostas na análise desse texto. Entretanto, excluída essa premissa, objetiva-se refletir sobre o “nada espaço poético” compartilhado por inúmeras mulheres, bem como, a sensação de viver em perigo por ser mulher.

Os conceitos de corpo-território a partir do geógrafo Rogerio Haesbaert, bem como, da violência como produto resultante das

práticas colonialistas que resistem ao período colonial na América Latina, a exemplo da antropóloga Rita Laura Segato, da geógrafa Diana Lan, do semiólogo e filósofo Walter Mignolo, do sociólogo Anibal Quijano e da antropóloga Marcela Lagarde, foram importantes para a construção deste estudo. Concordamos com Haesbaert de que uma abordagem descolonial o debate acerca do corpo-território ou território-corpo permite ver o nosso corpo

como um território quanto no de estender a outros seres e ambientes uma leitura a partir da corporeidade humana, ainda que, reiteradas vezes, como uma problemática extensão de nosso antropomorfismo, nossa configuração corporal humana (Haesbaert p. 56, 2021).

Concomitante as autoras e aos autores supracitados, buscou-se analisar a violência de gênero como um *constructo* social e uma medida imposta as mulheres como forma de classificá-las como seres matáveis, a partir das considerações da filósofa Judith Butler (2020). Ainda nessa perspectiva, as discussões acerca do ambiente doméstico como paisagem do medo e ambiente topofóbico, propõe uma forma de analisar a casa como um lugar nada poético, onde ocorrem a maioria dos crimes e das violências praticadas contra os corpos-territórios femininos e feminizados.

Fruto de um pensar livre, este estudo ganha corpo e reflexões científicas, e propicia a visibilidade sobre a condição de “ser mulher” em territórios onde corpos femininos são marcados para morrer. Evidencia também, a partir de uma reflexão humanística, a importância de (re)pensar os diversos lugares compartilhados pelos seres humanos, sobretudo, as condições díspares de poder, que em partes são responsáveis pela existência e perpetuação de fenômenos

como os crimes de feminicídio e a violência de gênero. Analisar, ler e sentir esses espaços nada poéticos é algo distante de um imaginário feliz e que não integram as paisagens frutos dos devaneios, mas que constituem uma geografia humana atual e necessária.

A ausência do ser em territórios compartilhados por corpos femininos e feminizados

As amarras do mundo ocidental, sobretudo, em países onde perduram ações coloniais representadas pela violência e violações de direitos, bem como, através da invisibilidade dos sujeitos, limitam e impõem padrões tidos como aceitáveis e corretos para as sociedades contemporâneas, principalmente sob as percepções de homens heterossexuais e brancos. Concomitante a este processo, os corpos femininos, historicamente tiveram seus direitos de decisões sobre suas trajetórias, enquanto “seres, sujeitas e/ou pessoas”, negados. Estudos realizados por autoras como a antropóloga Rita Laura Segato e a feminista guatemalteca Lorena Cabnal evidenciam mudanças nas relações sociais de gênero, ocorrido a partir da chegada dos europeus as terras Latinas-americanas.

O direito à liberdade, condição de cada indivíduo capaz de dar a si mesmo as regras e segui-las, nunca foi levada em consideração pelos conquistadores europeus. A América Latina foi o palco de um longo processo de ocupação genocida, e neste espaço, crianças e mulheres, sobretudo, oriundas de populações locais, foram anuladas enquanto pessoas, lhes sendo negados o direito à liberdade, sob duras penas que iam desde castigos ao estágio máximo da violência: a morte. Considera-se, portanto, que aos homens nativos essa relação de superioridade e violências foi também estabelecida, fato este

que contribuiu para mudanças nas relações de gênero constituídas nas comunidades locais.

Autoras como a antropóloga, filósofa, escritora e feminista Lélia Gonzalez (1988), a antropóloga e feminista Rita Segato (2016) e a socióloga e cientista política feminista Liz Kelly (1998), refletem sobre a vida em comunidade antes da chegada dos europeus a América Latina e após tais momentos. Tais observações apontam para a falta de liberdade e de direitos, em que as mulheres eram submetidas, de modo que é assertivo considerar que as violências praticadas contra as mulheres é um legado da colonização. O sentimento de posse acerca do corpo feminino funcionava como uma extensão dos territórios conquistados, sendo transitório entre as distintas organizações sociais permeadas pelas mulheres, ao longo de suas vidas.

No território brasileiro, por exemplo, meninas e mulheres negras eram consideradas objetos de satisfação sexual de homens em diversas faixas etárias, muitas vezes “empodrecidos” por doenças sexualmente transmissíveis. Eram responsáveis pela limpeza, organização e preparo dos alimentos nas casas dos senhores de engenho e dos barões do café. Algumas mulheres negras escravas, no puerpério, tinham a obrigação de alimentar primeiramente o recém-nascido “branco” e cuidar da criança em tempo integral. Ao seu filho, não sobrava nem o leite materno e nem o tempo, ao qual, quando muito, era cuidado por outras mulheres, também cativas (Azevedo; Guerra, 2001).

As mulheres brancas (mulheres e filhas dos barões) desde sempre viviam sobre constante vigília. Na condição de esposas, não opinavam sobre os negócios da família, nem questionavam os costumes

dos seus maridos. Submissas, deveriam demonstrar obediência a eles. Criadas para serem boas esposas, seus quartos eram vigiados como aposentos de doentes, localizados entre os demais cômodos da casa, de modo que todos pudessem perceber as movimentações no espaço. Quando saiam da vigília dos pais e dos irmãos, caíam nas mãos dos maridos. A autonomia e a liberdade não eram conceitos ou elementos femininos (Azevedo; Guerra, 2001).

Entender as relações sociais de gênero nos diversos contextos históricos e geográficos do Brasil é importante, no intuito de compreender as diferenças estabelecidas, mas, sobretudo, ressaltar as mudanças ocorridas ao longo do processo. Aos poucos as mulheres conquistaram espaços que lhes permitiram construir lugares ou/e espaços de falas sobre os problemas invisibilizados aos olhos de grande parte dos homens. Sejam esses espaços físicos, virtuais, porém marcados pela resistência. No entanto, tais espaços estão distantes de serem considerados como lugares em que homens e mulheres desfrutam em condições semelhantes, o que, consequentemente, tornam-se a base para discussões dessa natureza. Vivemos e vivenciamos espaços marcados por violações advindas das condições díspares de poder, que insistem em marcar os corpos femininos e feminizados como territórios marcados para morrer. O corpo feminino é um território constantemente violado.

Neste sentido, as considerações da filósofa Judith Butler (2020), complementam e reforçam tal afirmativa, de que as violências praticadas contra as mulheres desde sempre constitui uma forma de definir o gênero feminino e os corpos feminizados como “matáveis”, ou seja, dispensáveis. Ao mesmo tempo, a um fenômeno que atribui ao homem o direito de decidir sobre a continuidade da vida da mulher, ou seja, como se fosse uma prerrogativa masculina. Diante

dessa condição, evidencia-se a situação vivida por muitas mulheres latinas, que distante estão de um espaço poético, haja vista os territórios ameaçadores, violentos e de mortes em que vivem.

Diariamente, nove mulheres são assassinadas, vítimas de violência de gênero. Essa região, segundo um relatório da ONU Mulheres, é o local mais perigoso do mundo para as mulheres fora de uma zona de guerra (El País, 2020). Diante das violações em que os corpos femininos estão expostos, cabe mencionar também os corpos trans e de travestis. As proximidades desses corpos com o biótipo feminino os colocam em condição de maior vulnerabilidade, como se “ser” mulher, constituísse antes de qualquer coisa uma ameaça à humanidade.

A agência Patrícia Galvão aponta que ser transexual na América Latina é uma tortura. Além dos crimes sofridos por essa população serem crimes bárbaros marcados por extrema violência, são também crimes com altas taxas de impunidade (Agência Patrícia Galvão, 2019), o que, conseqüentemente, preocupam e revoltam ativistas e pesquisadores sobre a temática em territórios latinos. O Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras, em 2020, realizado pelas pesquisadoras Bruna G. Benevides e Sayonara Naidier Bonfim Nogueira, aponta que desde o ano de 2008 o número de transfeminicídios cometidos no Brasil o coloca em uma posição de destaque, como o país que mais mata pessoas trans no mundo, cifras numéricas que aumentam ano a ano, concomitante à impunidade. Em 2020 foram registrados 175 transfeminicídios, sendo todos contra pessoas que expressavam o gênero feminino em contraposição ao gênero de nascimento (Benevides; Nogueira, 2021).

Nesses números violentos, cabe lembrar-se da subnotificação dos casos, ou seja, o quantitativo de assassinatos tende a ser ainda maior. Tais taxas são em partes resultados da falta de políticas públicas eficazes que contemplem as comunidades trans, aliadas também a escassez de estudos acerca das características que contribuem para maior vulnerabilidade dessas populações. Nessas ausências, seja por parte das políticas de estados ou do pouco interesse para debater sobre o fenômeno por parte da comunidade científica, a cada 10 assassinatos mundiais de mulheres trans, 4 ocorrem em solo brasileiro (Benevides; Nogueira, 2021). Oportuno considerar que os assassinatos e as violências praticadas contra os corpos trans são cometidas não apenas pelo fato desses indivíduos romperem com o “padrão correto e aceitável” dentro do sistema patriarcal, no que diz respeito à sexualidade, mas também por estarem em um corpo feminino. Aliás, pode-se considerar este um legado do patriarcado.

No que concernem aos crimes de feminicídio, ou seja, a morte de mulheres em razão do gênero (Lan, 2019), esse constitui um grave problema que desafia os órgãos de segurança pública e de saúde pública nos países latinos. “Crimes na região podem ser vistos como continuação da violência colonial” (Moscatiello, 2021, p. 1). Na contemporaneidade, ações coloniais representam normas civilizatórias do mundo ocidental, presente nos países latinos desde o renascimento (Mignolo, 2017).

A colonialidade permeia todos os aspectos da existência social e permite o surgimento de novas identidades geoculturais e sociais (Quijano, 2002, p. 8). Deste modo, o feminicídio é uma forma de colonialidade, que perdura ao período colonialista. A prática criminosa não busca apenas o extermínio do corpo feminino, mas sua identidade, representatividade e experiências. Os corpos femininos

e feminizados se transformaram em um território de posse do homem e seu poder, um crime enraizado no patriarcado (Lagarde, 2008; Butler, 2020).

No Brasil, diariamente ocorrem seis feminicídios, fator que (re) afirma a prática criminosa como um fenômeno construído socialmente, e que atinge mulheres de todos os grupos sociais e econômicos. A forma como as mulheres heterossexuais, mulheres trans e travestis são mortas se assemelham devido à crueldade e a intencionalidade de desfiguração da identidade individual e sexual das vítimas. Mulheres enfrentam uma gama de violências que estão enraizadas nas sociedades e presentes em todos os espaços habitados, não possuindo autonomia sobre seus corpos, que também constituem os seus territórios.

Assim, os territórios não são apenas e tão somente porções territoriais onde a vida se desdobra, mas constituem espaços subjetivos e próprios quando analisados sob o conceito do corpo-território, visto que é lugar e (r)existência. Concorde-se com Silveira (2019) de que o território é por vezes definido como lugar de disputas e espaços onde há várias relações de poder, que por vezes torna-se “lugar de resistência e de apropriações diversas muitas vezes contrárias às hegemônicas, mais vinculadas ao pertencimento simbólico, à memória e ao afetivo” (Silveira, 2019, p. 6). Para Edward Relph (1979) as multiplicidades de espaços para um indivíduo, estará diretamente ligado as suas experiências.

A casa: do primeiro universo ao espaço das violências

A vulnerabilidade do gênero feminino, sobretudo no ambiente doméstico onde ocorrem a maior parte dos crimes, demonstra a urgência em debates acerca dos corpos femininos como territórios constantemente violados e passíveis de atos de agressões. A casa não é apenas uma construção ou realidade material que exerce grande importância na vida dos seres humanos, mas constitui o lugar das vivências humanas mais íntimas, e o primeiro cenário das lembranças da vida.

Tão poética na obra de Bachelard (1993, p. 200), como um lugar de aconchego e proteção, no qual o autor afirma: “A casa é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz frequentemente, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos”, é de longe o espaço mais perigoso para mulheres e meninas vítimas dos diversos tipos de violências domésticas. Desse modo, o corpo-território torna-se o território das agressões, sobre o qual são empreendidas diversos tipos de violações, sendo o gênero o principal elemento que inclui os indivíduos nas estatísticas, seja como vítimas ou vitimizadores.

Oportuno considerar os apontamentos de Haesbaert (2021, p. 188) ao discutir sobre o uso do conceito corpo-território, sobretudo, a partir do pensamento decolonial latino-americano, como “[...] espaço de vida, humana e não-humana, da existência em sentido amplo, o que implica também considerar toda a experiência de extrema violência (sobretudo contra a mulher) difundida em nosso continente”. Deste modo, o corpo-território hora é objeto do exercício de poder e no caso das mulheres vítimas de violências domésticas, o corpo-território estarão submetidos aos corpos

dotados do exercício do poder. Assim como é necessário trabalhar sobre o poder de resistência (ou r-existência) de um indivíduo (e seu corpo), é preciso deixar clara sua inserção em um contexto social que o condiciona e, muitas vezes, sob certos aspectos, que o subordina (Haesbaert, 2021, p. 218).

As várias interpretações poéticas do ambiente doméstico como um espaço vivido, íntimo e repleto de significância, são encontradas a partir da leitura da obra *A poética do espaço* de Gaston Bachelard. Para Bachelard (1993, p. 26) “[...] a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem”. A casa é para todo ser humano lugar onde suas lembranças são fortes e acompanham ao longo de sua vida, ou seja, num piscar de olhos é possível voltar à infância, reviver momentos, sentir sabores e cheiros guardados na memória. Assim ocorre também em outras fases da vida do desenvolvimento subjetivo, no qual os espaços onde as vivências humanas serão responsáveis por eclodir sentimentos próprios.

Entretanto, infelizmente para muitas mulheres latinas, a casa como um espaço vivido está distante de ser um lugar de sonhos, de desejos, de imaginações e devaneios, e como diria Relph (1979) estaria distante de ser um lugar dotado de particularidades e espaços individuais. A casa, nesse triste contexto, é referenciada como o lugar das agressões, do medo, das angústias, mais próxima das considerações do geógrafo Yi-fu Tuan (2005), sobre paisagens do medo, topofobia e não lugares. Concordamos com Alves e Deus (2014) que as paisagens das vidas humanas são construídas no cotidiano, e consequentemente, sobre o lugar, visto que é o palco da existência. As paisagens compreendem os inúmeros acontecimentos ou cenários em que a vida ocorre (Relph, 1979).

Através do lugar, compreendemos a paisagem como parte associada de um ambiente, onde vivenciamos o espaço com todos os sentimentos que possuímos, bem como, com o que nos é possibilitado através de outros sujeitos que habitam um mesmo lugar, a exemplo da casa. Para Tuan (2005) as paisagens do medo constituem elementos reais ou ligados a fatores psicológicos, e a relação de mulheres vítimas de violência doméstica e/ou vítimas de tentativa de feminicídio, se equiparam a esses sentimentos.

O lar violado perde suas funções básicas de segurança e acolhimento ao se tornar um ambiente hostil, marcado por agressões e violações de direitos, indo ao contrário do que o geógrafo Yi-Fu Tuan (2005) considera como um lugar em que os indivíduos anseiam em regressar. A pesquisa evidencia um espaço marcado por no mínimo dois territórios: o território do vitimizador e o território da vítima. Essas interpretações são explicadas devido a maior parte das agressões e mortes de mulheres ocorrerem em seu lugar de moradia: em casa. Em algumas localidades o ambiente doméstico compreende a 2/3 dos cenários dos crimes.

É na privacidade do lar, no pouco acesso do mundo externo, que os agressores sentem segurança em praticar os atos de violências. Pesquisa realizada por Wanzinack e Mélo (2021) apontam que os homens constituem as principais vítimas de homicídios nas ruas, enquanto as mulheres são mortas em seus locais de moradia, apontando para a casa que deveria ser um lugar de proteção e se torna o lugar do crime, bem como, para os parceiros que se tornam feminicidas.

As lembranças tornam-se espaços de morada e de recordações, que conseqüentemente possuem estreita ligação como mundo

externo. Dessa forma cabe o seguinte questionamento: Que objetos e quais pensamentos as mulheres vítimas de violências fazem questão de não lembrar? Desse modo, para mulheres vítimas de violências, morar em si não trará sensações agradáveis, haja vista que, a casa, como uma morada, não desperta sensações de segurança, não abriga os sonhos e os desejos de uma vida. Como proposto pelo autor Gaston Bachelard (1993, p. 232) ao afirmar que “[...] o exterior não será uma intimidade antiga perdida na sombra da memória” permite advogar que o exterior é também interior, uma vez que aquilo que o indivíduo vivencia o acompanhará em suas lembranças ao longo da vida. Ademais, levando em consideração a proposição de Relph de que “[...] o lugar que mais importa é onde suas primeiras memórias duráveis começam, ou, simplesmente onde estão agora”. Quais os lugares existentes nas memórias das mulheres vítimas de violências?

As más experiências e o medo resultante das vivências em ambientes devastadores “provém de outras pessoas que sustentam o nosso mundo, mas também que o ameaçam. As forças naturais destrutivas e as doenças usam máscaras humanas” (Tuan, 2005, p. 205). Entretanto, não descartamos a possibilidade de, no imaginário, essas mulheres construírem uma morada íntima, que além de ser abrigo aos fatores climáticos e espaciais, constituem redutos ou verdadeiras redomas de proteção. Só assim é possível surgir nos espaços de intimidade da casa, o lugar privilegiado para o sonho e para o devaneio. “A casa é o lugar mais poderoso de integração para os pensamentos, as lembranças, e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio.” (Bachelard, 1993, p. 201). Cada indivíduo é o foco de seu próprio mundo, cada sujeito tem um mundo construído a partir das relações estabelecidas.

Considerações finais

A fenomenologia de Gaston Bachelard, aliada à geografia humanística, a epistemologia de autoras e autores decoloniais e as discussões filosóficas e sociológicas dos autores ao longo do estudo, possibilitam ricas análises sobre espaços onde a ausência de direitos é condição para a submissão de mulheres submetidas a atos de violências. Isso nos permite dizer que todos os tipos de violência de gênero e os crimes de feminicídios nos países latino-americanos são faces do machismo e dos atos de colonialidades que resistem ao decolonialismo.

Enquanto comunidade científica é dever debater sobre a temática e levar os conceitos aos diversos espaços para serem pensados, com vista em instigar e motivar mais pessoas a somarem nessa luta. Luta essa contra a violência, a violação de direitos, o patriarcado, a objetificação e contra a subserviência da mulher. A luta é em favor da vida, e por um mundo com condições possíveis de se viver. Viver em e com Liberdade.

Neste sentido, compreendemos que este estudo alcançou os seus objetivos, ao propiciar um olhar diferenciado à obra *A poética do espaço* de Gaston Bachelard acerca dos lugares de habitação, ou seja, da casa como um local distante de ser compreendida na poética profunda proposta pela obra, devido constituírem os locais de atos, violências e crimes de feminicídios, aos quais mulheres vítimas de violências domésticas são submetidas. Compreender as proposições de Bachelard para além da casa como algo imaginário, poético e constituído de lembranças e vivências nos aproxima das amargas reflexões acerca das complexas relações entre os indivíduos e os espaços compartilhados.

Importante compreender tais territórios como lugares em que os valores simbólicos e o mundo vivido são indissociáveis dos indivíduos que habitam o lugar, assim como suas histórias de vida. Ademais, essa é uma importante contribuição da perspectiva decolonial, haja vista que nos permite enxergar os territórios como lugares em que as estruturas sociais se fazem presentes, se transformam, se desdobram (Haesbaert, 2021) e, sobretudo, como territórios em que as práticas coloniais impostas são responsáveis pela invisibilidade e por impiedosas mortes de corpos-territórios.

Referências

ALVES, Rahyan de Carvalho; DEUS, José Antônio Souza de. O não-lugar e as paisagens do medo: nuances topofóbicas. **Revista Eletrônica Geoaraguaia**. Barra do Garças, Mato Grosso. V 4, n. 1, p 70-82. Jan./Jun. 2014.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Mania de bater**: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Iglu, 2001

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENEVIDES; Bruna G. NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular; Antra; IBTE, 2021. 136p.

BUTLER, Judith P. **De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nosso-mundo-publico.html>. Acesso em: 4 set. 2020.

GALVÃO, Patrícia. **Ser transexual na américa latina é uma tortura**. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/lgbt/ser-transexual-na-america-latina-e-uma-tortura/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In: Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s) colonial na América Latina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal Fluminense, 2021.

KELLY, Liz. **Surviving sexual violence**. Cambridge: Polity Press, 1988.

LAGARDE, Marcela. “Antropología, feminismo y política: Violencia feminicida y derechos humanos de las mujeres”. In: BULLEN, Margaret y DÍEZ, Carmen (coords.) **Retos teóricos y nuevas prácticas**. Serie XI Congreso de Antropología de la FAAEE, Donostia, Ankulegi Antropologia Elkartea, [2008].

LAN, Diana. Cartografía de los femicidios en argentina. VII **Congreso Nacional de Geografía de Universidades Públicas y XXI Jornadas de Geografía de la UNLP**. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación La Plata 9, 10 y 11 de octubre de 2019 ISSN 2362-4221. Disponível em: <http://jornadasgeografia.fahce.unlp.edu.ar/front-page/actas/ponencias/Lan.pdf>. Acesso em: 7 out. 2021.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 32 (94), 2017.

MOSCATELLO, Giovana. **Outras cartografias**: feminicídio na América Latina. Disponível em: <https://outraspalavras.net/feminismos/outras-cartografias-feminicidio-na-americalatina/>. Acesso em: 1º abr. 2022.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos Rumos**, n. 37, ano 17, 2002.

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. Rio Claro, v. 4, n. 7, abr. 1979.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid/Argentina: Traficantes de Sonhos, 2016.

SILVEIRA, Manuela. M. M. **Do corpo-território ao mapeamento dos feminicídios**: o que nos ensinam as mapeadoras feministas da América Latina. Disponível em: www.enanpege.ggf.br/2019/recursos/anais/8/1562641108_ARQUIVO_MANUELAMMS_trabalho-completo.pdf. Acesso em: 10 set. de 2021.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagem do medo**. Traduzido por: Livia de Oliveira. São Paulo: Unesp, 2005.

WANZINACK, Clóvis; MÉLO, Tainá Ribas. Homicídio de Meninas e Mulheres no Brasil de 2015 a 2019: Território, Gênero e Raça em Pauta. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 186-206, jan. / jul. 2021.

**PERCEÇÃO ONTO-FENOMENOLÓGICA
BACHELARDIANA: ANÁLISE ESPACIAL DO FILME
*LA MAISON EN PETIT CUBES***

Éder Rodrigues dos Santos

Introdução

Este capítulo analisa o curta-metragem de animação *La Maison en Petit Cubes* (2008), considerando as relações espaciais observadas no filme, por meio de uma abordagem fenomenológica de base bachelardiana. Tem como referência teórica a obra de Gaston Bachelard intitulada *A poética do espaço*, com seus estudos sobre a imaginação poética, memória e imagem ontológica.

O filme, vencedor do Óscar no ano de 2009 na categoria curta de animação, possivelmente demonstra o “devaneio poético”²², principal marca teórica impressa na referida obra de Bachelard, que

²² O **devaneio poético** na obra de Bachelard é explicado pelas lembranças da casa que acrescentam valores de sonhos, ou seja, para o autor, nunca somos verdadeiros historiadores, somos um pouco poetas e nossa emoção traduz, possivelmente, a poesia perdida. Portanto, a casa abriga o devaneio e as memórias de seus espaços produzem, fenomenologicamente, o sonho “Por si só, o devaneio é uma instância psíquica que frequentemente se confunde com o sonho” (Bachelard, 1978, p. 186).

tem a potência de criar mundos a partir da memória, da imaginação e da condição do sonhar acordado, na medida em que a espécie humana tem contato com seus espaços de intimidade.

Um mergulho imagético e espacial pela memória

La Maison en Petit Cubes ou *A Casa em Pequenos Cubos*²³ é um curta-metragem do gênero animação, reconhecido após seu realizador, o diretor japonês Kunio Kato, ganhar a mais famosa premiação de cinema mundial, o Óscar de melhor curta de animação no ano de 2009²⁴. O filme *La Maison en Petit Cubes* não tem diálogos, assim como os demais curtas do autor²⁵. A narrativa é acompanhada da trilha sonora assinada por Kenji Kondo. Do ponto de vista cinematográfico, podem-se identificar dois dispositivos narrativos (Migliorin, 2008), que são os recursos ou instrumentos utilizados pelo diretor para contar a trama do filme, seguindo a narrativa clássica do cinema, em três atos com: a apresentação do personagem, o arco dramático e a conclusão, considerando um *plot point*, que é o ponto de virada da trama, início do arco dramático (Comparato, 1995).

²³ O curta está disponível em www.youtube.com/watch?v=jhQ75OV4VRs&t=292s. Acesso em: 18 dez. 2021.

²⁴ Kunio Kato é um realizador audiovisual japonês, especialista em filmes de animação. 81st Oscars 2009 Kunio Kato. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=IACLD7_RdTE. Acesso em: 3 abr. 2022.

²⁵ The Red Berry. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=YsKHZmJeY_A. Acesso em: 3 abr. 2022. Outros filmes do autor podem ser acessados em www.youtube.com/user/LuniSajkoKrejzee/videos.

Figura 1 – Apresentação do “lar-lugar” e da ação dramática temporal



Fonte: site Devaneio Inconsciente²⁶

O primeiro dispositivo é a performance do protagonista: um ancião solitário que vive em sua casa, situada em uma cidade ao nível do mar. Ele tem em sua companhia muitas fotos nas paredes e um velho cachimbo. O espectador percebe que o nível da água vai subindo e tomando conta dos espaços da casa, fato que obriga o morador a construir novos andares para acomodá-lo. O filme vai revelar que uma cidade inteira ficou submersa neste processo de inundação e o idoso é um dos poucos moradores resistentes. O ponto de virada ou *plot point* do filme inicia quando o personagem vê e sente sua casa alagada, fato que o leva a fazer a mudança dos

²⁶ Disponível em <http://devaneiosinconscientes.blogspot.com/2018/03/a-casa-de-pequenos-cubinhos-la-maison.html>. Acesso em: 18 dez. 2021.

móveis para a parte superior, fenômeno que tem se tornado uma rotina em sua trajetória.

Figura 2 – Apresentação do protagonista e seu cachimbo



Fonte: Frame do curta

Ao mudar os móveis em cima de uma canoa, o cachimbo predileto do personagem escapa e cai na água. O objeto neste momento passa a ser possivelmente o segundo dispositivo narrativo, que vai obrigar o idoso a resgatá-lo no andar abaixo e permitir a construção de novas tramas do filme. A cena sugere duplo ponto de virada, pois este momento é central na narrativa, uma vez que ganha tons fenomenológicos, abordados nesse texto em perspectiva bachelardiana.

Figura 3 – Momento do ponto de virada: o velho cachimbo cai na água



Fonte: Frame do curta

Esta busca permite um mergulho ao fundo do mar e, ao mesmo tempo, um mergulho na memória e no devaneio. A “curva dramática” (Comparato, 1995) do filme, a partir da cena do cachimbo perdido, vai ampliando-se, na medida em que o devaneio poético do protagonista aumenta seu drama, suas expectativas e aguça a memória. Os cômodos guardam suas impressões e vivências familiares, que se revelam na memória silenciosa potencializada pela música dramática do curta.

Bachelard: o devaneio como roteiro imagético

Na obra *A poética do espaço* (Bachelard, 1978) é apresentada ao leitor uma concepção fenomenológica e ontológica da imagem poética que emerge na consciência. Na “fenomenologia da imaginação” (p. 184), esta imagem advém de uma ontologia direta. A casa é um cosmos, mesmo as mais simples são as mais belas, diz o autor.

As lembranças, imanentes à casa, acrescentam valores de sonhos transcendentos, uma vez que o morador não é um verdadeiro historiador, mas um pouco poeta, considerando que a emoção de quem mora ali.

Figura 4 - Memórias: a duração do passado no presente



Fonte: Frame do curta

A casa abriga o devaneio. O sujeito está vinculado ao espaço, pois o espaço é parte do sujeito. Bachelard questiona no texto como os aposentos secretos ou desaparecidos transformam-se em moradias para um passado inesquecível ou como os abrigos ocasionais recebem.

[...] de nossos devaneios íntimos, valores que não têm qualquer base objetiva? [...] Examinada os horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo (*Ibidem*, p. 196).

Bachelard propõe uma dialética do interno e do externo, por meio da qual as imagens ganham um “valor ontológico” (p. 198). O autor afirma que o benefício mais precioso da casa é que ela abriga o devaneio, ou seja, o sonhador está protegido na casa, pois ela nos permite “sonhar em paz. [...] é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio” (p. 201). Afirma o autor, que sem a casa o homem seria um ser disperso e, nos devaneios, a casa é projetada como um grande berço.

O autor trata dos espaços de intimidade, que denomina de “xodós”. Estes caracterizam-se por uma atração íntima, fenomenológica, localizada em espaços seguros ao observador. “Nessas condições, a topoanálise tem a marca de uma topofilia. É no sentido dessa valorização que devemos estudar os abrigos e os aposentos” (p. 205). Bachelard fala que é no espectro do devaneio que a nossa infância permanecerá presente e poeticamente útil. Os fatos não são tão importantes, quanto o devaneio neste particular, uma vez que é ele quem cria, projeta e promove a duração do sonho, mantendo assim, a poesia do passado. “[...] Quarto e casa são diagramas de psicologia que guiam os escritores e os poetas na análise da intimidade” (*Ibidem*, p. 222).

Sobre a relação da casa e o universo, é possível perceber no texto aplicado à película em tela que existe esta dialética do interno e do externo, do dentro e do fora, notadamente refletida na insegurança do mundo lá fora e, por outro lado, na tranquilidade em que vive o personagem no lar. Ele diz que no mundo fora da casa, a neve apaga os passos, confunde os caminhos, sufoca os barulhos e mascara as cores. “[...] O sonhador da casa sabe tudo isso, sente tudo

isso, e pela diminuição do ser no mundo experimenta um aumento de intensidade dos valores da intimidade” (p. 224).

A casa é um espaço privado, no qual, como também aponta Certeau (1996), tudo ali compõe um relato de vida. Os gestos elementares das artes de fazer no espaço privado dispensam as palavras, diz este segundo autor em concordância com Bachelard, uma vez que “[...] Neste lugar próprio flutua como que um perfume secreto, que fala do tempo perdido, do tempo que jamais voltará, que fala também de um outro tempo que ainda virá, um dia quem sabe” (Certeau, 1996, p. 204).

Outra passagem importante de Certeau neste diálogo teórico com Bachelard trata do ato de “morar”, enquanto condição humana presente nas memórias e nos sonhos.

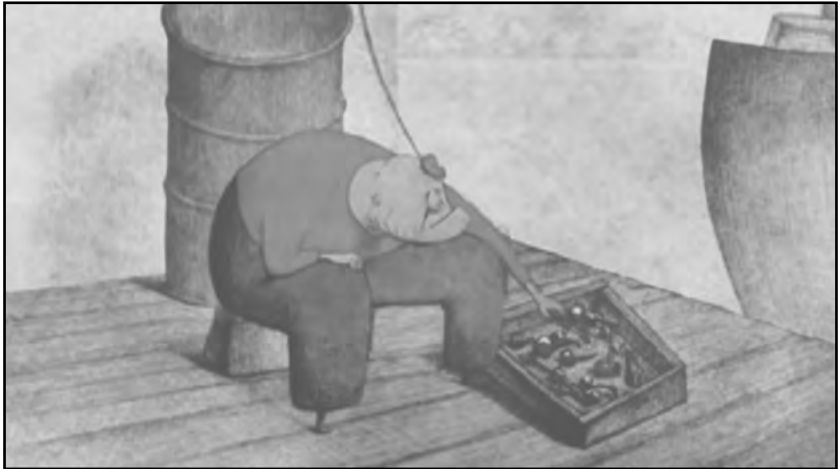
[...] Nossos habitats sucessivos jamais desaparecem totalmente, nós os deixamos sem deixá-los, pois eles habitam, por sua vez, invisíveis e presentes, nas nossas memórias e nos nossos sonhos. Eles viajam conosco (Certeau, 1996, p. 207).

Para Bachelard, o lar e o universo não são apenas dois espaços justapostos; a casa é um ser, no sentido ontológico da existência. É no reino da imaginação que se dá a complexidade destes espaços, pois eles se animam mutuamente em devaneios contrários.

[...] Nessa comunhão dinâmica do homem e da casa, nessa rivalidade da casa e do universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico (p. 227).

Escalas de intimidade: gavetas, os cofres e armários

Figura 5 – As gavetas: longe da metáfora, mergulhadas do devaneio



Fonte: Frame do curta

A obra de Bachelard tem no recorte espacial que é o interior do lar, sua complexidade teórica. Ele trata cada espacialidade com cuidado, utilizando de uma narrativa vinculada aos 26 poetas que cita em seu texto. Assim o faz com os cantos, com as gavetas, os cofres e os armários. Quanto as gavetas e cofres, por exemplo, Bachelard recusa as metáforas de que seriam meras guardiãs de um passado. Ele sugere que não a dispenseemos enquanto “imagem poética”, porém sendo esta, fenomenologicamente, microcosmos vinculados aos devaneios, aos segredos, à intimidade.

[...] as imagens da intimidade que são solidárias da gaveta e dos cofres, solidárias de todos os esconderijos em que o homem, grande sonhador de fechaduras, encerra ou dissimula seus segredos. [...] Levando adiante nossa comparação de *metáfora* com a *imagem*, compreendemos que a

metáfora quase não pode ser objeto de um estudo fenomenológico [...] ao contrário da metáfora, a uma *imagem* podemos dar o nosso ser de leitor: ela é doadora do ser (Bachelard, p. 245, grifos do autor).

Diferente da imagem poética, a gaveta enquanto metáfora possivelmente representa uma prisão. O autor propõe que os conceitos são gavetas que servem para classificar os conhecimentos, uma vez que o conceito é um pensamento morto, por definição: um pensamento classificado. Bachelard diz que ao se perceber uma metáfora, “[...] é a imaginação que não está mais em causa” (p. 246). Já em outro momento afirma que “[...] A imaginação põe sempre um estímulo em todos os nossos sentidos [...]. Sempre imaginar será mais que viver” (Bachelard, 1978, p. 253-254).

Figura 5 – Lugar e memória: a vida presente



Fonte: Frame do curta

Se imaginar é maior que viver, o personagem do filme, de idade avançada, possivelmente experiente, por meio do corpo e das suas espacialidades submersas em seu passado-presente, outra vida, esta vivida pelo espírito, percebida pelo devaneio, pela imagem da memória. Uma vida renovada pela imagem ontológica. É pela memória, trazida pela imagem espacial dos seus aposentos do passado, que o permite acessar o tempo pretérito, sendo esta imagem o elemento central que o leva a uma viagem fenomenológica no tempo presente. O cinema tem tal capacidade também: “Se a fotografia parece mostrar algo que já aconteceu, um *ter-estado-lá* [...], o cinema dá a impressão de um *estar-lá-vivo*” (Gaudreault; Jost, 2009, p. 131).

O desafio da ciência dita moderna é permitir a reflexão deste processo, que tem na fenomenologia, a abertura da percepção para novos mundos, por meio da intencionalidade do ser. Por meio da perspectiva fenomenológica husserliana é possível compreender que o conhecimento da natureza da espécie humana, deve ser estendido ao conhecimento do espírito. “O espírito é uma realidade natural, um objeto no mundo e como tal fundado na corporalidade. [...] A compreensão do mundo adota imediatamente e em todos os domínios a forma de [...] um dualismo psicofísico” (Husserl, 2002, p. 60). Bachelard, com sua perspicácia de observador de seu tempo, traz a fenomenologia para o patamar do devaneio poético, permitindo que o sonho e a memória sejam objetos de estudo, portanto, elevando o debate sobre as subjetividades.

Figura 5 – O personagem e suas memórias de lugares de afeto



Fonte: Frame do curta

Colaborando com a reflexão fenomenológica destas espacialidades encontradas no âmbito do ato íntimo de morar, o teórico sino-americano, Yi-Fu Tuan (2012, 2013) nos permite pensar a ideia de “lar-lugar” como central no desenvolvimento do afeto, da emoção ou sentimento. Dito em seus termos: da topofilia. Ao tratar do tempo no espaço experiencial, Tuan, diz que “[...] O lar é um lugar íntimo [...] Este certamente é o significado de lar - um lugar em que cada dia é multiplicado por todos os dias anteriores” (Tuan, 2013, p. 176-177).

Para Tuan (2013), a experiência é elaborada de duas maneiras em conjunto: a partir do sentimento e do pensamento, portanto, a percepção geográfica do lugar é fenomenologicamente, um elemento que permite a compreensão da ontologia do sujeito pesquisado. Tuan explica que (2013) que “lugar é um mundo de significado organizado” (p. 219). A topofilia é uma construção permanente do

sujeito que desenvolve conscientemente suas experiências afetivas no lugar ao longo do tempo.

Ao tratar de tempo e lugar, Tuan (2013) oferece perspicaz reflexão quando diz que “[...] com o tempo nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que o consideramos conhecido. Com o tempo uma *casa* deixa de chamar nossa atenção; torna-se confortável e discreta com um velho *par de chinelos*” (Tuan, 2013, p. 224, grifo do autor). Sobre a casa e seus objetos, o autor ainda assinala que “os objetos seguram o tempo” [...] Os haveres pessoais [...] são objetos aos quais estão emocionalmente apegados, o sabor do passado pairando sobre eles” (p. 228-229).

Em outro momento, Tuan (2013) diz que “tudo o que somos devemos ao passado” (p. 239). Neste sentido, a relação de tempo e a experiência com o lugar demonstra que o tempo é concebido como movimento, portanto, a “pausa é lugar”; os sujeitos levam tempo para sentir afeição pelo lugar, portanto, a “qualidade e a intensidade” da experiência são mais importantes que a duração, segundo Tuan. Por fim, diz que “estar arraigado em um lugar é uma experiência diferente da de *ter* e *cultivar* um sentido de lugar” (p. 240, grifo do autor). Na casa, enquanto lugar de intimidade, existe um enraizamento interior, cujo apego emocional construído é o resultado explícito, que dispensa qualquer esforço racional, pois está impresso nos sentimentos e nas subjetividades do ser.

Considerações finais

O curta-metragem *La maison en petit cubes* foi premiado pela crítica de cinema universal, possivelmente, pela narrativa artística de viés emocional, combinando a trilha sonora e efeitos com

a sequência de imagens em animação. A narrativa do filme, composta pela trajetória melancólica do personagem principal e a perda do cachimbo, durante a sua jornada experiencial com a casa, abrem caminho para o longo mergulho no passado vivido na antiga casa, lugar que permanece na memória do personagem. Um cinema de narrativa clássica, permeado de conflitos, percepções e encontros do personagem consigo mesmo, especialmente suas memórias afetivas, elementos que geram emoções e tocam o espectador.

Ao analisar o filme à luz da obra de Gaston Bachelard, com seu recorte espacial do lar, temos várias possibilidades de compreensão filosófica da película. Bachelard oferece, portanto, uma descoberta que tem na fenomenologia o método possível de compreensão na dimensão da geografia humanística, considerando os aposentos e os lugares de intimidade com seus segredos. Para além de aspectos meramente mecanicistas ou psicológicos, a poética do espaço em Bachelard tem como virtuosidade o devaneio da imaginação, sua potência criadora, seu elemento de origem da memória provocado pela imagem ontológica.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

GAUDREAU, André; JOST, François. **A narrativa cinematográfica**. Brasília: Editora da UnB, 2009.

GURGEL, Adriana. A coexistência entre passado e presente na duração de Henri Bergson. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**. ISSN 2177-952X. Vol. 6, n. 9, jan./jun., 2012, p. 74-84.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. 2. ed. Porto Alegre (RS): EDIPUCRS, 2002.

MIGLIORIN, Cezar A. **Eu sou aquele que está de saída**: dispositivo, experiência e biopolítica no documentário contemporâneo. Tese de doutorado em Comunicação. UERJ/CFCH/ECO: Rio de Janeiro, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

PONGAS, Bruno. **A casa de pequenos cubos** (*La maison en petits cubes*), 2008. Disponível em: <https://moviefordummies.wordpress.com/2009/04/05/casa-de-pequenos-cubos-la-maison-en-petits-cubes-2008/>. Acesso em: 18 dez. 2021.

MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO: UM FAZER POÉTICO EM BACHELARD

Simone Rodrigues dos Santos Gomes

Introdução

Escrever este memorial é um desafio gratificante, pois caminhei em busca do meu passado adormecido. Escrivê-lo foi atualizar, no presente, momentos importantes vividos em diferentes situações e nas diversas etapas de minha vida. Ao longo desta narrativa, farei essa memória me apropriando das leituras de Gaston Bachelard em seu universo reflexivo sobre imaginação e memória. Essa aproximação teórica com Bachelard na compreensão fenomenológica das minhas experiências, me permitiu perceber que o devaneio me acompanha e que pode ser ativado pela recordação e do fazer memória daquelas imagens adormecidas. O devaneio é o dinamismo criador da imaginação, tornando-se linguagem poética.

Segundo Bachelard, diferentemente do sonho, o devaneio não pode ser contado, deve ser escrito, com imenso fervor, pois é capaz de formar um mundo que possibilita o engrandecimento de ser do leitor. Afirma Bachelard que o devaneio poético, acrescenta, “dá ao eu um não-eu que é o bem do eu: o não-eu meu.” (2009, p. 13).

Por isso, que me proponho a escrever e descrever parte de minhas experiências como um memorial poético do devaneio que fiz ao recordar minhas amadas memórias.

Memórias da infância

Bachelard em sua obra *A poética do devaneio* diz que ao “reexaminar com um olhar novo as imagens fielmente amadas, tão solidamente fixadas na minha memória que já não sei se estou a recordar ou imaginar quando as reencontro em meus devaneios” (Bachelard, 2009, p. 2), realizo o movimento de compreender que as experiências vividas não são estáticas em um possível passado distante, mas que por serem “imagens fielmente amadas”, nos acompanham e se presentificam na medida em que recordamos. Nesse sentido, quando o autor fala sobre “os devaneios voltados para a infância” lembro que minha identidade que se foi formando por imagens ligadas a pessoas, ações e palavras que me permitiram imaginar e criar imagens que foram sendo “solidamente fixadas na minha memória”. Esse movimento é denominado por Bachelard de devaneio poético, isto é, a evolução das instâncias psíquicas do receptor em compreender que as imagens poéticas recordadas não estão na sonolência.

O sonho acordado ou devaneio tem a ver com nossa capacidade de imaginar, criar, brincar, fantasiar e desligar-se das sobrecargas que tem a vida cansativa em que não há tempo para devanear. O sonhador se encanta, inicialmente, por uma imagem e se deixa conduzir por ela. Pensando na infância, a criança cria o seu mundo da imaginação, sonha acordado, remete à própria linguagem infantil, às brincadeiras criadas, aos brinquedos imaginados.

Veja como esse estudioso registra o impacto do texto bem elaborado sobre aquele que o lê: Que tensão de infâncias deve estar de reserva no fundo do nosso ser para que a imagem de um poeta nos faça reviver subitamente as nossas lembranças, reimaginar nossas imagens a partir de palavras bem reunidas! Porque a imagem de um poeta é uma imagem falada, e não uma imagem que os nossos olhos veem. Um traço da imagem falada basta para nos fazer ler o poema como o eco de um passado desaparecido (Bachelard, 2009, p. 110).

Diferentemente de Ricoeur (2007), para quem a Fenomenologia da memória se constitui nas perguntas: “de que há lembrança?” e “de quem é a memória?”, numa forma reflexiva entre o lembrar-se de alguma coisa e lembrar-se de si, em Bachelard a percepção imediata daquela imagem recordada pertence ao mundo mental do receptor e só a ele. Trata-se do viver o inesperado, da imagem que inaugura algo completamente novo. Dessa forma, procurei fechar os olhos para realizar a escuta dos devaneios vividos em minha infância, no seio da minha família e na escola nos primeiros anos, sem me importar com as significações e análises de ideias. Foi uma experiência exigente escrever sem procurar tentar dar significados e deixar que o devanear se fizesse mais presente, pois fomos mais habituados a pensar sobre nossas vivências do que as ver poeticamente. Por isso, exercitei minha memória e as aproximei do pensamento de Bachelard.

Essas lembranças dos odores de passado, nós as reencontramos fechando os olhos. Fechamos os olhos outrora para saborear-lhes a profundidade. Fechamos os olhos, e assim imediatamente nos pusemos a sonhar. E ao sonhar, ao sonhar simplesmente, num devaneio sereno, vamos reencontrá-las. No passado como no presente, um odor amado

constitui o centro de uma intimidade. Há memórias que são fiéis a essa intimidade (Bachelard, 2009, p. 132).

A imaginação nos permite mergulhar em devaneios poéticos para compreendermos a dimensão da imaginação criadora como fonte inesgotável na educação do homem, em sua existência no mundo, ela é capaz de fazer aquilo que se pode ver, porque faz crer no que vê e inventa uma visão, uma previsão. Ao voltarmos a um lugar, observamos novas coisas ou vemos de forma diferente aquilo que antes tínhamos visto. Foi assim que se sucedeu ao recordar o meu lar ou “primeira casa”, no dizer de Bachelard. Nessa casa primeira, recordo da minha infância, dos momentos que vivi, das brincadeiras com meus irmãos, dos momentos singulares em família. Esses momentos me levam a devanear nesta casa, onde as conversas durante as refeições eram constantes, as brincadeiras no quintal de casa com os meus irmãos eram gratificantes; além dos passeios para a casa da minha avó no sítio, era maravilha, pois quando íamos à casa da minha avó, escutávamos muitas histórias contadas por ela, suas experiências de vida, algo que guardo até hoje na minha memória.

Para Lowenthal (1982, p. 116) “o mundo da experiência humana é, então, apenas uma árvore da floresta. A diferença é que o homem sabe que a sua árvore não é a única, e ainda pode imaginar que a floresta, como um todo, possa ser semelhante”. Assim trabalhamos nossa memória a partir de narrativas, entre o lembrar e o esquecer como operação que desenvolvemos para selecionarmos coisas do passado.

Na infância, é constante imaginarmos as diversas brincadeiras que fazíamos, os lugares incríveis que íamos, os nossos amigos imaginários; tudo isso nos vem na memória, qualquer paisagem é

composta não apenas por aquilo que está à frente dos nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes (Meinig, 2002, p. 35). Nesse aspecto fui remetida as brincadeiras com os meus amigos. Devaneando sobre as brincadeiras, parece mantendo uma certa distância, que elas iam além da nossa imaginação, era divertido brincar de amarelinha, pega-pega, roda, casinha de boneca, que nem víamos o tempo passar quando a mãe chamava para entrar que já estava tarde, recorro até algumas cantigas de roda que cantávamos: Escravo de Jó.

Escravos de Jó
 Jogavam caxangá
 Tira, põe
 Deixa ficar

Guerreiros com guerreiros
 Fazem zigue-zigue-zá
 Guerreiros com guerreiros
 Fazem zigue-zigue-zá

Que devaneio me veio com a emoção unida a competição de não errar os gestos e a letra. Quem não consegue devanear por um momento ao parar e ler a estrofe e lembrar com carinho ou como diz Bachelard, as “imagens fielmente amadas”. Tem razão o autor, são imagens amadas porque fielmente vividas e sua recordação do passado liga os tempos de modo encadeados. Há uma fusão entre as dimensões do real e do ficcional na ação sonhadora para que nossas lembranças de infância sejam, ao mesmo tempo, mais que fatos e menos que alucinações, pois nos reportam ao passado na simultaneidade que convocam o devir quando fazemos sua memória. Não regemos nosso passado, o interpretamos e, nessa ação languageira, nos “apropriamos” de nossas narrativas.

Era muito divertido, e o interessante dessa brincadeira era que todas as crianças podiam brincar ao mesmo tempo. “Nos devaneios da criança, a imagem prevalece acima de tudo. As experiências só vêm depois” (Bachelard, 2009, p. 97). Assim, eu habito fisicamente em um espaço no qual sou emocionalmente habitada por minhas memórias. Desse modo, não regemos nosso passado, mas o interpretamos ao criar nossa narrativa poética, pois “toda nossa infância está por ser reimaginada” (Bachelard, 2009, p. 94). Com isso, Bachelard, ao reiterar que a nossa infância pode ser reimaginada, reencontrada nos devaneios voltados para as solidões da infância, reconhece a permanência em nós de um núcleo de infância, vivo, fora da história, narrada nos instantes da existência poética. Este reconhecimento pode ser narrado porque na infância conhecemos uma existência sem limites, um devaneio sem medida, sem fronteiras, um devaneio que permite alçar voo.

No devaneio, o sujeito tem consciência de que é o autor de sua “atividade onírica”, preservando desse modo a unidade de seu cogito. O mesmo não ocorre com o “sonhador de sonho noturno” em que o seu eu “se dissolve” e ele perde a individualidade (Ferreira, 2008, p. 185). O sonho na vida do adulto difere do devaneio na vida infantil. Quando o devaneio é praticado na infância compreende, então, a aventura de sonhar. Isso não quer dizer que o adulto não sonhe, mas que ele precisa parar e poder devanear.

Para Ricoeur (2007) “O ato de se lembrar produz-se quando transcorreu um tempo. E é esse intervalo de tempo, entre a impressão original e seu retorno, que a recordação percorre.” (p. 37). Este devaneio é cheio de lembranças, de experiências vividas em outros tempos. Em *A Poética do espaço*, Bachelard menciona que “a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as

lembranças e os sonhos do homem” (1993, p. 26). Mesmo sendo uma casa humilde, no devaneio ela torna-se um alento e dá estabilidade, conforto e afeto. Na primeira casa descobre-se a função do habitar que será transferida a todas as outras moradas, quando essa casa inicial já não mais existir.

Ao sonhar com a infância, voltamos à morada dos devaneios, aqueles devaneios que nos abriram o mundo e nos faz primeiro habitante do mundo da solidão. Assim, nos faz caminhar pelos espaços íntimos da nossa casa, os quais participam da vivência humana, desenvolvendo sentimentos e lembranças. Bachelard trata a casa como “um verdadeiro cosmos” que é “o nosso primeiro universo” (1993, p. 24). O autor nos leva a imaginar cada canto da casa como um lugar de conforto, lugar de aconchego, de amparo, o lugar da graça, da bonança, o lugar preferido de viver.

Memórias escolares

Nesta parte do texto, nos propomos na mesma pegada anterior de fazer movimentos oníricos de recordação e devaneio em vista de voltar aos mundos habitados e sonhados no período inicial das minhas experiências escolares. Pois, como Bachelard nos propõe, o sonhador de devaneios é aquele que rompe o pensar para alcançar o onirismo, a fim de sonhar de olhos abertos e buscar a felicidade nas imagens do pensamento criativo.

Após atingir a idade legal de frequentar a escola, fui matriculada e havia chegado o dia de ir para escola. Que aventura! Quantas novas experiências! Que mundo se abriu em minha frente: rotina, disciplina, normas, matérias, mas também amizade, conhecimento, encontros e afetos. Não pretendo aqui recuperar no adulto

um estado de infância como apegar-se às lembranças da infância ou querer reviver a infância, mas valorizar a memória imaginária, aquela memória que nos permite reimaginar o nosso passado de maneira onírica, sem fixações ou desencadeamento de sofrimentos.

[...] ao sonhar com a infância, regressamos à morada dos devaneios, aos devaneios que nos abriram o mundo. É esse devaneio que nos faz primeiro habitante do mundo da solidão. E habitamos melhor o mundo quando o habitamos como a criança solitária habita as imagens. Nos devaneios da criança, a imagem prevalece acima de tudo. As experiências só vêm depois (Bachelard, 2009, p. 97).

Bachelard, usa o termo solidão a fim de mostrar que ao mesmo tempo que estamos perto também estamos longe, isto é, que vamos para longe do presente, reviver os tempos da primeira vida, pois embora habite fisicamente um espaço, sou sentimentalmente habitada por minhas memórias. Dessa forma, se considera que minhas memórias me fazem habitar sentimentalmente os lugares e rostos que vêm ao encontro pelo movimento de recordar.

As fases iniciais da educação de uma criança têm constante descoberta onde acontecem as possibilidades e encontros transformadores de concepção de mundo da aprendizagem. A educação é considerada como um lugar especial de encontros na formação do ser humano. E, esses encontros deram início com a minha trajetória estudantil no ano de 1985 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Serafina Ribeiro, lugar do início e conclusão do ensino fundamental. Quase uma segunda casa pelo tempo que ali passei e dos encontros que se estabeleceram. Encontro os mais diversos com colegas de sala, de pátio, com professores, com conhecimento, com histórias e estórias, com brincadeiras, etc.

Lembro-me do primeiro dia de aula na primeira série, pois naquela época só iniciávamos a vida estudantil aos sete anos de idade. Ansiosa, curiosa, medrosa pelo que encontraria: como será? O que tem lá? Quem vou encontrar? Neste momento, ao recordar e caminhar pelo labirinto das minhas lembranças, devaneios e imaginações, lembro de cenas cuja dificuldade não consigo descrever em detalhes porque são inundadas de significados que talvez nunca antes tivesse visitado ou dado atenção como depois das leituras de Bachelard. E, compreendo que essas experiências são instantes de uma existência poética (Bachelard, 2009, p. 94).

Recordo da minha primeira professora, já de idade, mas não se cansava de compartilhar com sabedoria seus ensinamentos, dedicou parte de sua vida à educação. Foi nela que me inspirei a ingressar na educação e assim me tornar professora. Lembro que naquela época, não havia desrespeito ao professor, os alunos eram mais comportados e se dedicavam aos estudos.

Relembrar nossa história vivida na infância nos faz recordar das lembranças dos devaneios mais felizes da época, quando vivemos várias aventuras nos mais remotos sonhos de criança. Assim, é possível refletir sobre o que a imaginação e os sonhos da infância podem estar querendo nos mostrar, buscando em nosso interior e deixando fluir um voo de liberdade que faz parte de nossa vida humana.

Subir a escada na casa da palavra é, de degrau a degrau, abstrair. Descer ao porão é sonhar, é perder-se nos distantes corredores de uma etimologia incerta, é procurar nas palavras tesouros inencontráveis. Subir e descer nas próprias palavras é a vida do poeta (Bachelard, 1993, p. 155).

Quantas vezes imaginamos cenas de nossa infância que foram construídas através de histórias que ora duvidamos, ora acreditamos. Quantos rostos nos acompanham e compõem a nossa história que nem sabemos se vivemos ou se inventamos a partir daquilo que ouvíamos sobre nós mesmos. Para reviver nossa história é preciso sonhar, lançar voo como a criança em seus devaneios. Para Bachelard, não é o sonho noturno que contribui diretamente para pensarmos numa criação, é a imaginação que dá asas para voarmos nas invenções, sendo o devaneio um sonhar acordado, um sonhar de olhos abertos.

Desse modo, a imaginação voa para além dos próprios elementos materiais em que se fundamentara inicialmente. Vai se descorporificando, à medida que se torna pura força criadora. É, como força criadora, que Bachelard entende a imaginação como aquela que tem por função formar imagens que se impunham como cópias do real anteriormente percebido. Pela percepção, por seu lado, permitia apreender, através dos sentidos, com toda a força impactante da presença, o real que estava diante de nós. Para ele, a imagem não deve ser apreendida como uma construção subjetiva sensório-intelectual, nem como uma representação mental, mas sim como um acontecimento objetivo integrante de uma imagética, como evento de linguagem.

Recordando ainda o meu período estudantil, lembro-me que fui alfabetizada com relativa facilidade, pois já sabia de algumas coisas que havia aprendido antes de ir para escola, aprendi com uma professora que morava junto de minha casa e se dedicava a dar aula particular àquelas crianças que ainda não estavam na escola. Ainda sem ir à escola fazia a experiência de sonhar com ela e ao fazer esse movimento já estava situada no processo de criar. De certo modo,

a professora que me ensinava em casa me despertava para o criar e o sonhar simultaneamente sem que se desse conta que ela contribuía com meus devaneios. Ela me tornava uma sonhadora de palavras, ela despertava minha imagética pelas percepções das letras e seus usos diversos.

O ato de criar é dependente do ato de sonhar. E ele próprio é um sonhador, um sonhador de palavras: Sou, com efeito, um sonhador de palavras, um sonhador de palavras escritas. Acredito estar lendo. Uma palavra me interrompe. Abandono a página. As sílabas da palavra começam a se agitar. Acentos tônicos começam a inverter-se. A palavra abandona o seu sentido, como uma sobrecarga demasiado pesada que impede o sonhar [...]. A palavra vive, sílaba por sílaba, sob o risco de devaneios internos [...]. Como não devanear enquanto se escreve? É a pena que devaneia. É a página branca que dá o direito de devanear (Bachelard, 2009, p. 17).

Ao olhar para trás reconheço rostos, sons narrados por inúmeras conversas ao longo da vida daquela infância que parece não ter tido fim, como querem alguns que vejamos a vida como etapas. Recordo das brincadeiras no pátio da escola, brincadeiras que até hoje existem, mas não tem muita atenção por parte das crianças, pois foram, infelizmente, ocupadas pelas redes sociais, o comércio, os aplicativos de jogos que tiraram o encanto das brincadeiras como: amarelinha (academia), pula corda, esconde-esconde, passa-anel, telefone sem fio entre outras, que na minha infância nos divertíamos muito ao brincar.

Se olharmos para dentro de nós, nos tornamos um espectador de nós mesmos, aquele espectador que consegue realizar saltos temporais por entre suas lembranças, podendo, inclusive, ressignificá-las,

numa possibilidade de ser em devaneio que pela imaginação, ou por sua facilidade se constrói outra relação com o espaço e o tempo, como no amadurecer da vida que tende a voltar mais à infância.

Nos anos seguintes, do período escolar, já na segunda, terceira e quarta série, estudávamos com a mesma professora. Nesses anos escolares, o que me marcou foi à importância do caderno que todos os alunos tinham muito cuidado, isto porque havia grande dificuldade de conseguir, uma vez que as condições financeiras eram ruins e o acesso à assistência estudantil era difícil e algumas vezes inexistentes. Por isso, cuidava do meu material com muito carinho, pois sabia da dificuldade que meus pais tinham para comprar. Essa atitude se alia ao que Bachelard chama de imaginação produtora, essencialmente criadora, simbolizante, poetificante, inventora de novas imagens ou sínteses originais de imagens. O caderno recebia de minha parte uma simbologia que estava além de seu aspecto material, ele se tornava poetificante, pois recebia uma linguagem imagética em que nele estava o esforço dos meus pais em me conseguir um caderno.

Entre 1992 e 1995, cursei da 5^a a 8^a séries, sendo aprovada em todas elas. Essa etapa da minha vida considero também importante, porque foi continuidade de toda minha aprendizagem. Porém algo novo acontece, não temos mais a única professora que havia nos acompanhado durante 4 anos, pois para cada nova disciplina um professor diferente; além de mais conteúdos e atividades de serem entregues; outra forma de lidar com os alunos. Lembro que foi durante esta segunda fase do ensino fundamental que fui reprovada, o que me marcou subjetivamente, pois sabia que não continuaria com os colegas que haviam começado a trajetória estudantil juntos e ter sido marcada por uma decepção de repetir de ano.

Pude perceber nessa fase o abandono, de maneira lúcida, do onirismo e da imaginação que fase anterior o aluno era mais incentivado. Há uma ruptura total com a imaginação e fomos introduzidos em um mundo de aprendizagem mais racional e sistemático. Parece que nossa imaginação foi capturada. Me pergunto como a perda ou ruptura do devaneio que vinha pelas matérias estudadas no ensino fundamental na sua primeira fase não me afastaram do exercício poético do devaneio? Sobre isso escreve Morin (2014) em reconhecer a importância da literatura e da poesia no ensino escolar:

Para se conhecer o ser humano, é preciso estudar áreas do conhecimento como as ciências sociais, a biologia, a psicologia. Mas a literatura e as artes também são um meio de conhecimento. [...] A poesia é também importante, nos ajuda a reconhecer e a viver a qualidade poética da vida. [...] Literatura e artes não podem ser tratadas no currículo escolar como conhecimento secundário.

O sonhar, sob o ponto de vista bachelardiano, nos leva ao devaneio do interior, isto é, a criança pode ser livre no sentido mais amplo do termo e devanear com os elementos da natureza – terra, água, fogo e ar. Assim, o imaginário é capaz de encontrar um universo inesperado em cada sonhador, o que somente será possível, se compreendermos a aventura do imaginário na fase da infância e formos capazes de entrar no sonho infantil, dando atenção a criança que há no nosso interior, a fim de devanear no mundo dos exageros enquanto expansão imaginária, atestando a existência de nossa criança interior.

Essas lembranças que vivem pela imagem, na virtude da imagem, tornam-se, em certas horas de nossa vida, particularmente no tempo da idade apaziguada, a origem e

a matéria de um devaneio bastante complexo: a memória sonha, o devaneio lembra. Quando esse devaneio da lembrança se torna o germe de uma obra poética, o complexo de memória e imaginação se adensa, há ações múltiplas e recíprocas que enganam a sinceridade do poeta (2009, p. 20).

Dessa forma, o devaneio poético possibilita a fuga da realidade e também a tomada de consciência no campo da linguagem poética, quando a consciência imaginante cria e vive a imagem poética porque o poético não é discurso sobre o mundo, é ato no mundo, é um pensamento em ação. Foi orientada por esse movimento fenomenológico que procurei descrever minhas experiências escolares.

Considerações finais

Procurei mostrar através desse relato as passagens que marcaram minha vida na infância, recordando momentos importantes vividos com minha família, amigos e no decorrer da minha iniciação na vida escolar através dos devaneios, como Bachelard propõe. O sonho é um conceito cheio de significados, é através dos nossos sonhos que podemos reviver nossa imaginação da infância e assim nossas memórias são reimaginadas como vida poética. O ato de escrever me permitiu ir compondo um quadro que talvez as figurações das fotografias não mostrassem, pois fui dinamizando imagens e atualizando sensações capazes de afastarem visões e pensamentos habituais. Esse movimento do recordar foi presentificando experiências e me fazendo perceber que sou espectadora de minhas imaginações e devaneios.

As representações do sonho de devaneio que relatei neste texto é a possibilidade de sonhar acordado como acontece na nossa infância, caracterizado pelo simbolismo, no qual a criança pode imaginar novas possibilidades de criar, inventar, usar sua curiosidade. Parece necessário compreender que o devaneio pode nos fazer perceber a importância de se devanear. O devaneio, por meio da memória perceptiva, resgata o longínquo passado das imagens primeiras, transpõe-no sob a forma de objeto poético repleto de imagens, dirigindo-o, pois, ao espectador. Este, na apreensão dos mundos suscitados, vê-se povoado de imagens memoradas, e, até mesmo, de novas imagens. O devaneio surge, então, do entrecruzamento de tempos e imagens resultantes dessa indissolúvel tríade: devaneio, memória e imagens.

Bachelard ao reiterar que a nossa infância pode ser reimaginada e reencontrada nos devaneios, porque na infância conhecemos uma existência sem limites, um devaneio sem medida, sem fronteiras. Não podemos perder esse olhar de criança para não nos tornarmos adultos noturnos ao deixarmos de lado a nossa criança interior.

Outra coisa que podemos considerar em nosso artigo é o eu poético. As leituras de Bachelard nos permite compreender e ampliar a ideia de poético, normalmente entendido como eu poético expresso na arte. Partindo da experiência perceptiva do agora, e embalado pelo movimento de recordação advindos da memória, somos capazes de rever labirínticas imagens que permeiam a consciência e que ao nos permitir imaginar agimos poeticamente pelas nossas imagens poéticas. Parece que por esse movimento realizamos um fazer poético em nosso eu.

Desse modo, o “eu poético” por meio de sua consciência perceptiva, descreve o real ou cria “novas realidades”. Para isso, ele sempre parte de sua forma de enxergar o mundo, bem como de sua maneira de se portar diante daquilo que sua visão lhe oferece. Mais especificamente, ele constrói a partir de como seu corpo – em seu aspecto sensível – apreende a existência.

Considerando as imagens dos primeiros anos e minhas experiências escolares são, na tese de Bachelard, relatos de um poeta, pois são manifestações da infância permanente, “continuidade dos devaneios da grande infância e dos devaneios do poeta.” (Bachelard, 2009, p. 95). Assim, é na união da lembrança e da imagem que se torna possível a constituição da poética de uma infância evocada num devaneio. É uma nova concepção de criação da arte poética que têm como intuito fazer reconhecer a permanência, em todos os seres adultos, um núcleo de infância, de um ser que habita todo homem e que jamais envelhece.

Este, apesar da imobilidade, mantém-se sempre vivo, na alma humana, sendo desperto, pois, pela arte poética do devaneio, da percepção e da memória. Pude dessa forma compreender um certo maravilhamento no devaneio que provocado pela recordação que se voltou para as primeiras experiências, afirma Bachelard: “A infância, [...], tem um significado fenomenológico próprio, um significado fenomenológico puro porque está sob o signo do maravilhamento. Pela graça do poeta, tornamo-nos o puro e simples sujeito do verbo maravilhar-se” (Bachelard, 1985, p. 122); fui expectadora e, ao mesmo tempo, partícipe no envolver-se tão intensamente, a ponto de vivenciar uma infância que sequer chegou a terminar. Dessa forma, vejo a necessidade de dar atenção à imaginação de

uma criança e quanto é importante o potencial criativo que está por trás da história que a criança inventou através do seu devaneio.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Alain M. Mozart; Mário Laranjeira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Alain M. Mozart; Mário Laranjeira. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.

FERREIRA, Agripina Encarnación Alvarez. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos**. Londrina: Eduel, 2008.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma nova epistemologia da Geografia. In: Christofolletti, Antonio (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

MEINIG, Donald W. **O olho que observa: dez visões sobre a mesma cena**. Espaço e cultura, UERJ, 2002.

EDGAR MORIN: É preciso educar os educadores. **Fronteiras do pensamento**. Entrevista concedida a Andrea Rangel. 2014. Disponível em: www.fronteiras.com/entrevistas/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores. Acesso em: abr. 2022.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

**FENOMENOLOGIA DO ESPAÇO: A POÉTICA
NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES
E TRABALHADORAS RURAIS SEM-TERRA (MST)
EM PORTO VELHO-RONDÔNIA**

Jéssica Ferreira Costa

“...o bem dizer é um elemento do bem viver...”
“...a vida se mostra aí por sua vivacidade.
Esses impulsos linguísticos que saem da linha ordinária
da linguagem pragmática são miniaturas
do impulso vital” (Bachelard, 1993, p. 190).

Introdução

Há um imaginário construído sobre a Amazônia que encanta, mas experienciar esse bioma com suas cores, rios, força da floresta, sensações e emoções de deliciar com os sabores amazônicos, com os conhecimentos de gerações da cultura popular, ribeirinhas e indígenas são vivências inexpressáveis diante de sua poética e singularidade.

Nesse chão amazônico, há traços de luta e resistência expresso em cidades, ruas, lugares e memórias que contribuem para tornar a Amazônia e seus povos poderosos. O povo camponês de Rondônia

é um exemplo desses caminhos de luta, em que durante meados das décadas de 80 e 90, se mobilizavam para a semana do “Grito da Terra Brasil”, de teor nacional, que acontecia como estratégia dos movimentos sociais do campo para unificar as lutas por Reforma Agrária e Agricultura Familiar no país.

Nesse período, as Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, Pastoral da Juventude e Teologia da Libertação formavam na Igreja Católica, uma comunhão com as pautas reivindicadas pelos camponeses e camponesas, orientando para a consciência política. Essa intensa luta, que durou em Rondônia por aproximadamente 15 anos, deixou para o movimento camponês a memória coletiva e fenomenológica de importantes espaços em Porto Velho que foram palcos de história, símbolos e poesia.

Quais são esses espaços poéticos e sua representatividade para o movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-Terra – MST, de Rondônia, e, de que modo, estão encruzilhados com a luta e militância dos dias atuais? A busca para esses questionamentos é o que se propõem nesse trabalho, desvendando a força das paisagens, lugares e espaços para o campesinato rondoniense. O artigo utiliza do método fenomenológico, pois irá contribuir na tarefa de encontrar significados do mundo-vivido pelos sujeitos do movimento social de luta pela terra (Relph, 1979). Utilizando a história oral de alguns dos sujeitos que estavam envolvidos nos processos, por meio de entrevistas a fim de verificar a memória coletiva desse grupo para lançar essa historicidade.

Metafórica e poeticamente podemos sinalizar que o trabalho aqui posto segue os “ensinamentos da água” do aquífero conhecido por Alter do Chão, na Amazônia, que possui reservas hídricas

estimadas em mais de 162.520 km³, tendo o poder de abastecer o planeta por 250 anos; a reserva chamada também de Sistema Aquífero Grande Amazônia, se estende pelas bacias do Marajó, Amazonas, Solimões e Acre²⁷, e toda essa grandiosidade acontece escondida por debaixo da terra ensinando-nos sobre humildade, e assim, nesse espírito bachelardiano, tecemos as presentes linhas, nesse poder e esperança de alimentar a nossa imaginação poética.

A Geografia, incumbida da tarefa de estudar o espaço geográfico, é também, uma ciência que:

(...) usualmente permanece reservada, mais vivida, que expressada. É nos lugares onde vive e através do manejo dos campos, rios e pradarias, no curso de sua vida e no movimento de coisas e pessoas que o homem externa em relação fundamental com a terra (Dardel, 1952, p. 47).

Assim, os espaços são complexos e repletos de significado para os sujeitos, que carregam memórias que fortalecem a relação com o mundo-vivido. Nossas ações nesses espaços são importantes e têm uma história a ser valorizada, reconhecida e acolhida e imaginada (Relph, 1979).

A memória coletiva de um grupo social impulsiona ao agir, pensar e sentir as percepções presentes, posto que a memória tem a função de capturar imagens do passado, o mundo vivido e explorado, e centralizar o ser humano na criação de culturas, tradições, costumes, hábitos e de continuidade na ação social (BOSI, 1995).

²⁷ DE ASSIS MATOS DE ABREU, F.; NAZARENO CAVALCANTE, I.; ANTÔNIO DA SILVA MATTA, M. O sistema aquífero Grande Amazônia – saga: um imenso potencial de água subterrânea no Brasil. *Águas subterrâneas*, [S. l.], 2013. Disponível em: <https://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/view/27831>.

As lembranças que flutuam nas ondas do tempo compartilham experiências que fortalecem a vivência contemporânea, despertando valiosos ensinamentos, pois,

uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação (Bosi, 1995, p. 408-411).

Nesse sentido, compreende-se a memória coletiva como resultado de vivências e relações entre um grupo social, etnia, nação. Podemos citar o território, espaço geográfico, cultura, língua, modos de vida e assim por diante, questionando deste modo, sobre o que um grupo social faz com o seu passado? Essa inquietação nos impulsiona na aventura de buscar a memória de um grupo de pessoas que, em coletividade, lutaram e ainda mantêm a energia da militância em prol da reforma agrária, somando na luta contra o latifúndio.

As histórias e resistência aqui expostas voltam-se em específico para o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-Terra de Rondônia, mas outros movimentos camponeses também firmaram seus pés e suas vozes nesses anos de luta aqui em recorte, como o Movimento Camponês de Corumbiara – MCC, Liga dos Camponeses Pobres – LCP, e outros movimentos do campo em Rondônia, durante os anos de 1980 e 1990, que fizeram dos espaços: Trevo do Roque, o Estágio Aluizio Ferreira, as Três Caixas d'água, a Catedral Sagrado Coração de Jesus, Rio Madeira, e a Avenida Sete de Setembro, localizados em Porto Velho, capital de Rondônia, em

palcos do mundo vivido, tornando-se lugares simbólicos e significativos para a luta pela Reforma Agrária.

Procedimentos metodológicos

O método é como um organismo que necessita ser compreendido dentro do processo científico e aliado a ele. “Esse procedimento precisa ainda referir-se a um fundamento epistemológico que sustenta e justifica a própria metodologia praticada” (Severino, 2007, p. 100). Mas que se inicia desde a primeira inquietação acerca de um problema e, por que não, de um aspirar poético, uma filosofia, um riso alegre da alma acerca de um tema que desperta o interesse no pesquisador, pesquisadora e a sua curiosidade.

A ciência geográfica, no decorrer dos anos e das reflexões, avança para além do paradigma do positivismo e dialoga a partir de uma pluralidade epistemológica com questionamentos e reflexões que alargam a ciência (Marradi, 2002). Essa pluralidade enriquece a ciência geográfica ao reconhecer os saberes práticos, com tolerância e respeito ao conhecimento local, comunidades tradicionais e saberes produzidos na historicidade dos povos (Fernandes, 1993). Afirmamos também que a geografia aqui posta, abarca a fenomenologia do espaço, uma vez que o espaço geográfico “coloca-nos em um espaço de nossas próprias dimensões, num espaço que se entrega a nós e que responde para nós, espaço geográfico é constituído de espaços diferenciados...” (Dardel, 2011).

O método fenomenológico é um processo reflexivo que exige que o/a pesquisador/a não cultive pacotes de certezas e que se afaste de preconceitos, colocando-se na posição daqueles que experienciam o fenômeno (Relph, 1979).

Nesse sentido, o conjunto de técnicas empregadas para a presente pesquisa foi a coleta de dados a partir de entrevistas utilizando a abordagem da história oral dos camponeses, camponesas. Nesta ótica Delgado (2003) esclarece, que:

Tempos diversos são identificados pelos elementos substantivos que os fizeram diferentes entre si. A busca do significado de um tempo tem na memória e na própria História suportes básicos. Reconhecer o substrato de um tempo é encontrar valores, culturas, modos de vida, representações, enfim uma gama de elementos que, em sua pluralidade, constituem a vida das comunidades humanas (Delgado, 2003, p. 13).

Assim, compreendemos que tempo e espaço transformam os elementos vivenciados pelos sujeitos, e a história oral nos dá a possibilidade de compreender essas alterações, as opiniões diversas, as interpretações dos fenômenos atuais na vida cotidiana desses sujeitos e suas transformações ao longo da temporalidade.

Outra ocorrência para a construção metodológica desse trabalho foi a revisão de literatura sobre o conceito de memória coletiva, buscando o referencial nos clássicos como Maurice Halbwachs em *la mémoire collective* (memória coletiva) (1956) e Ecléa Bosi em *memória e sociedade, lembranças de velhos* (1994).

Para Santos (2000) os saberes e os conhecimentos decorrem da experiência social, e que na variabilidade de relações sociais, têm-se diferentes epistemologias construídas entre os sujeitos com a natureza, inseridos em uma comum-unidade (comunidade). Portanto, embora a memória possa sofrer novas transformações ao longo do tempo, elas têm o poder de despertar significados e particularidades que compõem todo o processo de construção de um grupo

social, povos ou etnias, no caso específico, trata-se da trajetória da luta pela terra, por reforma agrária, previdência social e outras importantes pautas para os camponeses e camponesas organizados coletivamente no Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-Terra – MST, que aqui tem-se o recorte de tempo analisado entre as décadas de 1980 e todos os anos da década de 1990 no estado de Rondônia.

Memória coletiva e ação – O reconhecimento dos espaços geográficos

Guardar memória é resgatar quem nós somos. Nas nossas memórias está presente o nosso passado ou quem éramos. Ao crescer, vivências e acontecimentos nos marcam, portanto, fazem parte do nosso ser enquanto pessoas capazes de relacionar o nosso passado com o presente e projetar o futuro.

A memória imprime na consciência a resistência contra as vastas explorações que atravessam corpos. É pensar para além da exploração, deslocando-se para a resistência que nos impulsiona para a liberdade. Krenak (1992) indaga: como fazer história sem memória? Como pode haver vivências ativas sem guardar quadros sociais que nos forjaram? Halbwachs (1990) por sua vez, ensina que para uma memória é preciso um “local” para as lembranças surgirem e isso se aplica nos quadros sociais reais, referência na reconstrução da memória coletiva.

Quando se evoca uma lembrança ela vem acompanhada da família, da religião, dos amigos, da natureza, provando como Halbwachs (1990) que uma memória é construída enquanto tecemos nossas relações e afetos, a memória acompanha a vivência em

grupo, em comunidade, ou seja, é algo coletivo. Neste viés verifica-se que:

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de se admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma cominação de influências que são, todas, de natureza social (Halbwachs, 1990, p. 51).

Portanto, mesmo que a interpretação possa ser individual, dentro do todo, da coletividade, ela expõe uma identidade cultural do próprio grupo no seu contexto social, pois a lembrança é evocada quando se está inserido em uma sociedade, logo ela é sempre construída em grupo, pois não se constrói memória isoladamente. As memórias nos ensinam e orientam o presente, a partir delas podemos evocar os erros cometidos de outrora e mudar os rumos fatalmente errôneos, para uma condição melhor.

Krenak (1992) evoca ainda a importância da memória para fortalecer o espírito, para aprender a sonhar com um mundo de harmonia entre homens e natureza e, assim, reconectar o elo perdido com a “memória da criação do mundo”. Aqui podemos entender a memória como caminho para a solução de certos problemas que vivem a humanidade na atualidade, pois nos servem como guia na escuridão para o reencontro da paz perdida.

As narrativas aqui postas, permitem identificar os significados sociais e representatividade na luta pela reforma agrária e justiça social que se expressa ao espaço geográfico do Trevo do Roque, o

Estácio Aluizio Ferreira, as Três Caixas d'água, a Catedral Sagrado Coração de Jesus, Palácio Rio Madeira, e a Avenida Sete de Setembro, localizados em Porto Velho.

O grupo é o suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado, nesta perspectiva vejamos o que nos diz Bosi (1994) ao falar sobre as lembranças grupais:

As lembranças grupais se apoiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência (Bosi, 1994, p. 414).

Os anseios individuais e familiares terminaram de ser tecidos nos grupos que se organizaram coletivamente no MST e remanejaram-se, transformando o sonho de acesso à terra em um “sonho coletivo”, que ao ser finalmente alcançado com a titulação do território, com a reforma agrária e divisão dos lotes, fortalece a percepção coletiva, contribuindo seja para o manejo com a terra ou na organização social, política e econômica das famílias nos assentamentos. Bosi (1994) revela ainda que:

Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é o ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado (p. 413).

Dardel (2011) analisa a natureza da realidade existencial de modo poético e unitário na relação da humanidade com seu espaço vivenciado, a terra, e que essa relação atribui significados de existência, entrelaçando-se profundamente com a alma humana. A geograficidade é baseada na fenomenologia que revela a terra enquanto representação existencial na mente humana em que todo o ambiente oferece a “magia” perceptiva de beleza, significados, valores e cuidado, ou seja, sentidos para a vivência cotidiana. O espaço geográfico torna-se, portanto, um horizonte, uma modelagem com cor e densidade próprias que efetiva sua materialidade fazendo sentido para as pessoas, para suas vivências e existências. Sobre essa temática, Dardel pontua que:

Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o Homem à Terra, uma ‘geograficidade’ (*géographicité*) do Homem como modo de sua existência e de seu destino (2011, p. 1).

O geógrafo é o leitor desse mundo, em que “não se trata de um atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que vêm do solo, da onda, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença (Dardel, 2011, p. 2), logo a atribuição de simbolismos, encantamentos, afetividades, intimidades, significados aos espaços geográficos formam uma existência carregada de consciência; e a realidade geográfica é esse estar consciente que reconhece seu passado e valoriza sua memória.

[...] a geografia oferece à imaginação e à sensibilidade, até em seus voos mais livres, o socorro de suas evocações terrestres, carregadas de valores terrestres (*terrienes*),

marinhos ou atmosféricos, também, sempre espontaneamente, a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o Homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social (Dardel, 2011, p. 5).

Segundo Dardel, a geografia é – no melhor sentido da palavra – mística e poética, contém uma interpretação profética, imaginativa e heroica. Constatamos a realidade desses atributos quando analisamos as narrativas dos camponeses e camponesas diante dos processos e embates, e do reconhecimento do movimento social de sua trajetória passada através de suas vivências construídas no dia a dia, de suas lutas em sintonia para a conquista da terra e permanência nela. O lugar, a terra, os lotes de um povo campesino vale muito para estes indivíduos que por muito tempo partilharam de espaços que se tornaram simbólicos em sua militância.

Bachelard (1958, p. 12), ensina que “o espaço é tudo... É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de uma duração concretizados em longos estágios. As lembranças são imóveis e tanto mais sólidas quanto bem espacializadas.” A luta por um espaço constrói uma intimidade com ele, nasce assim o conceito de lugar; memória e sentimentos corroboram uma força que se enraizará quanto identidade e pertencimento.

O lugar representa muito mais do que uma pessoa de longe poderia supor. A história sobre a trajetória de um povo tem início em sua memória, sua visão cosmológica e compreensão da existência. No próximo item ouviremos a voz dos sujeitos participantes desta pesquisa e nossa análise feita a seu respeito.

É importante lembrar que, considerando a preservação das identidades dos nossos entrevistados e entrevistadas, os nomes aqui citados são fictícios; o que, a nosso ver, deixou as pessoas mais à vontade e tranquilas para falarem sobre suas experiências, percepções e imaginações.

Narrativas e significados: da militância no espaço geográfico às mentes e corações do ser poético

Nas narrativas expostas pelos entrevistados percebeu-se que toda a trajetória de mobilização foram processos carregados de significações sociais ligadas a espaços e lugares, palcos da luta e militância em Porto Velho. As experiências são carregadas de ensinamento, de dor e esperança. Nesse sentido, os relatos assemelham-se com as discussões de Bosi (1994), que demonstra que:

Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte em sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância (p. 82).

Incertezas e inseguranças, sonhos e esperanças, evidenciam emoções recordadas pela memória construída durante os anos 80 e 90 no “Grito da Terra Brasil”, onde as lembranças dos espaços criam imagens poéticas, pessoais e íntimas, construindo paisagens para si.

[...] não tenho apenas um mundo físico, não vivo apenas no meio da terra, ar e água, tenho em torno de mim estradas, plantações, cidades, ruas, igrejas, implementos, um sino, uma colher, um cachimbo... algumas maneiras de existência ou de vida podem achar seu lugar... na paisagem através da qual eu vagueio. O mundo cultural é... ambíguo, mas está presente (Merleau-Ponty, 1962, p. 147).

Assim, o encontro dessas memórias e paisagens constroem o sujeito social, seus significados de vida, cultura, símbolos, imaginação e valores. Vejamos alguns recortes de entrevistas²⁸ sobre o que dizem os camponeses ao serem questionados sobre os sentimentos experimentados nas organizações coletivas em que fizeram parte nos espaços-palcos das lutas em Porto Velho:

Organizávamos caminhões de vários municípios de Rondônia para o Grito da Terra Brasil que acontecia em todo o país naquela época. Não havia telefone, então tínhamos lugares estratégicos, data e hora para a chegada (Márcio, janeiro de 2022).

Meses antes da data, eram enviados recados para as caixinhas das comunidades dos acampamentos avisando da hora e dia da chegada para a mobilização, e os acampamentos se organizavam para chegar (Lica, abril de 2022). O primeiro local era o Trevo do Roque, e uma comissão passava naquela fileira de caminhões BR afora verificando se todos tinham chegado, orientando o tempo para descanso, café e o horário de seguir para o segundo ponto: o Estádio Aluizio Ferreira e ficávamos lá uma semana, e antes da chegada do povo já tinha instalado água, barracas e banheiros provisórios (Baiano, janeiro de 2022).

²⁸ Entrevistas cedidas à autora. Os nomes dos participantes foram trocados para preservar a identidade dos mesmos.

Havia muito entusiasmo. Seguíamos para às Três Caixas d'Água porque era próximo do antigo Palácio do Governo do Estado, íamos em marcha, cantando, e com os carros de som e faixas chamando as nossas pautas de luta (Márcio, janeiro de 2022).

A organização de mais de 10 mil pessoas que se juntavam por uma semana revelava a sintonia da luta e sua importância, o entusiasmo vibrava como sentimento experimentado, a força de sustentar a importante e legítima pauta de luta, que objetivava tornar terras improdutivas e da união em terras produtivas e repartidas para a reforma agrária; esses eram sentimentos evidenciado por toda a coletividade que marchando e cantando, com braços firmes segurando as faixas, percorriam o trajeto estrategicamente escolhido.

Era muito organizado, quando a gente chegava no palácio, uma comissão se reunia para as negociações com o governador e com a Casa Civil, sobre as pautas ligadas ao campo e a agricultura e depois fazíamos uma espécie de visita à sociedade, saindo rumo ao início da Avenida Sete de Setembro, então esses pontos foram muito importantes para o movimento (Uyara, janeiro de 2021).

Mais de 10 mil pessoas na mesma sintonia, articulando desde a permanência da organização e limpeza da cidade nas ruas em que percorriam até a pauta política posta às claras, revelava que os espaços escolhidos também vibravam a força dos camponeses e camponesas. Quando questionado sobre os cantos, dança, poesias, e como isso auxiliava em todo o contexto da mobilização, tem-se posto que:

A viagem e toda a semana eram muito cansativas, e, também muito festiva, encontrávamos pessoas de vários lugares, com temperos diferentes de farofa, a gente

gritava juntos: “Reforma Agrária na Lei ou na marra”; “se o campo não planta a cidade não janta” e também por previdência rural, e acesso das mulheres e filhos no cadastro rural, nos documentos da terra como núcleo familiar, pois depois de toda luta da família era só o nome do homem que aparecia e a gente não achava isso bom. De noite a gente fazia nossas “festas culturais” tinha trovas, rimas, cordéis, poemas e muito forró (Caio, janeiro de 2022).

Os espaços culturais foram muito importantes, a luta exigia mística. Os meninos cantavam, faziam composições de músicas com a nossa história e denunciando as desigualdades. Havia rodas de dança e peças de teatro que envolviam as crianças. Era lindo. As pessoas paravam para assistir. Me lembro de uma moça, não sei se ela ainda reside em Porto Velho, a chamávamos de “Bailarina da Praça” ela sempre estava vestida de rosa com flores na bicicleta e também na cabeça e dançava com a gente, quando estávamos cansados, desanimados e descontentes ela surgia e puxava para dançar e nos encorajava, ela era encantadora me lembro com muito carinho (Lica, abril de 2022).

Os passos da coletividade dos sujeitos do MST se conectavam com os elementos das paisagens e se envolviam nelas durante aqueles tempos, junto às emoções – parte intrínseca do ser humano – contribuem para a construção de significados e simbologias, valores que são atribuídos a esta história e lugares que foram alimentadas por cantos, trovas, rimas, poemas, partilha de farofa, ajuda mútua, e bandeiras de luta evidenciando pensamento e ação política.

Portanto, os espaços e lugares, tempos e relações, ou seja, toda a subjetividade: alegria, cansaço, dor, medo, memória, à materialidade da avenida Sete de Setembro, Três Caixas d’Águas, estágio Aluizio Ferreira, formam um conjunto de elementos que constituem o espaço vivenciado (Silva; Gil Filho, 2020; Silva, 2018) e que ressoa

atualmente na alma e ser poético de quem as vivenciou e inspira a quem escuta as memórias coletivas presentes nessas histórias.

A atividade humana de “pensar as emoções é compreendê-las como parte da totalidade da experiência individual e coletiva do ser humano” (Silva; Gil Filho, 2020, p. 166) são processos da memória aliada às emoções que refletem a teia de significados conferidos ao espaço e ao território, assim a subjetividade constrói a objetividade, o significado (Silva, 2018).

E, na reconstrução de pequenos fatos memoriais dos camponeses e camponesas, os saudosismos pelos tempos da semana em que lutavam pela reforma agrária, embora diante de todas as intempéries e dificuldades de distância geográfica, organizações e medos, deixam funcionando como elementos para fortalecer na memória desse grupo a união que vigorou em momentos tão incisivos. Mas ao mesmo tempo, não os deixam parados, porque outros enlaces contemporâneos não os permitem, mas os jogam novamente para novas frentes de atuação e enfrentamento até que haja uma sociedade justa, igualitária e com a reforma agrária em todo o país. Observemos os relatos a seguir:

Aquele período deixa muita saudade, porque aconteceram muitas conquistas de terra para as famílias e mesmo com dificuldade econômica, a luta tinha um sentido para gente, a vida da gente não tinha sentido se a gente não tivesse na luta... lutas sociais e a luta individual elas são casadas. Por isso que a luta realimentava a nossa vida enquanto sujeito individual, quando você olha para hoje as condições da vida da gente melhorou, eu, por exemplo, não tinha terra para morar, a minha família morava na terra dos outros, hoje a gente tem terra para morar que a luta conquistou, mas o jeito de lutar mudou muito,

não conseguimos aquelas intensas mobilizações (Caio, janeiro de 2022).

O jeito de luta mudou conforme a renovação do tempo, das tecnologias, das condições de enfrentamento e existência, e com isso a luta política também precisou renovar-se. Mesmo assim, percebe-se que aspectos ligados a sentimentos e memórias continuam sendo elementos relevantes na construção de uma consciência de justiça social por parte dos indivíduos. Há, portanto, uma relação entre indivíduos e comunidade respaldada pelos aspectos simbólicos.

E para fenômeno a gente ressignificou ao longo dos anos a nossa mística política. A gente precisa de algo que nos alimente para que a gente consiga entender que por mais difícil que esteja hoje não quer dizer que é o fim, tenho a frase “nós não sabemos como a gente pode resolver os problemas da nossa vida hoje, mas a gente tem certeza que se começar a mexer neles agora a gente vai conseguir resolver eles no futuro” e isso é místico! e nos motiva a não deixar sermos abatidos pelo saudosismo! porque vou achar “nossa como era bom aquele período” e era bom mesmo! Mas as condições políticas também possibilitou a gente fazer tudo o que a gente fez (Ayra, janeiro de 2022).

Depois que os companheiros estavam em seus lotes e que foi construindo as primeiras casas, escolas e a ação política continuou, militância a luta continuou, e sempre em coletividade organizando o povo nos Grupo de Reflexão, havia muito para lutar, infraestrutura, escola, igreja, saúde (Baiano, janeiro de 2022).

Valeu a pena. Sempre vale a pena participar da luta e estar engajado nos movimentos porque é dele nossa sobrevivência e resistência, é a nossa base, e estar presentes nesses movimentos é fundamental para nós seres humanos que acreditamos que pode haver um espaço no mundo melhor, que a gente possa viver com dignidade, sem tanta indiferença, morte, fome, miséria, e que a gente possa ter espaço

no mundo, mas vai depender de todos darem as mãos e realmente lutar por esse objetivo (Lica, abril de 2022).

O que poderíamos entender por esse termo “mística política”? Acreditamos que se refere aos aspectos simbólicos presentes nas relações sociais de enfrentamento. Ou seja, as memórias individuais acontecem pelo entrelaçamento das relações sociais, pois as lembranças não são construídas de maneira isolada entre natureza e sociedade. Na memória coletiva não se está sozinho e, é partir dela que se projetam futuros melhores e alternativas, pois o passado sempre permite colher valiosas lições quando se permite criar com ele um elo, uma conexão.

Criar laços com ideias, projetos de sociedade e luta geram significados de vida e de utopia, a luta pela reforma agrária aproxima afetivamente os indivíduos, os quais escolhem o que se tornar. Há a construção e fortalecimento de uma identidade nessa aproximação afetiva das pessoas, da família e de um mundo a ser construído para uma sociedade mais justa, dos lugares e relações com a terra. Assim, as pessoas que compõem o grupo social vão unindo memórias, afetos, signos e emoções.

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice e versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (Halbwachs, 2003, p. 39).

Quando a pessoa se identifica do lugar de onde veio e sua trajetória, seus motivos e anseios de tornar significados de vida, ao afirmar que carrega consigo todo um sentimento de pertença com a militância pela reforma agrária, cria para si um poderoso lugar de origem, pois como um dos entrevistados deixa expresso as seguintes pontuações,

Qual é a sua causa? Qual é a sua luta? O que dá significado para sua vida? Hoje você tem uma Juventude que não sabe qual o sentido e significado que dá para vida. E isso é um problema da Juventude? Não! É um problema de toda sociedade, pois na banalização da vida, do beijo, do sexo, do álcool, há influências externas que produz essa fetichização... assim, muitos passam um mês, um ano, uma vida e a pessoa olha e verifica, vou usar uma expressão forte, que não produziu nada de útil para a sociedade, tipo, “Poxa eu nunca ajudei a capinar, limpar ou construir uma rua de um bairro ou uma escola, não ajudei no sindicato, nunca dirigi um partido, nunca participei de uma greve estudantil ou de coisa nenhuma... eu produzi o quê pela sociedade?” Então, você tem que dar significado para a sua vida, ajudando, cooperando em algum projeto maior do que você (Caio, janeiro de 2021)

Assim, observa-se que nossas memórias e experiências nos modificam e são poderosas para a construção do olhar que teremos sobre a vida e sobre o presente. Relembrando nossos passados, em maior ou menor grau, ao longo das experiências da vida vamos atrelando lugares a significados.

Todos podemos ter uma casa, um rancho, um rio, um morro, uma rua, algo que lhe desperta símbolos ou significados, memórias que confortam, machucam ou ensinam. Os espaços ressoam significados e vivências, tocam a profundidade do nosso ser, ligando

imaginação e emoção, sonhos e realidades, materialidades e subjetividades (Bachelard, 1993).

Considerações finais

Essa composição, visou contribuir para observarmos que a vida pessoal é ligada a diversos fenômenos que perpassam às vivências dos sujeitos, transmitindo e ensinando sobre significados da própria experiência (Merleau-Ponty, 1962). As lembranças de espaços, cantos, ruas, avenidas, lugares, criam imagens poéticas que florescem em dinâmicas, muitas vezes, únicas e específicas (Bachelard, 1993), as quais conduzem para a imaginação e utopia de acreditar em um amanhã melhor do que o hoje, justo e solidário.

O espaço poético fortalece e cria laços, se manifesta em intimidade “quando um espaço é um valor – e haverá maior valor que a intimidade? – ele cresce. O espaço valorizado é um verbo; em nós ou fora de nós, a grandeza nunca é um objeto” (Bachelard, 1993, p. 328). Essa espacialidade poética possibilita intimidade, intimidade essa que é produtora de raízes profundas no ser, que se expandem e fazem brotar inúmeras possibilidades sociais. Assim nascem histórias, memórias, lutas, anseios; socialmente falando, nesse processo utopias são valorizadas e revalorizadas pelos sujeitos.

Vivenciar os fenômenos é apreciar as coisas miúdas e realmente significativas para o ser, é admirar-se e tornar-se íntimo das ideias, sensações, causas sem receio; é abrir-se para a intimidade com nossas memórias. Assim, encontramos também, nos lugares físicos para o MST, a constituição destes lugares enquanto topoa-nálise, “em que se estuda as psicologias sobre os lugares físicos da nossa vida íntima” (Bachelard, 1993, p. 19). Nasce, assim, da junção

entre concreto e simbólico a resistência coletiva que produz força social para a continuidade da luta, pois os lugares animam e embalam algo maior do que eles mesmos ao tornarem-se palcos de ideias que não morrem, mas que renascem em cada acreditar. Torna-se extensão para significados que – a exemplo do movimento social de luta pela terra – fortalecem as raízes históricas enquanto se faz história por reforma agrária e justiça.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BOSI, E. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. *et al.* (orgs.) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DE ASSIS MATOS DE ABREU, F.; NAZARENO CAVALCANTE, I.; ANTÔNIO DA SILVA MATTA, M. O sistema aquífero Grande Amazônia – saga: um imenso potencial de água subterrânea no Brasil. **Águas subterrâneas**, [S. l.], 2013. Disponível em: <https://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/view/27831>. Acesso em: 27 jan. 2021.
- FERNANDES, A. M. O paradigma clássico versus o surgimento de um novo paradigma da ciência e da tecnologia e suas relações com o homem, a natureza, a história e a cultura. In: **Cadernos de Sociologia**. Programa de Pós-graduação em Sociologia. V. 4, p. 51-84. Número especial. PPGS/UFRGS, Porto Alegre. 1993.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto; SILVA, Marcia Alves Soares da. Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais. **Revista Geograficidade** v. 10, n. especial, Outono 2020. ISSN 2238-0205.
- MARRADI, A. Método como arte. **Papers** 67, p. 107-127, 2002. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/39002271.pdf>.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2003.

KRENAK, A. Antes o mundo não existia. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **Coletânea tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Izequias Estevam. **Textos selecionados de métodos e técnicas da pesquisa científica**. 2. ed. Niterói: Impetus, 2000.

SEVERINO, A. J. **A metodologia do trabalho científico**. 23. ed. ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Marcia Alves Soares da. Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 50, p. 69-84, agosto de 2018.

SOBRE OS AUTORES E AUTORAS

Gustavo Henrique de Abreu Silva

Professor substituto na UnB - Universidade de Brasília. Professor do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia - PPGG da Universidade Federal de Rondônia. Doutor em Geografia pela UFPR (2016) com estágio de doutorado sanduíche na França, Paris IV Sorbonne. Graduado (2006) e Mestre (2009) em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia. Especialista em “Psicologia Social” e Especialista em “Filosofia: Ensino de Filosofia”. Segundo coordenador do G.E.P. Culturas Amazônicas - GepCultura. Além de professor é músico e poeta, autor dos livros: *Geograficidades Amazônicas: Estudos em Geografia Humanista e Cultural*, *Geografia e Arte: o Espaço Vivido da Cantoria Nordestina* e *Na Beira das Matas: Poemas Diversos*. Desenvolve pesquisas relacionadas a cultura, fenomenologia, arte, política e meio ambiente.

⌋ <http://lattes.cnpq.br/3508919377126757>

⌋ E-mail: gustavorepentista@hotmail.com

Josué da Costa Silva

Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (1989), Mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1994), Doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2000) e Pós-doutor pela Universidade Estadual de Londrina (2016). Atualmente é Coordenador G.E.P. Culturas Amazônicas -GepCultura. Participa ainda como sócio da Rede Núcleo de Estudos e Pesquisas em Espaço e Representações-NEER. Desenvolve e orienta pesquisas no campo da geografia cultural, tratando de povos originários, tais como: comunidades ribeirinhas, quilombolas, povos indígenas... se interessa ainda por questões decoloniais, do bem-viver e epistemológicas na geográfica, com ênfase nas abordagens fenomenológicas.

⌋ <http://lattes.cnpq.br/8909795919185303>

⌋ E-mail: jcosta1709@gmail.com

Rogério Nogueira

Licenciado em Geografia, pela Universidade Federal do Acre e em Pedagogia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Pós-graduado em Ensino de Geografia, pela Universidade Candido Mendes e em Educação Especial e Inclusiva, pela Faculdade Educacional da Lapa. Mestre e Doutorando em Geografia, pela Universidade Federal de Rondônia. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero - GepGênero e do Grupo Amazônico de Estudos da Linguagem (GAEL), da Universidade Federal do Acre - UFAC.

⌋ <http://lattes.cnpq.br/2322131828297655>

⌋ E-mail: rogerio.geografia11@gmail.com

Leide Joice Pontes Portela

Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia (PPGG) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), pesquisadora no G.E.P. Culturas Amazônicas - GepCultura. Atua na área de Geografia Humana e Cultural; desenvolve pesquisas sobre manifestações culturais, performance, festas, corporeidade e relações étnico-raciais.

⌋ <http://lattes.cnpq.br/4533100382278897>

⌋ E-mail: joice.portela13@gmail.com

Ádria Fabíola Pinheiro de Sousa

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Pesquisadora do G.E.P. Culturas Amazônicas-GepCultura. Graduada em Geografia pelo Centro Universitário Internacional - Uninter. Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR (2018). Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Única. Licenciada em Letras Português pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Feminista, lésbica, antirracista; militante do Movimento Negro Unificado - MNU/PA, militante do Coletivo de Mulheres Negras Zélias/Monte Alegre-PA e do Movimento de Mulheres Negras de Santarém. Afrorreligiosa do Tambor de Mina (mãe pequena da Casa de Mina do rei Caçador/MTA-PA). Secretária da Rede Brasileira de Justiça Ambiental - RBJA. Desenvolve pesquisas na área de geografia: culturas amazônicas/modos de vida de (comunidades ribeirinhas); culturas afro-amazônicas (comunidades negras/quilombolas); religião de matriz africana e relações sociais de gênero.

⌋ <http://lattes.cnpq.br/4860376554376925>

⌋ E-mail: fabyolasousa@gmail.com

Danubia Zanotelli Soares

Doutoranda em Geografia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Mestre em Geografia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Membro do Grupo de Pesquisa em Geografia: “Mulher e Relações Sociais de Gênero - Gepgênero”. Membro do Grupo Experimental de Pesquisa: Diálogo Hídrico Multidisciplinar. Graduada em Geografia pela FIAR- Faculdades Integradas de Ariquemes (2009). Especializada em Gestão Ambiental pela FIJ-Faculdades Integradas de Jacarepaguá (2010). Atualmente integra o quadro docente efetivo da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia.

http://lattes.cnpq.br/5038568213401376

E-mail: danubia_zanotelli@hotmail.com

Éder Rodrigues dos Santos

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia (PPGG/UFRR); mestre em Geografia pela Universidade Federal de Roraima (PPGEO/UFRR). Graduado em Ciências Sociais (Sociologia) e Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Possui especialização MBA em Marketing pela Universidade Gama Filho (UGF/AM), produtor audiovisual e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Modos de Vida e Culturas Amazônicas - GepCultura. Desenvolve pesquisas na área da Geografia Humana e Cultural, em temas como fenomenologia, populações indígenas, epistemologias e saberes tradicionais.

http://lattes.cnpq.br/9297309329979682

E-mail: eder.rodrigues@ufrr.br

Simone Rodrigues dos Santos Gomes


Mestranda em Geografia UNIR (2022); Graduação em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (2011); Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (2014); Especialização em Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal da Paraíba (2016). Pesquisadora associada ao G.E.P. Culturas Amazônicas - GepCultura. Tem experiência na área de Educação com ênfase em Ensino-Aprendizagem; Pesquisa a Filosofia do Ubuntu; etnicidade, ancestralidade em povos quilombolas, Bem Viver. Membro pesquisadora G.E.P. Modos de Vidas e Culturas Amazônicas-GepCultura.

http://lattes.cnpq.br/2749505206628912

E-mail: simogurinhem@gmail.com

Jéssica Ferreira Costa

Bacharela em Serviço Social pela instituição Centro Universitário São Lucas de Ji-Paraná/Rondônia. Especialista em “Educação, Bem-Estar e Felicidade” através da Faculdade Santo Agostinho, Itabuna-BA. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Geografia - PPGG da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Membro do Grupo de Pesquisa em Gestão do Território e Geografia Agrária da Amazônia - GTGA/UNIR. Trabalha no Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas vinculado ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (PPDDH/MMFDH). Além do MST, dialoga com as juventudes do campo e da cidade do estado de Rondônia. Desenvolve pesquisas sobre Campesinato, Agricultura Familiar, Movimentos Sociais, Direitos Humanos e Território na Amazônia.

 <http://lattes.cnpq.br/4243360975847064>

E-mail: jessicateologia@hotmail.com



Temática
E D I T O R A

Fale conosco através do
QR-Code, adicionando-nos aos
seus contatos WhatsApp, via
escaneamento pelo smartphone.





A EFEMERIDADE NAS relações e o individualismo são características que marcam o nosso tempo presente. Carecemos – enquanto sociedade humana – de mais sensibilidade e empatia, confiança e criatividade. Bachelard pode nos ensinar sobre isso, sobre uma maneira mais humana e sensível de ver o mundo, de se relacionar com as coisas e pessoas. Pela fenomenologia descobrimos que não precisamos apenas *saber entender*, mas também *saber sentir*, e que o sentir também faz parte do mundo do entendimento. Devemos assim aprender (para além dos muros acadêmicos) com as crianças e com os poetas, com a vida e com a natureza.

A imaginação bachelardiana não é apenas uma ficção, no sentido do irreal. Ela é uma força pulsante da mente e do espírito humano a qual podemos direcioná-la para sonhar novas e melhores possibilidades socioambientais e políticas, espaciais e culturais.

Refletir sobre a fenomenologia bachelardiana na Geografia é, portanto, abrir novas possibilidades aos estudos geográficos, é ampliar o humanismo na Geografia promovendo diálogos e percepções capazes de interpretar não apenas o espaço concreto, mas as múltiplas inter-subjetividades que desenham o complexo mosaico que chamamos de real.

GUSTAVO ABREU é professor substituto na UnB – Universidade de Brasília. Professor do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG da Universidade Federal de Rondônia. Doutor em Geografia pela UFPR (2016) com estágio de doutorado sanduíche na França, Paris IV Sorbonne. Graduado (2006) e mestre (2009) em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia. Especialista em Psicologia Social e Ensino de Filosofia. Segundo coordenador do G.E.P. Culturas Amazônicas – GepCultura. Além de professor, é músico e poeta, sendo autor dos livros *Geograficidades amazônicas: estudos em geografia humanista e cultural*; *Geografia e arte: o espaço vivido da cantoria nordestina* e *Na beira das matas: poemas diversos*. Desenvolve pesquisas relacionadas à cultura, fenomenologia, arte, política e meio ambiente.

JOSUÉ DA COSTA SILVA é professor titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (1989), mestrado (1994) e doutorado (2000) em Geografia pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado pela Universidade Estadual de Londrina (2016). Atualmente é coordenador do G.E.P. Culturas Amazônicas – GepCultura. Participa ainda como sócio da Rede Núcleo de Estudos e Pesquisas em Espaço e Representações – NEER. Desenvolve e orienta pesquisas no campo da geografia cultural tratando de povos originários, tais como: comunidades ribeirinhas, quilombolas e povos indígenas. Se interessa por questões descoloniais, do bem-viver e epistemológicas na geografia, com ênfase nas abordagens fenomenológicas.



ESTE LIVRO TEM COMO PROPOSTA pensar possibilidades da fenomenologia bachelardiana em análises geográficas. Para tanto, utiliza uma escrita simultaneamente científica e poética, não apenas argumentativa e preocupada com dados e método, mas também emotiva e estética.

Enquanto textos nascidos no seio de um Programa de Pós-Graduação pertencente à região amazônica, buscou-se considerar as especificidades dessa identidade e culturalidade. Nesse sentido, pensa-se um Bachelard não apenas “europeu”, mas universal; um bachelardismo amazônico capaz de dialogar com problemas e inquietações globais, mas também locais e regionais.

O presente livro, através de seus capítulos, aborda temas diversos, tais como: aspectos teóricos de conceitos fundamentais do bachelardismo, redes sociais, dimensões do sagrado em religiões afro-brasileiras, poesia brasileira, relações de gênero, descolonialidade, cinema, memórias da infância e questões agrárias.

O livro apresenta prospectivas para pensar e refletir as possibilidades de um mundo mais poético e estético, mais empático e sensível, mundos em transição que aceitam o desafio de dialogar entre o material e o imaterial, entre o real e os sonhos, entre as burocracias da vida cotidiana e os espaços poéticos dos momentos de prazer.

